

## SONETO.

Passêas pelos Ceos, modesta lua,  
Tão serena e gentil, que tudo encantas;  
Quando appareces, o negro grume espantas,  
Fogem as trévas por virtude tua.

A tua pallidez folgas, que influa  
Nas sensações, que nos produzes tantas;  
Meigas delicias constitues, de quantas  
Bellezas soffrem a saudade crua.

Em quanto pairas pelos Ceos tão bella,  
No peito surge tal melancolia,  
Que as forças da razão nos atropella;

A quem bem sente, inspiras sympathia;  
N'alma contigo a vida se aquartela,  
Contigo a noite vale mais que o dia.

Dr. Zagallo.

## ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 18.

## III.

## O amor de mãe.

Que thesouro haverá no mundo  
Que valha uma alma de mãe?

A. LIMA.

Era na infancia!.. Quem de vós se não commove ao recordar 'nesta só palavra todos os affagos e meiguices, com que essa mulher angelica, que a Providencia vos deu por mãe, vos cercou os vossos primeiros annos?..

Eu por mim não posso lembrar jámais o passado, sem que o doce nome de mãe sempre me assome o primeiro aos labios, como, outr'ora, quando infante, 'nelles um sorriso despertava o seu sorrir!..

Meus amigos, perdoae-me!.. mas qual ha que não tenha experimentado os effluvios da maternal affeição?.. Se algum de vós não gozou os seus carinhos, oh! então que se retire e não me escute, que fundo lhe rasgaria no peito uma ferida a descripção singela e pura dos prazeres, que lhe Deus não concedeu!...

Como é bello o vir ao prado então, e de singelas boninas tecer uma grinalda, que d'essa mulher angelica enlançáramos á frente, se a nossa debil mão, que a custo vergára a

tenra hastea da mimosa florinha, não tremesse de pôr em desalinho essa trança, com que folgavamos de brincar, quando, fatigados da correria, achavamos descanso ao collo maternal!...

Como era bello o perguntar mil coisas, que a nossa curiosidade despertavam, e ouvir attentos a explicação, que, a sorrir, nos dava nossa mãe, adaptando-a, comezinha, á nossa curta intelligencia!.. Como era bello o perguntar de tudo os nomes e de tudo indagar as serventias!.. Como agradava a condescendencia, com que nossa mãe então nos levava a mostrar-nos tudo quanto ambicionávamos vêr, tudo quanto de longe se nos affigurara mui diferente!..

Quem ha que 'nessa idade não tenha desejado tocar a lua?.. Quem é que não tem ambicionado achar-se no cume da montanha, ou do corucheu do edificio, detraz do qual surge encantada a lampada das noites, para d'ahi, como á nossa infantil imaginação parece, a podermos abraçar?..

Quem é que, na infancia, não tem cubiçado contar as estrellas do firmamento, ou não tem imaginado mil hypotheses, todas singelas e poeticas, para explicar aquella multidão de lumes cuja origem desconhece?.. Lembraes-vos que vossa mãe vos disse então que eram as luzes das casinhas dos anjos?.. Lembraes-vos da idéa risonha e phantasiosa, que então formastes dos espiritos celestes?.. Lembraes-vos como então quasi que appetecestes tambem de serdes cherubins do Senhor, para de perto gozar d'essa prespectiva que tanto vos fascinára?.. Oh!.. se d'isto vos lembraes, haveis de amar a infancia!.. se ainda gozaes do maternal carinho, mais doce vos será o recordar os dias da lèda meninice, sem que as amarguras d'uma saudade eterna venham com goivos sepulchraes entrelaçar o festão das candidas boninas de vossas mais risonhas lembranças!.. Se gozaes ainda o maternal carinho sorvei a longos tragos, soffregos e avaros, todo o enlevo d'alma... todo o deleite do espirito, que a sua companhia vos concede; pois que um dia virá talvez, em que tenhaes de regar com prantos do coração as rozas funereas, que se menciam em derredor da campa d'essa mulher querida!.. Gozae vós o seu carinho e perdoae-me a lagrima sincera, que me aqui anuvia a vista, o suspiro intimo que me a voz entrecorta; que a lagrima e o suspiro são um feudo d'amor e de saudade!...

IV

## A afeição paterna.

Oh meu pae! oh meu pae, como a memoria  
Me reflecte alta noite a tua imagem  
Par entre um veu de involuntario pranto!

A. HERCULANO.

Uma lagrima ainda, meus amigos, ainda um pranto, que nos olhos me exprime agra saudade!.. Todos vós tendes gozado do paternal carinho, todos vós haveis experimentado essa doce emoção de prazer, que vem causar no animo do infante a noticia de que *amanhã* seu pae o levará a passeiar ao campo!!! Que mil deleites não phantasiavam nossas mentes pequeninas! como nos chega a occorrer a idéa de que o proprio Deus se accurrará aos nossos desejos, mandando-nos um dia mais honito e mais risonho que os outros dias todos!.. Como nos parece então, a nós, concentrados apenas no recinto das nossas ruas, que o mundo se dilata por espaços illimitados, quando mal temos dado alguns passos fóra dos limites da nossa povoação!.. Que idéa que então formamos da grandeza da terra!.. Como nos admira, a nós, que jamais vimos senão o tanque do jardim, como nos admira a vasta extensão de agoas, que o mar desdobra diante dos nossos olhos!.. Que caprichosas chimeras nos phantasia a mente ácerca do horisonte que parece mergulhado nas ondas do oceano, lá onde se perde á nossa vista!.. E o campo?.. Que seducções não têm para nós as campinas!.. Como perguntamos mil vezes quem veio plantar os malmequeres e boninas, a madre-silva e o azevinho que matisam os tapetes do prado, ou revestem os muros da turtuosa azinhaga!.. que espanto que nos causa o ouvirmos dizer que ninguem os alli semeou, que foi a mão de Deus que os fez alli crescer!.. E que idéa então formamos do Creador!.. Tão risonha!.. Tão singela!.. Tão espirituosa e espiritualmente materializada!..

Oh!.. se tivestes o amor d'um pae! se, em dias de infantil idade, fostes com elle divagar pelas campinas, namorar os prados, rever-vos nas agoas do oceano, e perguntar-lhe mil coisas e de tudo e de todos, então perdoae-me outra lagrima singela, que me aqui rola nas faces!..

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 18.

XVII.

A chegada do caloiro.

Leitor! se tiveste que fazer, podias ter fechado o jornal por tres dias no fim do capitulo antecedente, e volveres só ao quarto, que ainda assim chegavas a tempo de assistir á chegada do sr. Carlos da Cunha e Mello, o amigo de infancia do nosso heroe, que fazia a sua antrada triumphante de caloiro no dia 26 de Julho pelas cinco horas e meia da tarde.

Effectivamente quatro dias se tinham passado depois dos ultimos acontecimentos, descriptos fielmente no anterior capitulo. Ricardo tinha feito um pacto diabolico com a consciencia, pelo qual tinha podido encaixar no coração Carlota e D. Constança, mentindo de dia a uma para de noite mentir á outra.

«E Adelaide?» — me perguntará agora a amavel leitora do principio d'este seculo, defensora nata dos primeiros amores, carraça em materia de constancia, e intollerante em extremo para estes amores bastardos consagrados ás *filles entretenues*, ou estas admirações hybridas, dedicadas ás *coquettes* do grande tom. — «E Adelaide?»

Adelaide essa apparecia-lhe como uma doce visão lá muito ao longe, como uma sombra duvidosa a desvanecer-se no horisonte da vida; era para elle como se tivesse morrido, e que uma saudade vaga e inexplicavel o prendesse ao phantasma erguido do sepulchro, ainda bello e fascinador! Ricardo amaria Adelaide? Talvez! mas entre elles corria um lethés chamado ausencia!..

Feita esta pequena digressão, para descanso das amadoras macissas e inamoviveis, prosigamos na nossa importantissima historia!

Oh! tempos que lá vão!.. quando um caloiro transpunha a ponte de Coimbra, escaranchado em orelhudo animal, coberto todo de loiro, e empunhando a competente cana verde!.. Eram bons tempos! Hoje a malaposta acabou com essas vistosas entradas de caloiros, e todos vêm familiarmente sentados ao lado ou defronte dos seus veteranos, sem mais respeito nem distincções!.. Mal haja este novo meio de viação, que perverteu os costumes! mal hajam as malas-postas, que

proclamaram *liberdade, egualdade e fraternidade* para o caloiro, que outr'ora vinha para aqui com pello de urso, orelhas de burro e miolos de camello, e só passados na fieira das cassoadas, é que soffriam a completa metamorphose, que os devia converter em homens; quer dizer, muitas vezes perdiam o pouco pudor que tinham, deslembavam frequentemente brios e vergonhas, e adquiridas as doutrinas de *boa-feição*, expendidas no *palto-metrico*, podiam-se então chamar gente, esses que até ahí só eram bichos, peludos, et caetera!..

Bom modo de educar a mocidade!.. bella escola de costumes!.. Mas as caçoadas aos caloiros eram muito uteis, a academia era então muito mais respeitada, pela sua força physica, se entende, e da universidade podiam sair por anno vinte jogadores de páu, doze de faca, e trezentos ou quatrocentos que, com um murro, derribassem um touro, ou mesmo uns embargos juridicos!.. E viva a utilidade das caçoadas!..

Ora o nosso caloiro, se não passou por essas de outr'ora terriveis provas de engraxar as botas e servir á meza aos seus companheiros de jornada, (coisa realmente muito estúpida para quem padece nostalgia e dores de rins, resultantes da saudade da patria e do chouto do cavallo) o nosso caloiro, digo, se não soffreu essas tremendas humilhações, que os nossos antepassados arvoravam em navalha de tirar pello, todavia não entrou impune na ponte de Coimbra, e o mais galante é que elle a si proprio se caçoou. O caso foi este.

Carlos, como já se disse, tinha mudado muito de fortuna. Seu pai, que tinha outr'ora fechado o seu escriptorio commercial, agora, rehabilitado por uma herança, tornou a apparecer na praça de commercio, e a sua firma, que jámais fôra desacreditada por uma falencia, reapparecia agora com mais credito, que nunca. Carlos pois não se poupou a despesas para vir com commodidade. Mas querendo aproveitar a occasião de vir por Thomar, para vêr um seu tio materno, que, de ha muito não vira, alugou uma calça e nella viu pela estrada velha, que de Thomar conduz a Coimbra.

Chegado ao alto das Calçadas, d'onde se avista Coimbra, a rainha do Mondego, reclinada no seu tapete de esmeralda, e coroada com o seu diadema glorioso—o edificio da Universidade—o nosso bom Carlos embasbou; viu Coimbra vestida com toda a sua lou-

çania e pompa, e suppoz que ia entrar 'num paiz de fadas, 'numa mansão de huris... mas em breve caiu do alto das suas illusões imaginarias ao lembrar-se que, para entrar no tal supposto eden, tinha de transpôr essa ponte lançada sobre o Mondego, onde pela fama lhe cõtaram as mil torturas, que soffriam os caloiros. Carlos não sabia ainda nada do progresso, mesmo porque os estudantes de Coimbra costumam na sua terra exagerar as partidas, que aqui fazem, com a mais atrevida hyperbole, precavendo-se bem de confessar a decadencia, que os melhoramentos materiaes do paiz, tem causado nas caçoadas.

Carlos portanto, na sua completa ignorancia, receou arriscar-se, e resolveu caminhar pelo seguro. Com este intuito, mandou fazer alto ao caleceiro, rasgou do seu *memorandum* uma folha e 'nella escreveu o seguinte:

«Ricardo! — Estou á entrada da cidade — receio passar a ponte, e por isso peço-te que venhas servir de protector ao teu do coração — Carlos.»

Dobrou e deu a um rapazito a quem prometteu pagar bem se elle cumprisse satisfatoriamente a sua missão!.. Carlos por felicidade sabia o *adresse* do seu amigo, e por isso esperava em breve atravessar a terrivel ponte debaixo da protecção de um quintanista.

Em quanto o nosso amigo se apêa do seu vehiculo, accende o seu charuto, e espera o seu veterano, matando o tempo em dirigir mil perguntas ao arriero, vamos nós levar o leitor a Coimbra, e dar-lhe uma breve descripção d'esta cidade tão decantada.

Continúa. A. M. da Cunha Bellem.

Não podemos deixar de publicar no nosso jornal a felicitação, que o nosso condiscipulo e amigo o sr. Miguel Moreira da Fonseca, em nome dos nossos collegas da faculdade de Direito, acaba de dirigir ao ex.<sup>mo</sup> auctor do Projecto do Codigo Civil Portuguez, e bem assim a resposta com que s. ex.<sup>a</sup> se dignou honrarnos.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A franquesa e lealdade são o apanagio mais nobre da intelligencia.

Nem com o caracter da juventude se compecede a ignobil adulação, que, ordinariamente tem por fundamentos o vil egoismo,

tão torpe em sua origem, quanto brutal em suas consequências.

Póde, pois, v. ex.<sup>a</sup> crer, que a mocidade applicada á Sciencia Juridica exprime a verdade, confessando que vem render sincero preito a v. ex.<sup>a</sup>, congratulando-se de manifestar seus sentimentos d'acrisolado respeito, a que tem direito incontestavel um merecimento assás provado.

As producções variadas do primeiro Jcto do reino, que o genio assignalou com o cunho da immortalidade, eis o alicerce em que se apoia o conceito elevado que por justos titulos v. ex.<sup>a</sup> merece.

Para quem tem o prazer, tão delicioso, como inaufervel, que a consciencia do merito sabe dar; para quem até estrangeira potencia liberalizou provas de subida consideração; nossas homenagens são por ventura bem mesquinha offerta.

Mas deixe ao menos v. ex.<sup>a</sup>, que os manebos dedicados á ardua Sciencia, destinada a reger a humanidade na coexistencia social, dê livre expansão ao sentimento de sincera affeição, que com orgulho nutrem para com quem a Patria querida quiz engrandecer, honrando-a com a primeira e indispensavel condição de nacional prosperidade — uma sabia Legislação.

Em nós por tanto o amor da sciencia e o Patriotismo á profia nos compellem a expressar a v. ex.<sup>a</sup> — que, embora seus preciosos trabalhos não sejam coroados com o devido galardão, que ao merecimento roubam muitas vezes vis paixões; nada em nós poderá entibiar a gratidão e acatamento para com aquelle que na honrosa estrada das letras tambem mereceu da Patria.

#### RESPOSTA.

Meus senhores, estas demonstrações de benevolencia tão espontaneas e tão francas penhoram-me infinitamente, e são o melhor galardão das minhas fadigas e a que eu poderia aspirar.

Meus senhores, a geração que expira e a que eu pertenceo, tem sem duvida bem merecido da patria pelos esforços que tem feito por consolidar a sua liberdade politica affrontando o exilio, o cadafalso, a morte e vertendo seu sangue nos campos da batalha: mas esta geração ainda não tinha feito cousa alguma pela liberdade civil, que é a melhor garantia da prosperidade publica; e digo da liberdade ci-

vil, porque aonde a lei é incerta, confusa ou não existe, não ha senão arbitrariedade e arbitrariedade é a negação de toda a liberdade. Coube-me a mim a sorte de ser encarregado d'este importante legado. O meu trabalho está concluido como sabeis, porém não passa de letra morta por em quanto, e d'um livro de doutrina. A vós compete animal-o e dar-lhe vida, formar uma opinião que seja capaz de quebrar as resistencias que nunca faltam a uma empresa de semelhante natureza: é indispensavel arredar a indolencia e apathia dos que não podem esquecer o que apprenderam e nada querem saber de novo: vencer as opposições, os interesses criados á sombra do abuso, talvez tambem recalcar a má vontade de mesquinhas opposições pessoases.

Quando a nação na sua grande maioria reclamar o Codigo, estai certos de que hade ser lei, e no entanto nunca será perdido para a doutrina.

Espero em vista das boas disposições que acabais de revelar-me, que effectivamente assim hade succeder.

Da minha parte está ajudar os vossos esforços esmerando-me continuamente em melhorar esse trabalho de que tanto depende prosperidade publica. E concluo estas poucas palavras rogando-vos manifesteis aos vossos condiscipulos e amigos, que estas provas de benevolencia da parte da mocidade academica jámais se apagarão no meu coração e na minha memoria.

Antonio Luiz de Seabra.

#### CHARADA.

Temos vinte e quatro filhas }  
Eu e minha negra mana: } 2

Sou medida, e a certeza }  
Do verso de mim dimana } 2

Para eu assim me chamar  
Hei de um corpo atravessar.

M. J. Pires,

#### EXPLICAÇÃO DAS ANTECEDENTES.

- 1.<sup>a</sup> — Jurisprudente.
- 2.<sup>a</sup> — Marmello.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 2

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270

1859 — MARÇO — 15

## O HOMEM E O TRABALHO.

In sudore vultus tui vesceris pane, donec revertaris in terram de qua sumptus es.

GEN. CAP. III, V. 19.

Pequeno em relação a Deus, que o creára, e á verdade, que o illuminava, o homem era grande pela sua natureza immorttal e pelos altos destinos, que lhe foram revelados.

Superior a toda a criação, ente mais perfeito era tambem o mais feliz, pois a acção directa de Deus lhe infundia a sciencia e a immortalidade, como os raios do sol entretêm nas plantas da terra a vida e o viço.

Num Eden de delicias adorava o creador, cuja mão munificente lhe doára as galas da natureza com o dominio sobre todos os animaes da terra; brilhava a aurora da ventura; mas, qual flor ephemera, que brota e murcha, viu-a raiar e logo esvaecer-se, por quanto a desobediencia primitiva o reduziu á morte, miseria e poder do espirito das trevas.

Em sua alma ficou subsistindo uma lembrança hereditaria da sua antiga grandeza e poderio; e, qual rei desenthronizado, que a força dos povos amigos leva á reconquistar suas terras e dominios, assim fortalecido em sua fraqueza pelo inestimavel beneficio da Redempção, lueta constantemente para merecer a nobre posição, d'onde fôra arrastado.

Ente duplicado, tocando por um lado o nada, por outro o infinito, é o mysterio do mundo actual, o escravo e rei da criação!

Condemnado pelo Eterno a comer o pão quotidiano a custo do suor do seu rosto, transmittiu á posteridade este funesto decreto, legando-lhe o cumprimento da terrivel sentença: assim o trabalho, consequencia e punição da queda original, tornou-se uma necessidade, a que mortal algum já-mais pôde eximir-se.

Para ganhar o pão de cada dia trabalha com afan e canção a turba do laborioso povo, que, ou d'entre as respeitaveis maquinas, berços da industria, ou sobre a dura terra, que fertilisa com o proprio suor, offerece os vigorosos braços, dispostos a saciar as mutuas necessidades, e a solida prosperidade. — O commerciante, cuja fortuna, quer na terra, quer no mar, dominam as vicissitudes, occultas á intelligencia humana:

Luctantem Icaris fluctibus Africum  
Mercator metuens, otium et oppidi  
Laudat rura sui: mox reficit rates  
Quassas, indocilis pauperiem pati.

O artista, já imitando as bellezas da natureza, já creando produções imaginarias. — O magistrado, que defende e conserva as leis em vigor, produzindo a saude civil e a paz interior. — O medico, ensinando os meios de dilatar a vida e restabelecer a saude. — O soldado robusto, que, votado ao

serviço da pátria, expõe o sangue e a vida em honroso sacrificio.—

Martia qui ob patriam pugnando vulnera passi.

Trabalham ainda a troco do misero sustento, dissipando o escuro da ignorancia, o sacerdote, que se dedica ao puro e tremendo ministério de vigiar sobre os altares, e de offercer em mãos purificadas á Divindade não sordidos e indifferentes dons, mas votos e corações puros, ou de justos illustrados, ou de rudes innocentes.— O sabio, que descobre e propaga a verdade, desviando os erros e os crimes.— O legislador, que, dando leis justas e rectas, promove o bem da humanidade.— A todos para viver cumpre soffrer a pena imposta ao protoparente, e transmittida a toda a sua descendencia.

Não podemos, pois, recorrer ao producto do alheio trabalho, desconhecendo os esforços proprios. Se o infante não se exercita, trabalhando, e toda a occupação seria repugna ás primeiras edades, é que a natureza lhe destinou este periodo da vida a outras funcções importantes, e inspirou aos paes cuidar e vigiar sobre as necessidades de seus filhos. A velhice, que antes procurára pelo trabalho, satisfazer as miserias da vida, sentindo as faculdades entorpecidas, e vendo ante si o tumulo, descança e obedece a força maior. Entre estes extremos, as outras edades exercitam-se no trabalho, imitando o verdadeiro heroismo do apostolado (1) e cumprindo a lei.

Sobre necessidade, é o trabalho um dever no homem, pois desenvolve suas faculdades physicas e intellectuaes, cumpre a vontade do Todo-Poderoso, e adquire progressivamente a perfeição primitiva, rehabilitando-se para merecer um logar na mansão da paz.

Trabalhando, adquirimos os preciosos bens, que ostentam ainda nosso poder.—

(1) Ep. II, B. Pauli ad Thessaloniceenses, cap. III, v. 8. — neque gratis panem manducavimus ab aliquo, sed in labore, et in fatigatione, nocte et die operantes ne quem vestrum gravavimus.

O trabalho, dirigido pelo engenho humano, cortando florestas seculares e roteando a terra, onde sómente dominavam os espinhos, fez brotar as abundantes mes- ses e douradas espigas, que ondeiam no largo campo; levantou a colossal estatua de Rhodes; pyramides, por cuja cima o tempo apenas roça as ferreas azas:

Sa masse indestructible a fatigué le temps;

edificou as soberbas muralhas de Thebas e suas cem portas; fundou Babylonia, Memphis, Palmyra, monumentos, orgulho dos seculos, que os produziram; servindo-se dos cinzeis, pretendeu em Corintho animar os bronzes e o marmore:

La toile est animée, et le marbre respire;

zombou do raio, prendendo-o e apagando-o; convidou os habitantes dos dois hemispherios a corresponderem-se mutuamente num instante; encurtou as distancias, e dissipou até as trevas da noite!

Hoje seus horisontes alargam-se, aperfeiçoando as artes, que, como rio caudal, espraíam-se pela terra:

Tum variae venere artes. Labor omnia vincit  
Improbis, et duris urgens in rebus egestas.

F. P. Santa Clara.

## DAS ARTES COMO INSTRUMENTO PODEROSO DE CIVILISAÇÃO.

Tudo nasce pequeno; mas, assignado pelos decretos da Providencia um destino a todos os entes, ao cumprimento d'esse destino marcham naturalmente.

Isto no mundo physico; porque, pelo que respeita ao mundo moral, como o homem é senhor de suas acções, o progresso depende de si mesmo, embora se considere a lei do progresso como natural e necessaria.

Bem pouca reflexão basta para admittir isto, que á primeira vista parece um contra-senso, um paradoxo. *Le monde marche de PALLETAN* é uma verdade incontestavel, confirmada pela historia, e até pela religião, que, dando

ao homem um principio e fim sublimes, implicitamente proclama a lei da perfectibilidade, visto deixar ao livre arbitrio do homem marchar direito ao seu destino, ou degradar-se de sua elevação.

Desde que imperiosas e legitimas necessidades urgem o homem, de sua intelligencia elle tira idéas, que até ahí bem longe estava de entrever.

Nem é menos certo que essas idéas realizadas tornam a vida humana mais rica e variada.

É esta a marcha natural; nem a isto dão desmentido successos desastrosos, que fazem recuar as sociedades.

Parece que de pensado o fazem, para que, amedrontados pelos horrores das paixões e ignorancia, com maior avidéz procurem reentrar no caminho da civilisação, cujo desvio tantas penas lhes causára.

Póde então dizer-se que recuam procurando um ponto de apoio firme, para, com um esforço maior, se arrojarem, em mais longe.

É assim que a uma administração, demasiado concentrada, succede a benéfica forma de governo, que, garantindo as liberdades individuais, franquea ao cidadão um vasto campo para exercer sua actividade.

Na politica o feudalismo, na vida civil o systema prohibitivo, são provas não equivocas do que avançamos.

É por tanto para nós da maior evidencia, que, não obstante os terriveis abalos em que se debate por incidente a sociedade, ella marcha a seu destino, obedecendo á lei do progresso.

As idéas já existentes com ulterior desenvolvimento, e as novas que a philosophia vai elaborando, marcam as phases por que passa a civilisação, sempre crescente.

Mas a idéa, de per si só, não passa d'uma abstracção, que ficará esteril, fazendo, quando muito, o orgulho do philosopho, se, realisa, não trazer uma commodidade ao homem.

E, para realisar-se, varios processos podem empregar-se até se chegar ao mais perfeito. Estes, nos diversos ramos de actividade humana, constituem as diversas artes, de que por isso tractaremos, como instrumento civilizador.

Consideraremos, á luz da historia, as artes como libertadoras, numa grande parte, de classes, que, victimas d'estupidos prejuizos, á actividade própria deveram sua emancipação.

Continúa.

M. Moreira da Fonseca.

## A USURA Á LUZ DA ECONOMIA POLITICA E DO DIREITO

Longe vai a epocha em que o benéfico elemento social era pouco conhecido, e muito desprezado. Hoje o individuo é a nação, e esta o individuo; e talvez em breve a palavra nação possamos substituir a palavra humanidade.

O sangue, que na actualidade anima os membros da sociedade, é um e o mesmo. É uma das arterias sociaes, por onde este principio de vida e acção se transmite, é a troca no seu sentido mais générico.

A producção moral e material necessita do concurso de diversos elementos, que por isso raras vezes se encontram reunidos num só homem. Vem contudo o contracto do emprestimo supprir esta falta, convertendo o capitalista em emprehendedor, e este em capitalista, que, desligados, nenhum resultado favoravel podiam obter.

D'aqui podemos logicamente concluir que todos os embaraços a estes contractos são anti-economicos e anti-juridicos: em cujo numero occupa o primeiro logar a legislação, que marca o juro do dinheiro obtido pelo emprestimo, taxando de usurario o contracto, em que se estipular um juro superior a este. Da usura resulta pois a nullidade da convenção naquella parte, em que se determinou um juro excedente ao estabelecido na lei.

Sendo os homens dotados de propriedades e qualidades moraes distinctas, e sendo tambem differentes os riscos, que o capital mutuado soffre, e em geral as circumstancias dos contrahentes, temos tal lei como infundada. Estes principios são incontestaveis, não têm demonstração; contudo as verdades mais triviaes são ás vezes as que mais escapam ás superiores intelligencias, que, elevando-se ás altas regiões da sciencia, cahem em desvario.

As intenções da lei boas são: assim o fossem os seus resultados. A practica de todos os dias, em apoio da theoria, nos mostra que a lei é defraudada sem ella o conhecer, e que, naquelles casos em que ella tem applicação, augmenta a miseria do pobre, em vez de lh'a diminuir.

Dois individuos precisam pelo seu trabalho d'alguns capitaes: um d'elles tem propriedades, com que possa exuberantemente garantir a solução da divida, e tem a sua reputação bem fundada: o outro tem apenas algum credito.

Qual d'elles, havendo um juro taxado pela lei, obterá a preferencia do capitalista?

Sem duvida que seria o primeiro, isto é, aquelle que menos necessita; e o pobre morrerá de miseria, porque não póde alcançar um capital, em que empregue o seu trabalho; o que não succederia, se fosse permittido ao capitalista fazer-lhe o emprestimo com um juro mais elevado, em virtude dos riscos, que tem de supportar o capital mutuado.

Além d'isto convém notar que a usura é antes o resultado da taxa do juro, imposta pela lei. Os capitalistas probos não querendo, ainda ás occultas, infringir as leis, e não lhe convindo dar de emprestimo por um tão modico interesse seus capitaes, dão-lhes uma outra applicação; resultando d'aqui o augmento do juro pela diminuição dos capitalistas mutuantes.

Ha leis na natureza, que os homens não podem alterar, e que pelo contrario merecem ser respeitadas pelos beneficos resultados, que produzem. Nestas circumstancias está a lei invariavel do augmento ou diminuição do juro, segundo a procura dos capitaes fór superior ou inferior á offerta dos mesmos.

Tem sido mui variada a nossa legislação sobre o juro dos capitaes mutuados. As nossas Ordenações L. 4, T. 67, principiam determinando que nenhuma pessoa possa dar de emprestimo ouro, prata ou qualquer especie de dinheiro, sob pena de perda do capital, e pela primeira vez dois annos de degredo para as costas d'África, indo contra esta disposição.

As leis canonicas, como nos refere o sr. Ferrêira Borges no seu dictionario commercial, estão concordes com as Ordenações.

Os Alvarás de 23 de Maio de 1698, e de 17 de Janeiro de 1757, admittem o juro até 5 por cento. Em commercio o juro é arbitrario.

Não negamos, que o juro excessivo é um roubo commettido pelo capitalista, que a philosophia do direito reprova em certos casos.

O capitalista com o empresario formam uma sociedade, na sua maior simplicidade; e, sendo da natureza das sociedades a repartição igual dos lucros, seria injusto que o primeiro recebesse todos os proveitos, quando estes eram tambem resultado do trabalho do emprehendedor. Como porém o capitalista não quer sujeitar-se ás contingências do interesse, estipule um juro certo, mas que nunca deve exceder o termo medio dos prejuizos e dos lucros, que naturalmente acompanham certas e determi-

nadas empresas. Todo o juro, portanto, que exceder a este, é injusto e illegal, sómente obtido á custa da miseria alheia.

Nem se diga que o contracto fazendo a lei entre as partes contractantes, o que pede dinheiro por emprestimo se deve sujeitar ás clausulas do mesmo contracto. É um absurdo inqualificavel o suppor-se que o mutuario se obrigue a pagar um interesse tão extraordinario, que o seu trabalho fique sempre sem alguma recompensa.

Desenvolva-se a moralidade pública. Instituem-se os bancos territoriaes; caixas economicas, e em geral empreguem-se todos os meios que a Economia Politica demonstra serem apropriados para a economia dos capitaes, que o resultado será o exterminio de todos estes embaraços, que tanto impedem o progresso moral e material da nação.

Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

A ...

Elle etait aimable et belle!  
Son pur éclat s'est flétri,  
Et trois fois l'herbe nouvelle  
Sur sa tombe a fleuri.

Vouo-me o sonho da infancia

Num meigo e ledo sorrir,  
Sem dar valor á existencia  
Sem me lembrar do porvir.

Flor d'um só dia, o meu sonho

Foi como a rosa singella;  
Foi como em noite de estio  
Cadente rapida estrella!

Que era tão lindo o meu sonho

Todo crença, todo amor!..  
D'esse engano me acordaram  
Os desenganos da dor!

Mimosa pobre florinha

Frio gelo te murchou!  
Sonho da vida, a ventura,  
Como tu, breve passou!

E eis-me no tumulto em vida...

Se posso em vida fallar!  
Pobre existencia... se posso  
Isto existencia chamar!

D. Marianna Poyoa

De tudo ha.

Ha prosa, ha verso, e ha poesia.

E ha prosa em verso, como ha poesia em prosa.

Escrever prosa em verso é tocar *a compasso* num realejo.

Que vezes não tenho eu dado á manivela!

A poesia, essa, não! A poesia ainda em prosa — é oiro; e em verso, *oiro sobre azul*.

Ora digo eu: oiro sobre azul — é o que me parecem a mim os versos que precedem.

Espontaneos e nus como um gemido, lêem-se e *sentem-se*: *recem-nascidos* d'alma, a gente beija-os na sua ingenuidade.

De quem são elles?

Quem é que assim apalpa no coração primeiro, antes que escreva?

Quem é que assim — *copiando-o* — ensina aos *inféis* a unica religião sancta na arte?

Não sei! Não sei, mas dir-lhe-hei:

Mulher! Meia-existencia, como cada um de nós o somos, gemes tu na viuvez de *um outro* coração?

Pombinha de uma só aza, andas tu ahi de rastos solitaria, sem que possas voar á felicidade?

Ouve: a flor não vóá, e exhala o seu perfume. Canta e escreve!

Canta e escreve, que a alma assim dilata-se.

Quando d'uma rocha elevada, quando d'um ninho d'aguia se despedem os olhos á terra, vêem-se as miserias da terra de uma nuvem do céu.

Assim é tambem no Sinai dos espiritos — na imprensa — na luz! mil palpebras se humedecem das nossas lagrimas; mil corações palpitam aos impulsos do nosso!

Cuidas? Poetisa! No mundo ha mais de um infeliz.

Ha pouco ainda se me affigurou a mim volver-me alguem uns olhos compadecidos.

Desaffeito á piedade, enterneceu-me aquillo!

Fitando-a, puz a ponta d'um dedo no coração e *escrevi*... (?)

Fiz mal!

Copias d'uma existencia obscura, que lhe importavam a ella as minhas cartas?!

E isto foi hoje. Amanhã tive ainda saudades d'aquelle olhar assim — fui...

Sabes? Ella tinha prohibido aos seus olhos que me vissem!!

Não era uma rosa. Não, poetisa! Mas como eu amava aquella violeta! Como eu prophetisava, quando uma vez escrevia:

Ah! se eu fosse borboleta,

Violeta!

Por quem ao sol derreteria

As minhas azas de cera,

As azas da borboleta,

D'oiro em pé?

Ah! se eu fosse borboleta,  
Violeta!

Eu deixava a rosa e a dhalia  
Nuvens, bosques, céu da Italia,  
Por ti só!

E aos seus olhos...

Não digo!

João de Deus.

## SUSPIRO.

Não ter lagrimas que apaguem  
O fogo d'esta paixão!..  
Não ter mãosinhas que apaguem  
O meu pobre coração!

Não ter uns labios que beijem  
Estes meus labios tambem!  
Não ter eu azas que adejem...  
Voar... e não ver *ninguem*!

## INVIDEO QUIA QUIESCUNT.

(1836)

Longe de um mundo agitado  
Quero um pouco repousar...  
Quero sosinho pensar  
Sobre a campa do finado...  
Este asylo socegado  
Como jaz quieto e mudo!!  
Fado bom... destino rudo...  
Tudo aqui vem perecer...  
Amor... glorias... e prazer...  
Com a morte acaba tudo.

Tudo acaba; a morte encerra  
Fim de agitadas paixões;  
Duro pezo de afflicções  
Não se entranha 'nesta terra!  
Vai d'aqui bem longe a guerra,  
O coração nem palpita...  
Sem pulsar, já não se agita  
Com tormentos infernaes!  
Aqui já não soffre mais;  
Nas campas a paz habita.

Alem das campas geladas  
Terminou o soffrimento;  
D'ausencia o cruel tormento  
Não sentem frias ossadas...  
Lá descancam socegadas  
No seio da eternidade...  
Livres já da crueldade  
Do nume dos ais, do pranto,  
Estende-lhe a morte o seu manto...  
Lá não se encontra a saudade.

A saudade lá fenece,  
Lá baldam seus rigores;  
Entre susto, pranto e dores  
O morto não se enfurece.  
Na campa tudo adormece,  
Todo o mal allí se evita.  
Abre-te, ó campa bemdita,  
Quero dormir em teu seio,  
Pezares lá não receio,  
Lá não se encontra a desdita. (F.)

### SONETO.

Teu discurso, fidalgo, não convence  
Aquem tuas razões não acredita;  
Satellite da terra a lua imita  
O cão fiel, que a seu senhor pertence.

Oh! Excentrica a lua! Quem bem pense  
Solta assim phrase, impunemente dita?  
Até onde a arrojara essa infinita  
Força immortal, que as resistencias venre?!

O lunar movimento não seria  
Tão regular, se um centro não houvera,  
Do qual em torno a lua gyraria.

Principios taes o calculo assevera:  
Oh! Deixa qua a tenaz philosophia  
Siga este assumpto com verdade austera.

Dr. Zagallo.

### ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 1.

v.

Illusões e sonhos.

De noite em doces sonhos que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam.

CAMÕES.

Como veloz se move a pendula do tempo!  
Como rapidos se deslisam, um a um, os grãos  
de arêa, que na sua ampulheta se contêm!  
como em vertiginoso movimento gira impassivel  
o fatal ponteiro!.. E as auroras se repetem,  
e as noites se succedem, e os annos  
volvem, e emfim o tempo corre... vò... e nós,  
deslembrados então e não cuidadosos, saudamos  
o dia que surge no horisonte com a indifferença  
mesma com que o adeus dissemos ao dia que  
findou!.. É porque então as trevas do hoje  
não são dissimilhanes das que passaram  
hontem.

É porque então ellas todas nos recebem  
para em roseo leito nos embalarem em somno

deleitoso, bafejado pelo sorrir de infancia e  
cercado sempre e sempre por mentirosos, mas  
seductores sonhos.

É porque então a luz, que segue a noite,  
nos vem acolher risonhos ao despertar, como  
que atando o nexo dos pensamentos capricho-  
sos e insignificantes, mas delicados e virgi-  
neos, que ao adormecer nos acalentaram! É  
porque então é tudo gala e tudo riso no espirito  
que não se estorce ainda nas mesquinhas  
lucubrações do calculo ou nas geladas concepções  
do descrer!.. É porque então *era na infancia!*

E quão bella é a aurora da existencia com  
seus recreios e prazeres, com seus brincos e  
folgares!.. e até as lagrimas, que ao depois  
tão amargosas nos serão, 'nessa bella quadra  
são qual orvalho matutino, que humedece e  
faz desabrochar a rosa da mocidade!.. e as  
proprias lagrimas, essas lagrimas primeiras,  
*preludio a tantas que na vida se hão de ver-*  
*ter,* são, como os leves agoaceiros de prima-  
vera, precursores da mais risonha bonança,  
que apóz se lhe seguirá!..

Meiga infancia!.. quão risonhos são teus  
dias com seus velozes pensamentos!.. quão  
feiteiceiras tuas noites com seus mentirosos e  
encantados sonhos! Meiga infancia! como és  
bella!

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

### NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do n.º 18, 1.º vol.

v.

*Carta d'El-rei D. Diniz ao Alcaide mór d'Elvas,*  
*e doações que El-rei fez.*

Fernão Martins Curutello foi o primeiro  
Alcaide mór da villa d'Elvas, e lhe succedeu  
Rodrigo Fernandes. No anno de 1282 era Al-  
caide mór Ruy Fernandes, que molestava o  
povo, do que a Camara se queixou a El-rei D.  
Diniz, que lhe escreveu a seguinte carta:

« Dom Diniz pela graça de Deus, rey de  
Portugal e do Algarve. A vós Ruy Fernandes,  
Alcaide d'Elvas, saude. Sabede que o Conselho  
d'essa villa se me enviou a queixar que lhe  
mandastes filhar saleteyra e esbulhar os leytos  
d'ella, e vós sabedes e devieis saber, que eu  
hey defezo que nenhum Alcaide non filhe a  
nenhum saleteyra contra vontade de seus do-  
nos, porque vos mando que logo vista esta  
carta lhe entreguedes saleteyra, e se lhe em

ella algum damno fizestes, mando que lho correjades mui bem, e defendo a vós que d'aqui em diante lha non filhem contra sua vontade, d'onde al non façades, se non a vós me tornaria, e mando que o Conselho de Elvas tenha esta carta, dante em Sylves, o primeiro dia de março de 1282 — Rey.»

Quasi por este mesmo tempo se assentou, que dos bens dos Templarios, que tinham neste reino, se instituisse uma nova milicia, chamada de *Christo*, para impedir as entradas dos mouros no reino do Algarve, e havia de ter seu assento em Castro Marim, e por esta razão ficaram os bens, que os Templarios tinham em Elvas, á Ordem de *Christo*; d'elles foi instituida uma rendosa Comenda, que chamaram do Torrão, por ser esta a maior herdade, das que lhe pertenciam, além de mais quatro, e as terras que ficam entre a ribeira de Chinchas, em que os Templarios aquartelaram quando tomaram Elvas aos mouros, que são bons olivaeas, que chamam a Comenda, e casas e propriedades, que lhe pagam fóro. Muitos annos andaram nos Alcaides môres d'esta cidade; no de 1709 a possuía Martin Affonso de Mello, conde de S. Lourenço. Hoje, todos sabem o fim, que taes Comendas tiveram.

Os priorados da matriz, e parochias d'Elvas, ficaram de nomeação e padroado real: o da matriz deu El-rei aos marquezes de Ferreira, depois duques de Cadaval, e por isso, quando se erigiu cathedral, lhe deram a provisão de um Canoniceato em logar do priorado que nella appresentavam; o ultimo Conego, por elles provido, foi o falecido Manuel Nunes Teixeira de Lima. Por breve de Sua Sanctidade foram applicados dous terços do dicto priorado aos frades Loyos de Evora.

O priorado da freguezia do Salvador deu El-rei á Serenissima Casa de Bragança, de que instituiu uma rendosa Comenda.

Do priorado de S. Pedro, que é menos rendoso, se creou uma preceptoría do habito de *Christo*.

O priorado de Alcaçova deu El-rei no anno de 1309 á Ordem de Aviz, sendo mestre D. Lourenço Affonso. Foi Comenda, que muitos annos andou na nobilissima casa dos Mirandas.

Á Ordem de S. Thiago deu El-rei trez boas herdades e outras terras, que chamaram Comenda da Espada, que em 1709 possuía Miguel Carlos de Tavora, 2.º conde de S. Vicente da Beira. M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

## DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 1.

## XVIII.

## Metamorphose.

Coimbra é a terceira cidade de Portugal, situada a tantos grãos de latitude, a tantos de longitude, tantos metros acima do nivel do mar, etc., etc. É uma terra linda para ver por fóra, que em quanto por dentro! Deus nos acuda!.. é uma velha casquilha, adornada de alvaiade e vermelhão, para encantar os que passam; mas que observada de perto não tem senão rugas e faltas de dentes!.. Os seus arrabaldes, as margens do seu Mondego são lindas; mas em compensação, as suas ruas são asquerosas; estreitas pela maior parte, no bairro-baixo especialmente onde ha vielas que não têm cinco palmos de largura,—e até as mesmas ruas principaes e os melhores largos são todos irregulares, incompletos, faltos de gosto e de symetria.

Monumentos antigos, tem-os dignos de admiração dos entendedores, mas, pela maior parte, estragados e deturpados pelos aperfeiçoamentos de sua monomania modernizadora, que accommette quasi toda a gente em geral... a ponto de pintarem os devotos a uma soffrivel esculptura de S. João, que ha na porta lateral da Sé Velha, os cabellos de pós de sapatos, as faces e a túnica de zarcão ou roxo rei, e mais uns berliques amarellos, o que dá ao pobre santo uma apparencia exquisitissima!..

Quanto ao mais Coimbra não é ahí uma cidade como outra qualquer, é uma terra que tem sido comparada a varias cousas, pelo contraste que fórma a sua fealdade, embutida em lindissimos contornos... e eu aqui para fazer tambem uma comparação, direi que é um feio seixinho engastado em rico adorno de saphiras e esmeraldas (1).

O que é facto, é que quasi todos os poetas têm cantado esta terra, depois de estarem longe d'ella, e quando a distancia, que por um effeito de optica lhe encobre a fealdade da parte plastica, em virtude das saudades da

(1) Este capítulo foi escripto já ha tempos. Hoje dever é confessar, que Coimbra tem recebido innumeros melhoramentos, e que afora o dedalo immundo do bairro baixo, onde difficil é entrar a civilização material, está uma cidade muito bonita.

juventude, lhe põe em relevo as bellas da parte esthetica, isto é, dos gosos e boa vida, que se aqui passa quando estudante...

— Então trazes alguma resposta? — bradou Carlos ao rapazito apenas o viu despontar ao cimo da ladeira de Santa-Clara.

— Non senhor! Nhor Noitor o tal home que vomecê préguntava tinha saído los-que acabou de jentar.

— Diabo! que maçada! e agora como hade ser isto!!! Toma lá, rapazito, muito obrigado pelo incommodo.

— Nanja por isso nhor noitor: o que eu sinto é qu'o home nun 'stivesse lá... Então com sua licença.—E o rapazito desapareceu pulando de contente por ter recebido seis vintens em prata pelo recado.

Carlos, esse concluiu duas coisas — 1.ª que um homem pôde ser doutor, ao menos em nome, sem entrar em Coimbra, 2.ª que elle tinha de entrar alli sosinho. E quasi que esteve para voltar para traz!

Mas elle ha muito que ambicionava o gráu de bacharel para deixar perder assim tão lisongeiras esperanças, por causa de uma coisa que não valia nada. Não lhe constava que estudante algum tivesse morrido com as caçoadas, e que ficasse doente com gravidade, ha muitos annos que não acontecia; e por consequente, declarou-se fatalista e resolveu-se a partir. Mas, *ad cautellam*, lembrou-se de se disfarçar para assim mais impunemente transpôr a ponte, e por isso disse ao caleceiro:

— Você quer ganhar dois pintos?..

— Por que, senhor doutor?..

— Emprésteme o seu fato.

— E eu?..

— Não sei!.. vista o meu, arranje-se como poder, mas dê-me a sua jaqueta e o seu chapéu.

O que não fará um arreeiro por dois pintos? Despir o condutor da caleça a sua jaleca de briche, e substituir o seu chapéu derrubado pelo *bonet* de viagem do nosso amigo, foi obra de um momento. Pelo seu lado Carlos concluiu a sua mascarada com brevidade, apezar da repugnancia por certos perfumes, que exhallava o fato do caleceiro; mas o amor ás costellas prevaleceu contra o pronunciamento do órgão olfático, que foi submettido á obediencia por meio de um convincente discurso, recitado tacitamente pela bocca do medo.— bocca a que o seculo das descobertas sublimes logrou chrismar em *prudencia*, o que realmente sóa muito melhor que *medo*.

Prudencia ou medo inspirava acções sublimes ao nosso bom e esperto Carlos, que transpunha a ponte da lusa Athenas a trinta ou quarenta passos adeante da caleça, dando aos braços o mais possivel para mais ao natural desempenhar o papel com que elle pretendia illudir os espertalhões dos veteranos de Coimbra, de cuja falta na ponte já se admirava, mas que nem mesmo assim suppunha menos ter caçoado com a sua metamorphose!.. Pobre louco!.. acabava de pagar o tributo á ponte de Coimbra, caçoando-se a si mesmo!..

E os estudantes?.. Esses espalhados pelos bilhares da *Calçada* e pelos botequins do bairro alto, e por muitas outras partes boas ou más, nem sequer se lembravam de que um caloiro transpunha incolume áquellas horas a ponte da cidade das letras!.. *Oh! tempora! oh! mores!*.. A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

#### CHARADA.

'Stou no vento, 'stou nas arvores,  
Tambem 'stou na poesia,  
'Stou nos homens, 'noutras cousas,  
E tambem na geometria

1

Eu sou filha d'uma torta;  
Nasço, porém, direitinha:  
E, para estar mais segura,  
You-me pegar á visinha.

2

Em centros vivo escondida  
E não saío á luz do dia,  
Senão quando quem me encerra  
Padecer anatomia. M. J. Pires.

#### SATISFAÇÃO.

Por descuido deixou de apparecer entre os nomes dos collaboradores d'este jornal, o do nosso estimavel amigo e condiscipulo Alfredo de Carvalho, o que reparamos por este meio.

#### AGRADECIMENTO.

Recebemos o jornal, — A *Imprensa*, — publicado no Porto; desejando-lhe longa vida, agradecemos a remessa aos illustrados redactores.

*Errata* — Pag. 7, col. 2. linha 43 — onde se lê *intelligencia* deve lêr-se *adolescencia*.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 3

Vol. II

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro  
                  } F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
          { Com estampilha 270 .

1859 — ABRIL — I

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Peixoto  
Cabral e Castro.

Virtude, economia e trabalho dissesteis vós ser as prerogativas do homem-cidadão. Este conselho só o dá quem no decurso da sua vida aprendeu na experiencia e observação o desenvolver successivo do homem e das familias; quem, passando incolume por sobre todos os escolhos de uma vida, ora certa, ora aventureira, já vaga, já bem dirigida, colheu com proveito todos os resultados da oscillação da humanidade. Este conselho só o recebe quem, soffrido o choque instructivo das desillusões da mocidade ardente e precipitada, prevendo a impossibilidade civil de procrastinar a sua existencia, sob o influxo das impressões instigadoras na infancia da intelligencia, quem, digo eu, tem o desenvolvimento preciso para comprehender uma das mais importantes e complicadas relações da vida social. O joven ardente, em quem não calam os conselhos dos seus maiores, que a experiencia do mundo convertêra em oráculos infalliveis, não é criminoso, não tem nem ainda vislumbres da mais leve imputação: a culpa e o crime persuppõe liberdade do agente, e o moço, apenas formado pela influencia cega e irreflectida da natureza, que entra implacavel e incircumspecta, corre atraz do destino, que o desvenda alíem, dando-lhe uma lição tremenda — a da experiencia, que consolida a razão e extingue paulatinamente o periodo infantil, á

medida que a virilidade se vai constituindo á sombra do seu verdadeiro pedestal, a direcção civica, que reassume o seu character predominante, fulminando qualquer estado, que da natureza emanasse sem concurso da intelligencia.

A virtude é o esforço humano para cumprir as leis naturaes e facticias, empregado quando a nossa fraqueza, conhecendo a facilidade de descrever, e a difficuldade de subir, nos convida e como que arrasta para o abysmo, onde reina a confusão e se define, perecendo depois, a dignidade humana. Duas condições exige necessariamente a practica da virtude — força sufficiente para debellar o imperio do mal, e o conhecimento das leis naturaes e facticias, de cuja applicação resulta a virtude e o bem. Dar-se-hão estas duas circumstancias em todos os homens e em todas as edades? Não: logo, nem em todos os homens e em todas as edades ha virtude.

Mas ha na duração do homem um periodo, em que se torna absolutamente impossivel a sua practica, e mesmo a sua existencia, é o da infancia, abrangendo os tempos proximos. Até aos vinte annos ordinariamente o que chamam virtude, é um procedimento espontaneo da natureza. Não é raro encontrar-se aos dez annos uma pessoa, que actua dentro d'uma esphera, que, aos olhos do corpo, é virtuosa; mas, interrogando-lhe a natureza particular, o temperamento d'essa pessoa diz: — sou eu que lhe determino as acções. — Não ha

aquí virtude. Se o temperamento é diametralmente opposto, 'naquella e ainda mais avançada idade, apparece um menino exótico, *desenvolvidinho*, na phrase da época, é apparentemente vicioso; mas analyse-se-lhe a natureza, e responderá — não dei ainda occasião ao exercicio da liberdade moral; não deixei ainda, que os motivos racionais dominassem os instinctos puros—. Aquí tambem não ha vicios, porque não ha condições existenciaes para a virtude. O procedimento é cego, fatidico; não vê a lei, nem pôde esquivar-se á acção da força physica, e bem physica, que o estimula. É sob este ponto de vista do homem um ser amorpho, cuja organização completa, se não elabora no ventre materno, mas effectua-se atravez das differentes evoluções physicas e hyperphysicas, cada uma das quaes lhe suggere um elemento complementar. O homem, visto pelo prisma da sua dignidade, é um ente de duplice geração, sendo a ultima o penicedo de gestação, no seio da sociedade, que é a sua segunda mãe. Se isto não é assim, o homem não é o que dizem.

A economia é o meio mais proprio para alimentar a indole da virtude: é um facto que a experiencia quotidiana assás confirma. Mas a economia é impracticavel sem a convicção, e esta vem tarde, tão tarde, que frequentemente coincide com a ruina completa do nosso ser, a qual desespera o juizo de uma reabilitação honesta. O espirito economico actua em par da virtude, porque é esta que encaminha, segundo a norma natural, o homem pelas veredas da conveniencia social, mais ou menos determinada pela feição civil do tempo actual. Para a economia, pois, se requerem os elementos occasionaes da virtude.

Ha homens, que parecem ter sido emballados 'num ambiente sobrio e parcimonico, distinctamente notado de prudencia requintada, mas esses não são filhos de si mesmos, são apenas escravos das forças estimulantes da sua especial natureza. Estes economicos levantam-se na sociedade, guiados pela mão da natureza, e com um rever

d'ella, cahem no abysmo, procurando d'um modo estúpido, e por um processo incompetente e mal cabido a fortuna, que se esvae irresistivelmente pelo lado adverso da sorte inexoravel.

Ao contrario, o economico de convicção que cimenta as suas faculdades productivas, sobre a autonomia propria, espreita de longe o fado, que esvoaça sobre o caminho, por onde tem de passar á frente de suas empresas, e se por incuria inherente a todas as acções humanas, succumbe ao seu dominio implacavel, traça os planos de o fazer o menos efficaz possivel, a ponto de obstar em gráu consideravel á sua funesta ingerencia. Assim o espirito economico não é proprio da idade tenra, em que as cousas do mundo são encaradas com superior admiração, e por isso com suprema ignorancia.

Continúa.

J. M. Cabral e Castro.

## O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.<sup>mo</sup> SR. ANTONIO LUIZ DE SEABRA.

Continuado do numero 1.

O methodo, a ordem é nma necessidade do espirito no ensino e estudo de todos os conhecimentos humanos. Esta necessidade recresce comtudo, quando esse estudo e ensino tem por objecto os interesses practicos da vida, as relações juridicas do homem.

APOSTILLA n.º 1, pag. 8.

Um Codigo deve estabelecer as differentes condições necessarias para o consequimento do fim social, de maneira, que se tornem conhecidas quanto ser possa, por aquelles, a quem ellas interessam.

Este resultado, porém, é difficil obter-se, não só pela natureza complexa do direito, mas tambem pelos variadissimos casos a que este tem de se applicar.

Estes dois escolhos podem-se comtudo evitar: o primeiro por uma analyse detalhada do direito; o segundo por uma classificação rigorosa.

A analyse e classificação devem-se considerar como os dois pharoes, que têm de guiar

o legislador na distribuição systematica das diversas disposições legislativas.

Em todos os ramos dos conhecimentos humanos as classificações são indispensaveis, porque, não havendo essa ligação intima de principios, as verdades, que a sciencia contém, não se conhecem, e portanto a sciencia não existe.

A necessidade, porém, augmenta nas sciencias moraes.

São estas, que, expondo ao homem seus deveres, mais de perto lhe interessam.

Esta verdade, ainda que não desconhecida pelos nossos legisladores e jurisconsultos, não tem sido applicada em toda a sua extensão.

O systema imperfeito do nosso direito civil, é, com poucas modificações, o já usado pelos Romanos. Só a sua origem, por em quanto, nos basta, para nos convenceremos da sua insufficiencia.

A classificação das materias de direito civil, mais do que em todos os outros ramos do direito, é uma das condições indispensaveis. Na verdade o pensamento do legislador era impossivel conhecer-se, se ás palavras d'um artigo, dessemos outra ordem differente da que lhe havia sido dada por seu auctor. Da mesma maneira em certos casos o espirito do legislador seria ignorado se artigos analogos ou semelhantes no seu objecto, fossem deslocados. A prática confirma o que acabamos de dizer.

O nosso codigo commercial, a par de defeitos na doutrina, contém um outro, que lhe não cede o lugar, e que vem a ser o de não seguir uma exacta distribuição de suas materias; resultando d'aqui immenso trabalho, não poucas vezes improductivo, para separar dos diversos artigos disposições, que noutro lugar tem o seu verdadeiro cabimento.

Não fallamos nas nossas Ordenações, pois que estamos convencidos que seus redactores nem ao menos sabiam o que era classificação.

Além d'isto, quão vantajosa não é uma classificação exacta pela facilidade de se encontrarem as leis, que precisamos saber.

Estes males serão sanados em breve pelo Projecto do Codigo Civil Portuguez.

A bem ordenada distribuição das materias do Projecto, é um dos seus grandes merecimentos. O seu illustre auctor pretende que o livro da lei seja o livro da doutrina. Certamente um Codigo é para andar nas mãos de todos, e não para ser sómente lido pelos homens de sciencia.

Com a approvação do Projecto, pôde-se applicar o principio — a ignorancia da lei não aproveita a ninguem — porque, estando toda a legislação civil compilada num pequeno volume, quasi todos, attendendo á claresa com que elle se acha redigido, podem dirigir seus actos conforme a lei, o que até aqui tem sido irrealisavel pelo confusão de nossa legislação; confusão esta, com que os mesmos jurisconsultos se viam embaraçados.

Se, além d'isto, attendermos a que o Projecto determina no artigo 13, que as questões se regulem pelos principios de equidade, quando não podérem ser resolvidas nem pelo texto da lei, nem pelo seu espirito, nem pelos casos analogos previstos em outras leis, teremos como evidente o quanto interessa á ordem social a regularidade, com que as materias do Projecto são distribuidas.

Não entraremos agora na questão — qual o subsidio a que se deve recorrer nos casos omissos; — mas diremos que a exacta collocação das disposições do Projecto, é um poderoso subsidio para se descobrir o espirito do legislador, a razão e fim da lei, e para se fazer uso da equidade, que ao meu vêr não é mais do que a applicação que o legislador faria, para ir em harmonia com o que estabeleceu, se prevêsse essa questão, sobre que deixou de legislar.

B. d'Albuquerque e Amaral.

Continúa.

## AMOR E MORTE.

Il est cruel, poignant, de perdre ceux qu'on aime,  
C'est un énorme poids qui tombe sur le coeur,  
La mort, monstre inhumain, qui fit pâlir Dieu même,  
Enveloppe nos jours d'un réseau de douleur.

M.<sup>lle</sup> ELISE MOREAU.

No limiar da existencia, sem ter inda  
Chegado aos labios do prazer a taca,  
Sem ter crestado a candidez da alma  
Das terrenas paixões ao fogo impuro,  
Co'a ponta da aza negra anjo de morte  
Tocando-a a fez cair no frio tumulo...  
Terra! pesou-te pouco... faz bem leve  
O manto escuro, que lhe encobre os membros!

Longe, longe d'aqui fui encontrarte,  
Virgem, que tanto amei!.. ambos deixavamos  
As plagas do Brazil, voltando á patria,  
Quando eu te vi. No Guanabára ainda,  
Miravas Sancta Cruz, pungido o seio  
Por saudade bem funda; e manso e manso  
Da dupla franja de teus louros cilios

As lagrimas cahiam, a aljofrar-te  
 As faces, em que a magoa se pintava.  
 E vi-te assim! — e ao ver-te, oh bella, o sonho,  
 Que em meu peito dormia, em igneus ondas  
 De sangue me subiu á frente pallida.  
 E então fallei-te, virgem, procurando  
 Tua dor ameigar; a minha pena  
 Casei á tua pena; e pouco e pouco  
 — Como a sombra se esvae co'a luz da aurora —  
 Deu logar a tristeza em nosso seio  
 A novo sentimenso — amei-te, e amaste-me!..

Porque não te calquei, fatal affecto?  
 Porque ao nascer não te extingui o fogo,  
 Como ao filho do amor mãe deshonesto  
 Corta a vida innocente, p'ra que um dia  
 Não lhe seja lançada essa existencia,  
 Como eterno labéu de infamia eterna,  
 As faces descoradas? Porque, ao ver-te,  
 De hora a hora a crescer, tomar tão rapido  
 De meus sentidos posse, e para sempre  
 A mente avassalar-me, a vida e tudo,  
 Porque sina fatal senti nos labios  
 Adejar-me um sorriso de ventura?  
 E que ella estava ali... é que seus olhos,  
 Mergulhando nos meus em mago enlevo  
 Ardentes raios, pelo amor velados,  
 Me afagavam no peito, a dilatar-se  
 Docemente, a affeição rompendo em viços...  
 E que em seus labios humidos bebia  
 Calor e vida para o amor nascente.

Por largas horas de suaves noites,  
 Quando a brisa seus cantos modulava  
 Ciciando na enxarcia; quando as vagas,  
 Reflectindo as estrellas, vinham lentas  
 O seu dorso quebrar de encontro ao bojo  
 Da rapida galéra; quantas vezes  
 Não estavamos nós, um do outro perto,  
 Co'as mãos trocadas a fallar de amores?  
 Quantas vezes de tarde, em nuvens de ouro  
 Vendo o sol envolver-se, raios tremulos  
 No verde-mar vertendo, não lançamos  
 Em vaga aspiração olhos de inveja  
 A vastidão dos céus — querendo nelles  
 Ir sósinhos buscar bastante espaço  
 A conter a paixão, que em nós ardia?  
 Quantas vezes sentimos pela mente  
 Passar-nos rápido o vivaz desejo  
 De nunca ver da patria amadas praias  
 Como temendo que esse amor morresse  
 Longe do oceano, que nascel-o vira?

Ai! triste, triste amor foi esse! És morta,  
 Formosa virgem mal fadada... e ainda  
 Sinto no coração tumultuar-me  
 Essa immensa paixão, que me inspiraste!  
 No murmurio das agoas, nos perfumes,  
 Que a terra exhala, quando o sol a banha,  
 Nos gemidos da aragem, perpassando  
 A horas mortas por sombrios bosques,  
 Em tudo o que commove, e encanta, e afaga,  
 Em tudo sinto o genio da saudade  
 Em lingua ignota segredar teu nome:

E então mais negro o manto do desgosto  
 Mais pesado me enlucta o seio oppresso.  
 Oh! não morre este amor! — por minhas lagrimas  
 De continuo regadas, reverdecem  
 Com mais seiva e mais vida essas raizes,  
 Que no peito — tão fundas! — me cravára.  
 Assim lascados troncos de salgueiros,  
 Pela morte tocados, se lhes passa  
 Ao pé limpido arroio, inda se infloram  
 Das gallas juvenis da primavera.  
 Oh! não morre este amor! — se o aroma fica  
 Se de effluvios celestes nos embriaga,  
 Que importa que do acaso as loucas azas  
 O fragil vaso, que o continha, quebrem?  
 Não! não morre este amor! — fundo cavados  
 Tenho em meu peito os traços indeleveis  
 De tua imagem gentil — unica herança,  
 Que de ti me ficou — crúa ironia  
 A paixão immortal, que me domina,  
 Quando é já fria cinza o objecto d'ella!

E tu morreste, virgem! — como a rosa  
 Da sesta pelo ardor enlanguescida,  
 Inda ha pouco te vi vergando a fronte  
 Ao peso da doenca — e eu deixei-te!  
 De ti bem longe me chamava a sorte...  
 Deixei-te, e és morta já! — E eu nem lá estava  
 Para na hora fatal do passamento  
 Beber-te o ultimo sopro d'essa vida,  
 Que tão cara me foi... com que de envolta  
 Toda morreu a espra'ça de ventura,  
 Que no mundo sonhara... És morta, virgem!  
 Flor mallograda do jardim da terra,  
 Murchou-te o aqilão! sem ter aos beijos  
 Do vento queimador aberto o seio,  
 Sem ter pago em perfumes delectitos  
 Tanto amor, que inspiraste, a dura fouce  
 Do eterno ceifador te ha decepado  
 Do tronco, em que nasceste... e, inda na aurora  
 Da existencia já secca e sem aroma  
 Eis-te no frio pó entregue aos vermes!..  
 Ai! dorme em paz, meu anjo! — e possa em breve  
 Da terra, em que fiquei tão desditoso,  
 A morte arrebatat-me! e 'nessa estancia  
 Em que jazes p'ra sempre, reunindo  
 A teus ossos os meus serei contigo.

Coimbra 27 de Março de 38. Eugenio de Barros.

### QUE IMPORTA A VIDA?..

Quand on a bu jusqu'à la lie  
 La coupe écumante de la vie  
 Ah! la briser serait un bien!..

LAMARTINE.

A quem nasceu para o soffrer fadado,  
 Que importa a vida, que o soffrer murchou?  
 Que importam gozos do feliz passado,  
 A quem negruras o porvir mostrou?..

Foi-lhe a ventura qual o fumo leve  
 Da vida ao sopro dissipado além;  
 E hoje a lembrança do prazer, que teve,  
 Augmenta as magoas do soffrer, que tem!..

Que importa a vida!.. Se é fatal cadeia,  
Que ao mundo prende do infeliz o ser?...  
Se o homem pôde a essa luz, que odeia,  
Fugir bem certo de não mais soffrer?!..

Se é livre ao homem que a razão illustra  
Quebrar o laço, que o aqui prendeu!..  
Se dos maus fados o rigor se frustra,  
Buscando azylo sob o mausoleu!..

Que importa a vida!.. se é a morte um termo  
Aos soffrimentos, que da vida são...  
Que importa a vida!.. se da campa ao ermo  
Cruéis pezares a pungir não vão?..

Que importa a vida?... Se é exilio breve  
Não vale ao triste o encurtar-lhe o mal?...  
Quebrar a taça, que lhe aqui conteve  
Das amarguras o licor fatal?..

Quebrar a algema que da existencia  
No mundo os vicos ao soffrer prendeu;  
Buscando a vida 'numa nova essencia...  
No pó da campa... ou nas regiões do céu?..

A. M. da Cunha Bellem.

## PHANTASIA.

Pára ter-se intelligencia  
Mezes, annos se consomem;  
Se o homem busca a sciencia,  
A sciencia não busca o homem;  
Como o campo das ideas  
É difficil desbravar!  
A quem revolvê-o ouzar,  
Cortem-se todas as peas.

Nasce o homem taboa rasa,  
E ignora tudo, o que ve;  
Se a vida se lhe não vasa,  
Que pensará, temos fé.  
As regiões do infinito  
Erguerá a mente ouzada,  
Deixando estreita morada,  
Seu tegurio circumscripto.

- A historia das sensações  
Lhe adornará a existencia,  
Que colherá dimensões  
De sublime transcendencia;  
Se pensamento profundo  
Se internar pelo porvir,  
Será facil descobrir  
As mil bellezas do mundo.

Trepará aos céus no espaço,  
Para a mansão das estrellas,  
E sem temer ameação,  
Sondará o que são ellas.  
Convirá o atrevimento  
De subir a immensa altura?  
Trepidará fóra loucura,  
A audacia será portento.

Mas se 'nesta lida cança  
Por falta de intelligencia,  
Deve perder a esperanca  
De conseguir preeminencia.  
Reduzido á nullidade,  
Feito ludibrio da sorte,  
Incapaz de um vôo forte,  
Esse homem fará piedade.

Do povo civilisado  
Fugir seria prudente;  
Inglorio o tempo passado  
Não brillará no presente;  
Sem vislumbre da grandeza,  
Que o genio no peito encerra,  
Vagará só sobre a terra,  
Escarneo da Natureza.

Humilhado em seu destino,  
Sem o gaz do pensamento,  
Sem esse sópro divino  
Da vida em cada momento,  
Qual planta em solo infecundo,  
A quem a luz não soccorre,  
Assim elle esteril morre  
Nas solidões do seu mundo.

Poucos graus de intelligencia,  
Quasi eguaes a cêgo instincto,  
Não podem ser da existencia  
B:ilho, e character distincto.  
Se alguém por sorte irrisoria  
Surgir sobre a terra obscuro,  
Jazerá no lódo impuro,  
Sem que tenha juz á historia.

Dr. Zagallo.

## ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 2.

VI.

### Emoção.

Houve um tempo em que eu sonhava  
Só, feliz, risonho e puro;  
Era o sol de meiga infancia,  
Que dourava o meu futuro:

E sonhei amor, ventura,  
Sonhei gloria e liberdade,  
Era o céu de eterno encanto  
Meu sonhar da tenra idade.

A. DE SERPA.

Era na infancia!.. porque esta quadra ri-  
sonha não se limita apenas ao primeiro brin-  
car nas campinas, ou ao primeiro balbuciar  
das graças infantis!.. Era na infancia!.. por-  
que era ao balbuciar as primeiras phrases de  
amor, de envolta ainda com os brinquedos,  
que com a virgem singela e recatada, brinca-  
vamos nos vergeis.

Oh! quem podera descrever essa ridente aurora, em que pela vez primeira sentimos o coração segredar-nos ao ouvido os primeiros devaneios de amor!.. em que pela vez primeira vimos na donzella, que, como irmã, só estimavamos, um reverbero do céu, uma aureola luminosa, que, accendendo-nos os fachos do sentimento, nos abrasava o peito, d'esse lume, que no seu crepitar só diz amor!..

E era no seio de vecejantes campinas!.. Tudo... em tudo deredor de nós, era como o reflexo d'essa afeição, que n'alma nos começava a desabrochar!.. Quem descrever podera o alboroto, que no seio pullulava insolito, quando á seductora donzella nos cingia o infantil e costumado abraço!.. quando a sua mão de neve pendia abandonada entre as nossas mãos trementes, por desconhecida emoção!.. quando um riso, tão seu, tão costumado, nos vinha em nossos labios despertar um riso, cuja essencia fôra até li para nós desconhecida!..

Era um sonho gentil, sonho de infancia a povoar a nossa mente de tudo quanto é risinho e puro... era a aurora da vida a dourar com purpureos raios todas as campinas do existir... era o sol de ventura a fazer desabrochar e florir os jardins do sentimento!.. era a priméira emoção de amor!

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

## DOS LAÇOS D'AMISADE.

Continuado do número 18, 1.º vol.

### II

A mesma familia dos Gracchos apresentanos ainda exemplos d'uma amisade corajosa e constante. Descoberta a conjuração, desesperando de seus projectos, Caio Graccho, perseguido diligentemente com todos os cúmplices e privado do menor apoio, achou a amisade de Pomponio e Letorio, que, ladeando-o, poderam subtraí-lo ás setas, que a flux e de todas as partes eram dirigidas sobre elle: Pomponio, para facilitar-lhe a evasão, demorou por algum tempo na porta *Trigemina*, offerecendo heroica resistencia, a turba, que se precipitava em seu alcance; em quanto vivo não poude ser repellido, e só, desfalecendo-lhe as forças, os perseguidores romperam por sobre o seu cadaver, que parecia disputar-lhes ainda a passagem; Letorio, porém, parara na ponte *Sublicia*, e, defendendo corajosamente a entrada, deu tempo a Graccho para atra-

vessal-a; vergando, por fim, ao impeto da multidão, voltou a espada contra o peito, e com ligeiro salto sepultou-se nas profundas aguas do Tibre; assim ao amor, que Horacio Cocles 'nesta ponte manifestára a favor da patria, não cedeu a amisade privada d'um homem, que demais sacrificára a vida voluntariamente. Que valerosos soldados poderiam ter os Gracchos, se tivessem abraçado as idéas politicas de seu pae e avô materno! Quanto teriam contribuido para suas victorias e triumphos a coragem e infatigavel bravura dos Blossios, Pomponios e Letorios, que ainda em serviço maligno com tanta dedicação lhe assistiram! Contraíram, sem dúbida, os laços d'amisade sob sinistros auspicios; mas quanto as provas foram desgraçadas, tanto certificam sua sincera amisade por esta nobre familia. (An. U. C. 632).

### III

Lucio Rhegino, se exigirmos no magistrado a sinceridade e cumprimento do dever, merece a reprehensão dos vindouros; mas, considerando-o sob os fieis vinculos da amisade, devemos conceder-lhe a feliz tranquillidade de uma louvavel consciencia. Creado tribuno da plebe, tendo na memoria a antiga e íntima amisade, livrou do carcere público a Cepião, que fôra preso, por se suppor occasionára a destruição do exercito Romano pelos Cimbros e Teutonos; e, não satisfeito por este serviço, uniu-se-lhe companheiro na fuga. Amisade, divindade poderosa e invencivel! Quando por um lado a republica o lançava em ferros, tua mão amiga lh'os abria; Roma retel-o-hia em prisão para o refugiar em sua inviolabilidade, tu ordenas-lhe o exilio: e (tão suave é o teu imperio!) o tribuno preferiu á dignidade o desterro. (An. U. C. 658).

F. P. Santa-Clara.

## NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do n.º 1.

### VI.

*Da fundação da egreja de Santa Maria dos Casados, e do mais que 'neste tempo aconteeu.*

Por morte d'El-Rei D. Diniz, subiu ao throno El-rei D. Affonso IV, o bravo, que mandou fazer um armazem juncto ao muro antigo, e abrir porta para o vão da torre, aonde estava

o relógio, com que em tal tempo se tocava a rebate. Neste armazem se conservaram, até ao anno de 1655, pelouros de pedra, e outros objectos de guerra.

Conserva a tradição, que, tendo os moradores d'Elvas um encontro com os Castelhanos, os puzeram em fuga, e, ficando senhores do campo, recolheram quanto 'nelle acharam, e entre as prendas de maior valor encontraram uma imagem da virgem Senhora Nossa, que trouxeram mui contentes para a villa. Quizeram desde logo edificar-lhe uma hermda para 'nella a collocarem: mas ouviu-se um que disse: « A Mãe de Deus nos ajudou na victoria, que alcançámos, e para que em todo o tempo se saiba, que não obram armas sem sua ajuda, colloquemos esta Soberana Virgem no alto do armazem de nossas armas.» Pareceu bem a todos esta resolução, e fabricaram uma hermda, que é a que hoje vemos, e 'nella collocaram a dicta imagem. Instituíram depois uma confraria, que se julga foi a primeira, que houve em Elvas. Andavam 'naquelle tempo todos os jovens solteiros occupados na guerra, e por isso se commeteu a administração e serviço da confraria aos *cazados*, por isso denominada dos *cazados* ou *bem cazados*.

Continúa.

M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

### DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 2.

#### XIX.

Comedia vista por um buraco.

(Scenas domesticas).

Eram sete horas e meia. Atravessar a cidade áquella hora, era para Carlos uma grande temeridade. Esperar que a noite fechasse! — aonde? hesitar!.. era o peor de tudo. Demais, o caleceiro fazia-lhe ver que era inutil continual-o a acompanhar!.. Que fazer?.. As grandes crises geram as grandes idéas! Carlos não vira nem um só estudante na ponte, e por isso concluiu, que o « diabo não é tão feio como o pintam, » e em consequencia d'esta conclusão, cobertado pelo vulto da caleça, desfez a troca dos fatos que fizera com o ca-

leceiro, pagou o ajustado aluguer, a devida gorgeta, e dispoz-se a partir.

Carlos calculou que o seu amigo morava no bairro alto, por ser mais perto da Universidade; vendo pois a *Couça de Lisboa*, julgou de boa logica segui-la. Logo que viu uma mulher velha, unico ente em que elle depositava confiança, como incapaz de o desfructar, interrogou-a, e por informações d'ella foi ter á *rua dos Grillos*; pelo que só lhe restava atinar com a morada do seu *veterano*. Carlos viu outra creatura do mesmo sexo e de não menor idade que a primeira, e perguntou-lh'o.

— É alli! — respondeu a velha.

— Obrigado!.. E vocemecê sabe se elle está em caza?

— Entrou agora mesmo!

— E estará só?..

— É provavel!

Carlos subiu a escada e escutou no patamar superior. Lá dentro ia um incrível barulho!.. Uma voz de mulher, esganiçada, apiada, aflautada e desafinada pelos bérros, fazia o duetto mais dissonante com uma voz de tenor, que respondia curtas e breves phrases, ás longas antiphonas de regateiral descompostura.

— Arre!.. É o que me faltava!.. pois não!.. lá que você não era boa besta, já eu sabia ha muito tempo! mas esta!.. esta só a mim me acontece!.. Com que então a tal menina de Lisboa queria que você lá fosse passar as férias!.. e eu não quero! não quero! não quero!.. já disse que não quero!.. — (este rondó final tinha acompanhamento forçado de calcanhar no meio do chão!)

— Cala-te! mulher! não me faças perder a paciencia!..

— A paciencia me faz você perder!.. Quer-se ir para Lisboa?.. que vá quando quizer, que não deixa cá saudades!.. mas ha de me deixar com que passar!.. deixe-me uma mezada de doze mil réis, se não quer que eu morra á fome!.. Vá-se embora! vá! vá! ninguém cá o chama; mas deixe-me dinheiro, se quer que eu me porte bem!.. O senhor bem sabe, que a Rita ficou com a mezada do sr. Henrique toda!.. aquillo é que é rapaz!.. já lhe mandou um vestido do Porto!.. não é um fona como você... um unhas de fome, que estou ha tres annos comsigo, e ainda me não deu senão um triste vestido!..

— Mas quem te disse que eu ia para Lisboa! diabo?.. quem te mettu isso na cabeça!.. maldita?..

— Demais a mais é sonso! queria escapar-

se á sorrelfa e deixar-me aqui ao desamparo!.. não! lá isso não tenha duvida, que é uma boa rolha!.. E aqui está para que uma rapariga guarda fidelidade ao amigo!.. a arrebentar aqui com má vida, para vir uma delambida de uma senhora Adelaide intrómetter-se com a gente!.. Talvez queira casar com ella!.. (oitava a cima) era o que faltava!.. não, isso em quanto eu tiver o olho aberto!... ella que se contente com os que lá tem, que eu não lh'os vou lá tirar, para ella se vir metter comigo!.. (terrível)— não é melhor do que eu!.. não!..

Este insulto fôra muito forte!.. As crenças puras, que ainda se aninhavam no coração de Ricardo, fizeram uma bernarda, d'onde resultou atirar á cara de Carlota com os tres volumes das *ordenações* em acto successivo!..

— Você bate-me!?!— gritou uma voz suffocada pela cholera. Depois não se ouviu mais som de voz humana!.. era um ruído obscuro e baço, que provinha da reciprocidade dos soccos, com que se estavam mimoseando um ao outro; acompanhado ás vezes d'outro som mais claro e brilhante, proveniente da bella bofetada, que, por incidente, se misturava com toda a cãsta de sopapo.

Carlos, chegando ao patamar da escada, duvidou que allí morasse o seu amigo: suppunha-o ordeiro e bem morigerado, e não podia crer que elle vivesse assim, em tão escandalosa mancebia. A voz ora lhe parecia, ora lhe não parecia: estava 'numa completa incerteza, hesitando se devia bater, e ao mesmo tempo gostando de ouvir a questão, quando o nome de Adelaide lhe veiu tirar toda a duvida!.. Estava bem claro, que Ricardo era o protagonista d'aquelle drama fatal, que o leitor ouviu terminar ao cachação.

Carlos conhecia as ligações do seu amigo com Adelaide e o casamento projectado entre as duas familias, que tambem eram das relações da sua; sabia mais da saudade e tristesa d'aquella menina, e por isso achava-se indignado com o proceder de Ricardo, e só, mentalmente, lhe eregiu um louvorzinho, quando os tres successivos tiros da *ordenação* lhe deram signal, que a *desordem* ia terminar!..

Depois de dar alguns momentos, necessarios para a expansão d'aquella cholera, que se traduzia por soccos e bofetões, bateu á porta. Silencio sepulchral lhe respondeu! as baterias cessaram de fazer fogo, e houve um armistício completo...; mas nem pio se escutava!.. Tornou a bater...; e o mesmo silencio!..

Carlos quasi que se arrependeu de ter intervindo tão tarde, suppondo que os dois contentores se teriam morto com algum par de murros simultaneos sobre as fontes, ou na bocca do estomago!.. Espreitou pelo buraco da fechadura... e nada viu!.. collou o ouvido á porta e escutou uns passos que se aproximavam: tornou a bater; uma voz quasi sumida, mas que não escapou ao ouvido perscurtador de Carlos, disse do angulo mais remoto do quarto:— Dize que eu não estou cá... seja quem fôr.

E logo outra do sexo feminino perguntou — Quem é?

— Mora aqui o sr. Ricardo Pereira de Aboim, estudante do 5.º anno de Direito?..

— Mora, sim senhor! mas elle não está cá.  
— É o mesmo!.. Eu sou o seu amigo Carlos de Mello, que elle sabe que devia chegar hoje de Lisboa, e por isso, se me dá licença, esperarei por elle.

Mal estas palavras foram proferidas, escancarou-se a porta, e uma pessoa muito nossa conhecida, com um olho todo pisado, o nariz a verter sangue, e umas poucas de arranhaduras na cara, cafu nos braços do recém-chegado Carlos da Cunha e Mello!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

### CHARADA.

Ninguem me vê, e eu existo, }  
Sou joia a mais preciosa, }  
Sem mim ficára natura }  
'Numa noite tenebrosa. }  
2

Eu existo sobre as agoas,  
Eu atravesso a torrente,  
E da India lá nos rios  
Sou d'uma peça sómente. M. J. Pires.

### EXPLICAÇÃO DAS ANTECEDENTES.

1.º — Diametro. 2.º — Pevide.

### EXPEDIENTE.

Rogamos aos srs. assignantes de fóra, que porventura estejam em debito das suas assignaturas, as queiram mandar satisfazer ao administrador d'este jornal.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 5

Vol. XI

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
{ F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se, na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
{ Com estampilha 270 .

1859 — ABRIL — 15

## O AVARO.

Est modus in rebus, sunt corti denique fines,  
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

Hon. lib. 1.º SAT. 1.º v. 106 — 107.

Na serie dos seres do universo occupam as extremidades Deus e a materia: um nada possui; o outro, privado de facultades, nada pôde adquirir. Entre estes dous abyssos do nada e da immensidade dominam entes, que, procurando seu desenvolvimento, exercitam as facultades, de que são dotados; e, se nos irracionaes força maior lhes determina as acções sob limites fixos, o homem, em quem resurtira o lume da intelligencia e assomara um raio da substancia immortal, vê em seus desejos e tendencias um vasto horisonte, que se estende no infinito. Livre na practica de suas acções, está sujeito á imputabilidade.

Collocára a mão munifica do Creador no coração do homem sentimentos pios e generosos, origem de doces gosos no rico, e de esperanças no desgraçado; o avaro, calculando-os, substitue-lhes a deshumanidade e dureza; assim, porque é livre, verga, com razão, sob o anathema da moral e da religião.

Os metaes preciosos constituem por convenção prudente a mercadoria commum, meio de representar e avaliar os serviços ou resultado do trabalho humano: d'aqui lhes procede a estimação, pois, considerados em si, lhes preferira a terra, que, oc-

cultando-os em seu seio, presta fecundidade aos vegetaes. Se desejamos possuir o ouro, é que sem este inutil fóra procurar certos bens, que nos recream.

Nescis quó valeat nummus? quem probeat usum?  
Panis ematur, olus, vini sextarius: adde  
Queis humana sibi doleat natura negatis.

Assim amâmos o meio por causa do fim; todavia o avaro desconhece o goso positivo e real, presando sómente o meio. Idolatra do ouro e prata, degrada a intelligencia humana e vae collocar-a sob a dominação do rijo metal!

Separando-se, ás vezes, do ouro, para o emprestar a custo d'um juro enorme, profunda dor o opprime: é que, amando internamente a materia, ao seu aspecto o coração dilata-se, e os sentidos do tacto experimentam sensações agradaveis e indiseis.

O metal precioso, luzindo ante seus olhos, exerce uma acção magnetica, que o induz a preferir os cofres improductivos aos gosos mais rasoaveis; assim a despeito da sua fortuna soffre supplicio constante, qual Tantaló, morrendo de fome e sede sob formosos pomos e no meio das ondas!

Privado d'alimentos convenientes e carinho da familia, exposto ao rigor do inverno, vae proprio procurar a parca comida de cada dia, e a menor e justa despesa perturba-lhe as idéas, affligindo-o:

Fabio ao cair da noite humida e fria,  
Do chupado carão despe a alegria;

Não porque chore o sol, do dia enfeite;  
Mas porque accende a luz que gasta azeite (a).

Será para promover a felicidade de seus filhos e parentes, que o avaro se curva ao insaciavel desejo de accumular os metaes? Sem educação vivem na miseria!..

Sem herdeiros sua fortuna passará para mãos desconhecidas: porque viver na indigencia e privação reprehensivel?..

Assim julgamos do avaro; entretanto o juizo proprio é bem diverso. Goza muito, e seu coração exulta de satisfação ao contemplar os castellos metallicos do seu thesouro, cuja vista lhe compensa todos os sacrificios; porisso vesita-o muitas vezes quotidianamente, e, contando o metal precioso, alegra-se por ver que o vacuo do cofre vae pouco e pouco diminuindo. Vegetando no presente, tem ainda pesar de todo o gasto preterito, e invoca por superfluo o necessario.

Longe do mundo, e munido de sua philosophia despresa as vozes do povo, adorando o cofre querido:

..... Populus me sibilat; at mihi plaudo  
Ipse domi, simul ac nummos contemplor in arcâ.

Gozando uma felicidade apparente, assiste-lhe todavia ao lado cruel companheiro, o cego temor de perder o dinheiro; é este o verme interno e occulto, que o corroe e mortifica:

..... congestis undique saccis  
Indormis inhians .....

An vigilare metu exanimem, noctesque, diesque  
Formidare malos fures, incendia, servos,  
Ne te compilent fugientes.

Como corregil-o?.. Vicio, cujas raizes profundas e interlaçadas se entranharam no coração, poderá ainda ser completamente destruido, por um raio da graça do Todo-Poderoso, que, aclarando-lhe a razão, e alimentando pias virtudes, brilhará como a aurora, que, dissipadas as trevas da noite, matiza o orisonte de seu rosiclér.

Oxalá o avaro comprehendesse um momento, que o ouro, inutil em seu poder, poderia reter as lagrimas e adoçar as mi-

(a) Francisco Manuel, Epig.

serias, subtrahindo os desgraçados ao desespero e morte: a humanidade afflicta menos soffrera, e a maldição expressa nas palavras do Apostolo (b) fóra retirada.

F. P. Santa Clara.

## DAS ARTES COMO INSTRUMENTO PODEROSO DE CIVILISAÇÃO.

Continuado do n.º 2.

Se na contemplação das humanas necessidades esquecermos o fecundo thesouro, que nas faculdades nos foi liberalisado, o homem se nos figurará a muitos respeito, como um dos menos favorecidos d'entre os viventes.

É todavia certo que, sendo causa primeira do Universo o que tudo tirou de sua omnipotencia, o homem pôde chamar-se a causa segunda, visto que para elle e só para elle foi creado tudo o que existe alem de Deus.

Mas este ser privilegiado perecerá miseravel, se não for seu medianeiro o trabalho, para satisfazer legitimamente necessidades reaes, sendo estas effcaz estimulo para não deixar entorpecer-se:

Nec torpere gravi passus sua regna veterno.

Assim não magoa o trabalho; e até nos li-songea a consciencia de que, senhores do nosso destino, de recursos proprios tiramos a elevação a que chegamos.

E esta idéa que pôde por largo tempo manter-se latente, se com lucidez illumina a mente, do torpor mais indolente se eleva o ser humano á mais intensa actividade, pela qual, dominando a natureza, diz ufano: — depois de Deus só eu.

Na maior rudeza das sociedades o mais obstinado e poderoso obstaculo, que o progresso encontra, é a desastrosa convicção de que cada um nasceu para encerrar-se na esphera, a que seus pais se limitaram.

Nem tem faltado quem, arrogando-se a importancia de philosopho, intenda que transcender as metas que os seus tem respeitado é perturbar impiamente os decretos da Divindade.

Porém, se o individuo, examinadas suas

(b) Ep. B. Pauli ad Eph. — Hoc enim scitote intelligentes, quod omnis... avarus, quod est idolorum servitus, non habet haereditatem in regno Christi et Dei.

faculdades, marchar, despido de estúpidos prejuizos, a seu fim, de estacionaria passa necessariamente a sociedade para progressista; e á sepulchral immobildade succede bem depressa uma actividade, tão diversamente manifestada, que se torna impossivel, ainda ao mais perspicaz, dizer á humanidade: *até aqui*.

Esta actividade, dando em ultimos resultados processos que successivamente se vão aperfeçoando e que tendem a tornar a vida mais commoda, poderosamente favorece a civilisação, que póde apreciar-se pelo maior desenvolvimento individual e social.

É verdade que na apreciação das artes os efeitos immediatos são pela maior parte materiaes, emquanto a civilisação é mentida, se o homem, entregue ao progresso material, tiver em pouco o moral.

Todavia o desenvolvimento moral de uma ordem incontestavelmente superior demanda condições indispensaveis, que só o progresso material póde fornecer.

Tamanha connexão tem nossas tres primeiras faculdades, emquanto accordes se mantem nos seus justos limites, que do desenvolvimento d'uma se não de resentir as outras necessariamente.

É para nós fóra de duvida que o sensualismo, de que Aristoteles é Patriarcha, leva a uma moral materialista.

Entretanto quem póde duvidar da grande cooperação da sensibilidade na maior parte dos productos intellectuaes?

E, privada do elemento intellectual, a acção jámais poderá dizer-se moral.

Logo no sentir, entender e querer parece resumir-se a historia interna das acções humanas.

Reduzindo-se pois as faculdades humanas á sensibilidade, intelligencia e vontade, como as artes procuram sempre um melhoramento para o homem, a classificação das artes será logica, referindo-se a essas faculdades.

O arbitrario das classificações póde muitas vezes difficuldar um estudo qualquer, se as propriedades que se adoptaram para base não são as mais geraes, as mais notaveis.

A boa classificação é altamente difficil por exigir esse conhecimento.

Mas nada coadjuva tanto o estudo, sendo que a classificação pelo menos traça o plano por que deve marchar-se, o que não é pouco.

Tractaremos pois no numero seguinte da classificação das artes como preliminar indispensavel para o nosso trabalho.

Continúa. M. Moreira da Fonseca.

**Ad Fernandium Joseph, Bartholom sarta-  
gine linguae latinae professorem emeritum.**

EPISTOLA. (\*)

Misisti quod opus, sapiens Fernande, Buchleri,  
Romanos imitari optantibus utile vates,  
Pergratum mihi quis fatear numerisque, modisque,  
Acceptumque fuisse? Habeam quales tibi grates?  
Non ita, crede, tenerer, me si grandibus auri,  
Argentive onerares donis. Nam patet, unde  
(Quod pluris facio) jam evadam dignus alumnus.  
Atque Deo Pindi, atque novem Parnasside lauro  
Cinctis tempora musis, fons quibus est Aganippe  
Pieria et juga. Sed quid fido meis ego tanto  
Partibus, aequo et spes majores pectore pono?  
Numquid posse aliquando credam proficere ex hoc?  
Heu! desiderium, atque relinquitur una cupido,  
Nam neque Musae me, neque doctus amavit Apollo.

Conimbricæ, tertio Idus Februariæ, anno 1859.

A. L. dos Sanctos Valente.

## GENIO DAS TEMPESTADES

CDE

TRADUZIDA DE LA-HARPE.

Esse Luzo atrevido, excelso Gama,  
De quem o valor firme  
Veredas nos abrio d'um novo Oceano,  
Já da Africa os rochedos  
Via sumir-se, quando uma phantasma,  
Elevando-se ás nuvens  
Do seio horrivel dos ignotos mares,  
Com sinistro prodigio  
Fez descorar impavidos pilotos.  
Sobre o tetro elemento  
Seu braço distendia; expresso manto  
Dos ares nebulosos  
Lhe carregava a pavorosa fronte;  
D'ella em torno bramiam  
Os rijos ventos, e os trovões medonhos;  
Abalando os profundos  
Abysmos com um grito sobre os mares  
Fez retinir funestos  
Estes accentos de sua voz ao longe:  
« Paraí, assim dizia,  
Paraí; reconhecei o genio, ó impios,  
D'estas praias supremo;  
O Deus reconhecei do vasto Oceano,

(\*) O auctor agradece 'nesta carta a offerta, que lhe fez o ill.<sup>mo</sup> sr. Fernando José Bartholo, do thesouro das phrases poeticas de João Buchlero.

De quem calcaes as ondas!  
 Pensaes, que impunemente as furias vossas,  
 Sacrilega progénie,  
 Sulcarão este pego, a vossos vasos,  
 Até hoje escondido?  
 Tremei; ides levar profana audacia  
 Às praias de Melinde,  
 Da Taprobana ás praias, que tão longe  
 De vós tem collocado  
 Os destinos de balde. Vinte povos  
 Seguirão vossos passos;  
 Mas este novo, tão remoto imperio,  
 Onde ides conduzil-os,  
 Um sepulchro é de mais para os humanos  
 Misérrimos cavado.  
 Ouço da guerra os horrorosos gritos  
 No meio dos naufragios,  
 E ás procellas junctar-se os sons do bronze;  
 Misturar-se do homem  
 Eu sinto os raios aos trovões celestes.  
 Vencedores, vencidos  
 Serão as minhas victimas; com elles  
 Seus culpaveis thesouros  
 De meus abysmos baixarão ao fundo.»  
 Assim disse, e curvando  
 Seu corpo sobre as agoas espumosas  
 Se entranhou de repente  
 Nas rochas, onde vão perder-se as ondas,  
 E encerradas bramirem.  
 Os ares pareceu que se abrasavam;  
 Pareceu que os cachopos,  
 Se dissolviam; mas tres vezes sobre  
 O penedo inflammado  
 Os vestigios do raio reluziram.

Dr. Zagallo.

### RECORDAÇÃO?

Infancia!.. haja embora o mancebo sonhado  
 Saudades de um tempo feliz, que passou,  
 Embora te julgue o mancebo encantado  
 O riso do Eterno, que a aurora saudou!..

Aurora da vida!.. que importam teus risos,  
 Que importam dos prados a rosa e aleli,  
 Que importam os sonhos de mil paraísos,  
 Que importam saudades que deixas por ti?..

Infancia! que importa ao mancebo a doçura  
 De teu descuidoso e passado sorrir?..  
 Que importa ao mancebo? se apenas procura  
 Tormentos e gozos de incerto porvir!?..

Que importa o passado — qual fumo ligeiro  
 Que a brisa dos tempos ao longe desfez?  
 A infancia que importa? — sonhar feiticeiro!  
 Que importa a saudade? — mentira talvez!..

A. M. da Cunha Bellem.

### Auxilio prestado pelas sciencias naturaes á sciencia juridica, principalmente á administrativa.

A facilidade em discernir os meios, pelos quaes o homem poderá realizar seus fins, constitue a base de sua soberania sobre a terra; as forças animaes, chímicas e mechanicas, de que elle, por esse poder da intelligencia, se appropriá, determinam sua herança.

SR. MARTENS FERRÃO — *Theoria do homem e da humanidade.*

Nada existe sem um fim, que ou se encontra no proprio individuo, ou em outros, a quem aquelle sirva de meio.

Aqui se revela com todo o esplendor o grande e eterno principio da unidade na variedade; principio este que está d'acordo com a natureza espirital, que por sua simplicidade não poderia obter fins, com que fosse em desharmonia. Todas as sciencias por tanto estão unidas pelo seu fim ultimo. Comtudo esta união seria imperfeita, nem mesmo assim poderia existir, se lhe faltasse uma base certa e segura, que é constituida pelos primeiros principios communs a todos os nossos conhecimentos.

Esta ligação entre o fundamento e resultado final de todas as sciencias forma entre estas os laços de fraternidade, que tão intimamente as prendem, e d'onde dimana esse poderoso auxilio, que prestam umas ás outras.

O homem, como centro para onde toda a natureza irradia, está sujeita á acção d'esta, que lhe pôde ser desfavoravel, quando não convenientemente modificada; porem sobremaneira vantajosa, quando a sua natureza e leis se estudam e d'ellas se faz applicação aos usos da vida. D'este modo o homem que no primeiro caso se via opprimido e subjugado, agora se eleva ás superiores regiões do poder, e ufano se intitula rei da criação.

O estudo do homem deve portanto ser acompanhado do estudo da natureza, meio efficaz para o conseguimento do seu fim.

As leis juridicas, por sua natureza condicional, não só devem permittir, quanto ser possa, o recto uso das forças naturaes, mas até por si mesmas as devem apropriar, quando

conducentes ao desenvolvimento social; o que, todavia, se não pôde obter, só pelos principios de direito. Assim a questão da agricultura, que na actualidade se debate com tanto affinco, de cuja decisão depende a de interesses tão elevados, não pôde com verdadeiro conhecimento de causa ser resolvido senão por quem ao estudo do direito juntar solidos conhecimentos das sciencias naturaes.

Alem d'isto como se poderiam remover esses obstaculos ao livre desinvolvimento moral e economico das nações, pela difficuldade do transitio e communicação dos nossos pensamentos, se não fora o conhecimento e applicação das leis por que se rege a materia, que apesar da variedade de suas modificações, não deixa d'estar sujeita ao principio geral e constante que a governa?

Os homens d'estado não tem em geral obrigação d'indagar a fundo os segredos das sciencias naturaes, o que propriamente pertence aos que as estudam com especialidade; mas devem conhecer ao menos as suas descobertas, para que d'ellas possam fazer uso nas suas medidas legislativas, e, não se deixando illudir, vigiem com conhecimento os emprehendedores nos seus trabalhos materiaes de que os tenham incumbido.

Ao governo porem, e ás demais auctoridades administrativas é a quem mais particularmente compete o estudo das sciencias naturaes. É a administração, de que o governo principalmente se acha encarregado, que dá vigor e força á lei, sem a qual não passaria d'um puro ente de razão. O governo alem de fazer a principal parte dos poderes politicos pelo proposto e sancção das medidas concernentes ao desinvolvimento material da nação, tem, a mais, d'olhar pela sua execução conforme ao que se tenha estabelecido; do que tambem se acham incumbidas as suas auctoridades subalternas.

Se alem d'isto attendermos a que a administração está mais em contacto com os factos, abraça objectos mais numerosos, do que a lei, que não pôde perder o seu character geral e de permanencia; e se finalmente considerarmos que um dos fins da administração é reunir as forças individuaes para obter um bem social, forças estas, que mais convenientemente, e mais conformes com a dignidade do homem, podem ser substituidas pelas da natureza, convencer-nos-hemos da verdade da nossa asserção.

Em quanto o desinvolvimento do principio da sociabilidade não tiver tocado o seu zenith, não pôde a administração prescindir da ex-

cução directa de certas emprezas, para as quaes os funcionarios administrativos não são os mais competentes. Já se vê por tanto que estas auctoridades não se podem esquivar ao estudo de certos ramos de Philosophia, que expondo-lhes a maneira de obterem mais perfectos resultados com menos tempo e trabalho, e ensinando-lhes o modo de cultura dos predios sobre que tenham administração, servindo assim de exemplo a seus subordinados, concorrem d'esta forma para o melhoramento material e moral do paiz.

B. d'Albuquerque e Amaral.

## ERA NA INFANCIA!!

Na primavera.

Continuado do n.º 3.

VII.

Doce estação dos amores,  
Como és bella e deliciosa!  
Nossa alma, de gosto ancioso,  
Acha em ti gostos bastantes,  
E em qualquer dos teus instantes  
Um prazer, um bem se gosa.

MENDES-LEAL, JUNIOR.

Que enleio mysterioso e encantado não ha entre a infancia do anno e a primavera da vida! como ás florinhas, que n'alma desabrocham, correspondem as flores, que toucam as campinas! Como aos canticos maviosos das aves da floresta fazem echo os primeiros hymnos de amor, que de nossa alma espontaneos brotam! como ás brisas, que, á tarde, brincam soltas entre os rozaes, respondem as doces auras do sentimento, ciciando amor por entre as veigas de infantil imaginação!.. E foi na primavera!.. lá quando a flór namora a flór, quando as aves se namoram, quando tambem o zephyro namora as rosas... foi então que nós tambem amamos!.. Amor dizia o ceu de infindos lumes rutilante!.. amor dizia o bafejar da noite entre a verdura dos salgueirae!.. amor dizia o murmurio do arroyo!.. amor dizia o trinar do rouxinol nocturno!.. O balsamo, que das flores se exhallava, nos vinha coar na mente um doce fogo; mil perfumes, que a viração trazia, nos embriagavam os sentidos; e de mil estrellas a encantada luz se reflectia ardente nos seios da nossa alma!.. Era de amor o somno, que dormia a natureza!.. Em branda e aveludada relva repousava; embalava-a docemente o murmurinho das agoas

com o gorgear das aves; e as brizas, como que enxotando-lhe o calor, pediam ás lagrimas da aurora suave fresquidão: nos aromas da rosa e do jasmim se dissolviam tenues sonhos e a luz incerta dos nocturnos astros, como que enleando em branda lassidão, afugentava o despertar!..

E nós dormiamos tambem!.. dormiamos... porque é dormir... porque é sonhar o viver a vida de um primeiro amor!.. ver ao fulgor das estrellas a face da donzella e perguntarmos á nossa alma se é a irmã de nossa infancia ou se é um anjo do Senhor que junto a nosso lado está... porque é sonhar o passar entre rozaes, despertando os odores adormecidos, acordando as auras silenciosas, desentorpeçando o sussurrar dormente das folhagens, quando junto a nós vae esse ente angelical, que nos despertou o aroma do sentimento em nosso peito adormecido, que nos acordou as auras da affeição em nossa alma silenciosa, que nos desentorpeceu o sussurrar das folhagens d'um amor que em nosso coração dormia!..

E foi na primavera!.. ao alvorecer do sol da vida... ao raiar da aurora da existencia!..

E foi na primavera!.. porque primavera, infancia e amor são uma essencia só... um ser apenas!..

Continúa. A. M. da Cunha Bellem.

### A LUA.

Doa in carne una.

Mimosa noite d'amores,  
Mimoso leite de flores,  
Mimosos languidos ais!  
Vergontea debil ainda,  
Tremia!.. Lua tão linda,  
Lembra-me ainda!.., jámais!

E a daliasinha mimosa,  
E o botãozinho de rosa  
Dos labios d'ella... senhor!..  
Murchavam... mas como a lua,  
Passava a nuvem... «sou tua!»  
Reverdesciam d'amor!

E aquella estatua de neve,  
Como é que o fogo conteve  
Se eu a não vi descoalhar?  
Ondas de fogo, uma a uma,  
'Naquele peito d'espuma...  
Eram as ondas do mar!

Como os seus olhos me olhavam!  
Como nos meus se apagavam,  
E se accendiam depois!  
Como é que alli, confundidas,  
Se não trocaram as vidas  
E os corações de nós dois!

Mimosa noite d'amores,  
Mimoso leite de flores,  
Mimosos languidos ais!  
Vergontea debil ainda,  
Tremia!.. lua tão linda,  
Lembra-me ainda!.. jámais!

João de Deus.

### A BORBOLETA.

São tantos!.. tantos

Os teus amores,

Como as virentes

Mimosas flores.

Amas do cravo

Lindo carmim,

Mas logo o deixas

Por um jasmim.

Inda que bella,

Seus doces beijos

Não ressaciam

Os teus desejos.

Seduz-te a rosa,

Leda e fragrante,

Mas logo a deixas

No mesmo instante.

Amás do lyrio

Mimoso alvor,

Mas logo o trocas

Por outra flor.

Terno suspiro

Tambem t'agrada,

Mas a ternura

Logo te enfada:

Funéreo goivo

Juncto ao moimento

Seduz teus olhos

Por um momento.

A saudade

De roixa cor

Tambem partilha

Do teu amor.

A violeta,

Humilde e linda,

Com seu aroma

T'encanta ainda.

Amas do valle

A caravelina,

Do monte e prado

Toda a bonina.

São tantos!.. tantos

Os teus amores,

Como as virentes

Mimosas flores.

Março de 1859.

Severino d'Azevedo.

## DOS LAÇOS D'AMIZADE.

Continuado do numero 3.

IV.

Admiravel é este teu feito; mas o que vamos narrar, ainda surprende mais: reconhece, pois, quanto engrandeceste a constante dedicação de Tito Volumnio para com um ente querido, sem recaír injuria sobre a republica. Oriundo d'uma familia da ordem equestre, Volumnio, entretendo intima amizade com M. Lucullo, que, tendo seguido a facção de Bruto e Cassio, fôra executado por mandô de M. Antonio, caiu abraçado com o cadaver do seu amigo, quando espontaneamente poderá ter evitado este triste lance: e tão amargo foi seu pranto, que, significando fundo sentimento, lhe occasionou a morte. Assim por causa dos lamentos vivos e continuados, arrastado á presença de Antonio, encarando-o, disse «determina, general, que, reconduzido ao pé do cadaver de Lucullo, a vida, sem demora, me seja tirada; nem devo sobreviver áquelle, que por meu conselho se empenhára 'nessa guerra desgraçada.» Aonde achar uma amizade mais fiel? Minorando o odio do inimigo para com o defuncto, perigoso a vida sob o crime de persuasão; e, para despertar a compaixão sobre Lucullo, exacerbou contra si o odio. Nem Antonio, ouvindo-o, teve difficuldade em deferir sua supplica: conduzido ao logar que pedira, como beijasse avidamente a déstra de Lucullo, levantou-lhe a cabeça, que rolava separada do corpo, e apertou-a sobre o seu coração: logo, inclinando a cerviz, submetteu-a ao cutêlo do vencedor. Diga embora a Grecia que Theseo por servir os criminosos amores de Pirithois descêra, aventurando-se, aos reinos de Plutão; fabula será narrar o facto, estulticia prestar-lhe fé. Vêr dous amigos misturar seu sangue; confundir suas feridas; seguir um a morte do outro, taes são as verdadeiras provas de amizade

entre os Romanos; na Grecia, porém, amadora de quimeras, offerecem-se ficções monstruosas.

F. P. Santa Clara.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 3.

XX.

Preambulos para novas questões.

Leitor!.. tu sabes o que é a tapotopathia?.. Pois olha! eu t'o explico. É um systema medico inventado pelo doutor Engelstroem, que consiste em curar todas as molestias á força de pancadaria: ora, que havia algumas, que se curavam por este meio, já eu sabia de ha muito tempo; mas querer estabelecer em principio geral a doutrina do tal doutor sueco, isso é que me parece *un peu trop fort!*.. todavia o caso é que a experiencia tem mostrado as vantagens do tal systema sobre arrufos de mulheres, em que elle é muito superior ao homeopatico!.. Com effeito, a therapeutica instituida tinha produzido o seu effeito, e Carlota, que, na recente escaramuça, levára mais do que déra, estava macia como um veludo!

Escondeu-se pois para que o sr. Carlos entrasse sem a ver, deixou ir os dois amigos para o quarto, sem que os interrompesse com alguma impertinencia, e, coisa rara! nem sequer foi espreitar pelo buraco da chave o que elles diziam, — falta de curiosidade esta, que não lhe accusava a consciencia ter tido, senão uma outra vez, em que tambem tinha levado uma boa tosa, por causa de um dize-tu-direi-eu, ácerca de duas insignificancias e meia!..

Carlos tornou a abraçar o seu amigo com todos os effluvios de um fraternal amor!..

Ricardo — ainda affagando a arranhadura da cara, e limpando com o lenço a lagrima rebelde, que a esmurradela do olho lhe fazia involuntariamente verter, — não se mostrava menos sensível em abraçar o seu amigo de infancia. Fallaram muito das familias de um e outro, dos conhecimentos d'estas, dos visinhos, dos parentes dos visinhos, e dos conhecidos dos parentes d'estes, e visinhos d'estes conhecidos!.. por um tris que não fallaram nos dusesentos mil habitantes da cidade de Lis-

boa, um por um!.. mas, entre tanto perguntar, entre tanto indagar, entre tanto referir, e entre tanto recordar, uma pessoa tinha esquecido!.. era Adelaide.

Carlos tinha ido successivamente fallando de todos os parentes d'esta pobre menina para dar ao seu amigo a iniciativa de lhe perguntar por ella; mas Ricardo tinha justamente perguntado por todos os parentes, que a Carlos esqueciam, menos por ella!.. Estariam os seus pensamentos de tal fórma oppostos, que nunca se podessem chegar a tocar?

Não por certo!.. a mesma idéa os dominava a ambos; mas as suas expressões é que se afastavam do ponto de contacto, bem como o juiz e o réu, que, tendo a mesma idéa na mente, este evita sempre de a enunciar, em quanto que o outro forceja por lhe fazer proferir primeiro.

Ricardo não se podia resolver a tomar a iniciativa em tal pergunta: receava que o seu amigo tivesse ouvido o rondó final do seu duetto com Carlota, receava que elle o interrogasse pelo miseravel estado em que tinha a cara, e ao mesmo tempo saudosas recordações do seu passado se deslisavam, como vasto panorama, defronte dos olhos de sua alma, sendo sempre a imagem pura e singella de Adelaide, que vinha coroar o quadro pittoresco, que a sua reminiscencia lhe desenhava!.. O seu maior prazer 'naquella occasião seria vêr Adelaide, seria que o seu amigo lhe fallasse 'nella, que lh'a pintasse como um anjo de soffrimento, resignada na concentração da sua saudade, soffrendo com a ingratidão do seu amante, mas sorrindo um sorriso de perdão á mais leve desculpa que lhe elle desse!.. Ricardo estava triste! Carlos, por outro lado, estava pensativo. A ingratidão do seu amigo revoltava-o! nem sequer lhe perguntar por ella!.. por ella, que soffria como se soffre quando se ama devéras, e se é recompensado assim!..

Um momento de silencio tinha succedido ao dialogo mais ou menos vivo, que entre os dois amigos houvéra desde que entraram no quarto. Ricardo levou de novo o lenço á sua magoada cara.

—Que é isso, que tu tens? — perguntou Carlos.

O momento fatal tinha chegado!..

— Nada! — retorquiu Ricardo — foi um murro que levei inda-agora a brincar! não é nada!..

— Mas tu tens a cara toda arranhada! a pancada é recente, porque ainda agora se está

a fazer negra! que diabo foi isso?.. parece que andaste á unhada com alguma mulher!..

Terrivel bombarda, que estoirou mesmo dentro do terceiro ventriculo pineal do cerebro, onde alguns dizem que existe a alma do nosso heroe!..

— Homem!.. não foi nada!.. — resmungou, titubeou, ou antes, murmurou este; e corren logo ao espelho, não para vêr o lastimoso estado da sua cara, que d'isso já elle tinha bastante consciencia, mas para disfarçar a emoção que lhe tinham causado as solemnes palavras do seu recém-chegado amigo. Em seguida foi ao jarro, chapinhou a nodoa, e ficou em silencio.

Depois de uma breve pausa, Carlos renovou a pergunta.

— Nada! isso foi por força bulha com mulheres: os homens não costumam arranhar a cara uns aos outros!..

Um calefrio sacudiu a medula dos ossos do nosso heroe, que respondeu por um silencio estúpido e traidor. Carlos vingava-se do seu amigo não ter querido fallar o primeiro em Adelaide, intentando obrigar-o a fallar o primeiro em Carlota.

— Diabo! tu tens alguma coisa!..

— Não tenho nada!.. já te disse!.. Olha lá, tu has de vir moído da jornada, has de querer descançar um bocado... talvez te precisés lavar!..

— Não! obrigado! dormi bem em *Chão de Lamas*, e como vim de calça, não estou nada fatigado. Agora o que eu queria era uma pinguita d'agua para lavar as mãos.

Ricardo, que suscitára aquella idéa ao seu amigo para passar o pé á trovoada de seringaões, que lhe estava imminente, aproveitou logo a boa disposição d'este, para se lavar, chamando immediatamente a sr.<sup>a</sup> Maria para que trouxesse agua.

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

Explicação da charada do n.º 3 — *Almadia*.

#### ERRATAS.

Pag. 18, col. 1, linha 23, onde se lê *penicedo* deve lêr-se *periodo*.

Pag. 24, col. 1, linha 50, onde se lê *expañção* deve lêr-se *expansão*.

Pag. 24, col. 2, linha 9, onde se lê *perscurta-dor* deve lêr-se *perscrutador*.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 5

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 \*

1859 — MAIO — I

## EXPEDIENTE.

Aos srs. assignantes de fóra, que estão em debito das suas assignaturas, rogamos o favor de as mandar satisfazer com brevidade ao administrador d'este jornal, em estampilhas de 25 réis, ou como melhor lhes convier. D'outro modo teremos de suspender a remessa.

## A JUSTIÇA E A EQUIDADE.

O homem, ainda que seja a synthese de todas as perfeições que no universo se encontram dispersas, o centro aonde convergem todas as forças da natureza, não está por isso exempto dos variados accidentes, que ferem de frente a sua existencia e desenvolvimento physico e intellectual. Ao contrario, ao passo que se eleva nos degraus da natureza, mais necessario se lhe torna o auxilio d'esta: lei benefica e consoladora, que assim fraterniza os mais infimos seres da criação com os de superior escala, e constitue a verdadeira harmonia social.

Este resultado, porém, seria impossivel obter-se, ou na hypothese, de se alcançar, faltar-lhe-ia aquella dignidade, que deve acompanhar os actos do homem, se este carecesse da liberdade, poder divino, que, tornando-se causa motora e unica das acções humanas, lhes dá um novo realce, concedendo-lhes o legitimo merecimento. Comtudo, o que seria a liberdade, a ordem e harmonia, se não tivesse limites, clara e universalmente circumscriptos, dentro dos quaes se constituisse livremente?! Nestas circumstancias o homem passaria do

primeiro ao ultimo lugar da ordem dos seres; ou melhor, nenhuma posição occuparia, porque a sua existencia se não prolongava por muito tempo.

As relações juridicas e moraes entre os homens, pela sua natureza finita e livre, merecem séria attenção, seja qual for o gráo de desinvoltimento, que o homem attinja.

É desgraçadamente 'neste ponto, que o homem, já por espirito de classe, por aferro á sua escola, já deslebrado por seus interesses e paixões, mais tem divagado, e maiores prejuizos tem causado. A luta tem sido vigorosa de parte a parte; hoje, porém, graças aos amantes da humanidade, a victoria está decidida a favor d'estes. É a Ethica — sciencia do bem, fim de todos os conhecimentos, e base do direito e da moral, a quem compete a gloria de ter organizado os legitimos principios de conducta da humanidade: principios, que todos devem conhecer pelo razoavel uso das suas faculdades. Na verdade todo o cidadão deve ser esclarecido e dirigido de forma, que o principio social e individual não seja uma chimera, o que se obtem determinando as condições que necessariamente devem ser prestadas, e que constitue a justiça e indicando outras, cujo cumprimento em virtude de sua natureza deve ficar livre á consciencia de cada um, o que faz objecto da moral, que, modificando os principios rigorosos da justiça, dá lugar á equidade: palavra funesta pelas significações de que tem sido susceptivel, e pela má applicação na confecção e execução das leis.

Não ha absurdo juridico, que se não tenha sustentado com as improprias e elasticas palavras — interesse e equidade. O que é de direito (sentido em que aqui tomamos a pala-

vra justiça) não pôde ser modificado, e muito menos alterado, pelos principios da moral, (o que só compete áquelles que possuem o direito), porisso que é uma lei conhecida pela razão. Como superior á vontade humana, é um raio de luz divina, que nos esclarece e eleva a cima de nós mesmos. Com que auctoridade pôde o legislador, e muito menos o executor de lei, dizer: não sigamos este principio do direito, e obremos conforme a equidade? A moral não é superior ao direito, a sua base é a mesma, e o seu fim é o mesmo no seu resultado final; os campos em que actuam, é que são diferentes, e porisso nada de confusões de suas espheras d'acção.

Nem se diga que ha principios de direito natural, que, attentas certas circumstancias sociaes, tem de ser modificados por estas; porisso que o direito natural tem de ser applicado em todas as phases sociaes; a sua extensão deve comprehender todas as hypotheses que se apresentem; sob pena de deixar de ser direito natural. A natureza do homem, ponto capital de todas as sciencias que a elle se referem, justifica em tudo o que deixamos dito.

Ha casos, porém, em que o executor de lei tem uma certa liberdade na sua applicação; por exemplo nas leis penaes; 'neste caso ainda não vigora a equidade, mas sim os rigorosos e puros principios de direito.

A impossibilidade do legislador em prever e classificar claramente as variadas circumstancias attenuantes e aggravantes, que acompanham os variados crimes, o obriga a conceder em parte este poder ao Juiz: poder de que este usa conforme os principios de direito penal, e não segundo a equidade. Não será um principio proprio e exclusivo do direito penal, que a pena deve estar em porporção com o delicto? E da mesma maneira que as circumstancias que revestiram o crime, por exemplo, da maior ou menor liberdade do delinquente, devem aggravar ou moderar a pena?

Entendemos por tanto que a expressão equidade deve ser banida da legislação, que pela sua importancia, não deve comprehender senão idéas claras e positivas, e aproximar tanto quanto possível for de Mathematica nas suas demonstrações e precisão de seus termos; porque só 'neste caso é que o direito alcançará aquella posição, que tanto lhe compete.

B. d'Albuquerque e Amaral.

## A INDIGENCIA MERECE SÉRIA ATENÇÃO DA SOCIEDADE.

(Continuado dos numeros 12 e 11, vol. 1.º)

Será a beneficencia o meio mais efficaz com que energicamente se possa combater um tão terrivel inimigo?

Podemos afoitamente dizer, que tem sido esta a doutrina de todos os seculos e de todos os povos. Nos periodos obscuros da razão humana, quando o incenso das nações fumegava diante dos crimes ainda os mais atrozes, o aspecto d'um miseravel despertou sempre em todos os corações um grito de horror e compaixão, grito, que permaneceu superior a todas as corrupções do mundo.

A caridade fez-se sempre sentir, qualquer que fosse o campo onde se digladiassem a fome e o desespero, a conservação da vida e a sua aniquilação; morte esta a mais difficil d'encarar pela lentidão com que se avizinha e pelos horrores que a acompanham. A esse instincto ardente e invariavel ninguem pôde deixar de obedecer; como filho da natureza mesma, não pôde nunca ser absolutamente suffocado. Tal é a força da virtude. *O charity! thou principle of great souls!*

Infelizmente porém todos os generosos e louvaveis esforços empregados, procurando aproveitar esse instincto natural ao homem, têm sido fracos; todos têm sido não infructiferos, porque se não colhido d'elles optimos resultados, mas insufficientes, porque não podem nunca ir atacar pela base as verdadeiras causas do mal. São apenas seus paliativos.

A beneficencia do estado e a caridade individual per si sós têm de recuar em frente d'essa peste assoladora de que tanto nos desejáramos descartar.

Mas diz alguém: aproveitemos o principio e demos-lhe todo o susceptivel desenvolvimento; façamos com que elle seja fortemente apoiado pelo estado. Eis mais uma theoria.

Effectivamente, deverão os philantropos exigir dos governos instituições mais efficazes? Terá o poder legislativo de occupar-se da beneficencia publica, ou deverá esta ser para o estado uma mera obrigação moral?

Não fallaremos d'aquelles, que, fieis servidores da nação, chegaram á indigencia. O empregado publico cuja vida foi consumida no serviço publico, o soldado que tem uma vida vivida nos campos de batalha, que centenas de vezes tem affrontado a morte e mis-

turado o seu sangue com o dos inimigos, chegado que sejam a tal miseria, certamente devem ser recompensados de suas fadigas. Sobre esses não pôde haver duvida.

A questão é querer constituir a beneficencia como um direito dos pobres, questão que passamos a vêr, e que segundo nós deve ser resolvida negativamente.

É verdade que todos os governos christãos e civilizados, todos elles timbram mais ou menos em soccorrer esses infelizes. Todos rivalisam entre si, qual arrancar maior numero de victimas ás garras da fome. Nenhum certamente se procuraria escusar ao cumprimento d'um dever tão importante, porque a consequencia seria o acarretar sobre si a indignação não só dos nacionaes senão dos estrangeiros.

O augmento da mendicidade, como se vê pelos factos que apontámos, e como poderiamos comprovar com um maior numero d'elles, deve ser reprovado por todos os governos, pois que é um negocio que affecta demasiado a sua segurança, e seria injusto e até revoltante o querer remover tamanho mal sem anticipadamente ter provido á sustentação d'essa pobre gente. É pois uma obrigação, mas que a nenhum governo pôde ser imposta, assim como não pôde ser prescripta a nenhum particular.

Querer porém levar este principio muito além, pertender converter essa lei de politica, essa obrigação moral, em um direito do pobre, seria um dos maiores erros em que poderiamos cair.

Se attendermos á numerosa phalange de gastadores e mendigentes validos que percorrem as grandes cidades, muitos dos quaes preferem mil vezes o viverem encerrados numa prisão á custa do estado, ao ganhar o pão com o suor do seu rosto; se considerarmos as innumeraveis decepções e artificios de que se valem alguns pretendidos indigentes, verdadeiros parasytas, para enganar a compaixão; se notarmos que muitas vezes aquelles que mais dignos seriam de interesse, mas que ao mesmo tempo, possuidos de certos sentimentos, jámais se podem decidir á dar um passo que julgam humilhante e por isso lámbes não pôde chegar nenhum consólo, nem o menor lenitivo a seus males, facil reconheceremos os immensos inconvenientes resultantes da multiplicidade de estabelecimentos de beneficencia. Cada um d'estes é mais uma animação á pobreza, cria um augmento de

necessidades e um desmazelo porporcional de economia entre as classes inferiores.

E dada a existencia d'esses estabelecimentos, qual o meio de que o estado tinha a lançar mão para fazer face a essas despezas? O meio ordinario é o imposto. E desconhecerá alguém que sobre esses impostos cobrados para um fim todo benefico, recairia sempre o descredito dos impostos, e que uma grande parte seria absorvida em despezas de administração?

O governo que taes idéas seguisse commetteria uma grave falta. A lei que tal determinasse ia causar um grande mal pelo excesso de bem, seria a peor de todas as leis, porque era ao mesmo tempo immoral e injusta; immoral, porque ia alimentar e desenvolver os vicios os mais prejudiciaes; injusta, porque augmentaria o numero dos proletarios, sustentando-os á custa do operario laborioso.

Que fazer pois no meio de tanta variedade de systemas? Apresentar novas theorias, visto que as que existem são insufficientes?— Temos para nós que mui pequeno é o lucro que se pôde auferir de taes trabalhos intellectuaes; taes esforços são, quando muito, meio caminho andado para a consecução do fim principal.

Julgamos que pouco serviço prestam os auctores que sobre este objecto se occupam de theorias puras, da miseria official, não assim aquelles que, essencialmente praticos, nos apresentam indagações exactas sobre o estado d'industria d'um paiz, d'uma provincia, d'uma localidade, nos mostram a natureza e a marcha do pauperismo em epochas diversas e o resultado e caracter das instituições de beneficencia 'nessas mesmas epochas.

Prestará um grande serviço á humanidade aquelle que, estudando a miseria por seus proprios olhos, descer sem hesitação á analyse mais minuciosa de todas as causas que 'nella influem, tanto voluntarias como involuntarias, de todas as circumstancias provenientes do individuo ou a elle estranhas, e mais que tudo profundar bastante, para bem distinguir, a parte da realidade e a parte da dissimulação, objectos estes difficeis de bem discernir principalmente nas povoações numerosas. É necessario attender á influencia dos logares, dos acontecimentos, das industrias, dos costumes, das tendencias dos individuos e das instituições geraes e locaes, que regem essa nação ou essa pequena parte d'ella.

Para fazer porém tal estudo com proficiu-

dade, é mister pôr de parte qualquer partido scientifico, qualquer pensamento dogmatico cuja apothose se tenha feito porque só assim se poderá marchar desassombadamente, guiando-se não por certa e determinada theoria, mas pela força e exigencia dos factos, fazendo novas applicações e verdadeiramente uteis.

É este o trabalho de maior monta a que poderá dar-se o que tiver a peito o bem estar d'essas classes infelizes, trabalho na verdade mui afanoso, mas por certo o mais salutar.

Energicos meios ha, porém, que não convém nunca perder de vista, pelos quaes o mal pôde ser combatido no seu germen e taes são a economia e a instrucção.

«A economia, diz mr. Mézières, não exige, graças aos céus, nem coragem superior nem virtude sobre-humana, contenta-se com uma energia ordinaria e ao alcance das almas mais fracas. *Incipe* (começa) é a sua divisa. Depois o habito torna-a mais facil e menos sacrificios demanda.»

É este um remedio que mais propriamente toca ao proprio individuo que soffre, mas para o que muito pôde concorrer tambem o philantropo disseminando por entre essas classes o amor pela ordem e pelo trabalho, despertando o espirito de emulação e para isso basta o saber inspirar-lhes o desejo de melhora-mento de todos os commodos da vida.

Quão util não seria lançar mão d'essas verdades economicas envoltas ainda na linguagem scientifica, traduzil-as e amoldal-as á pouco cultivada intelligencia do rude, tornando ameno e de facil comprehensão o que até então para elle só fôra aridez?! Se alguém o emprehen- desse muito faria, e não seriamos talvez testemunhas de muitos factos praticados entre nós, filhos unicamente do juizo errado que muita gente é levada a formar, enganada pelas apparencias.....

A propagação de bons costumes, de tem- perança, ordem e economia, elementos essen- ciales da civilisação, exerce sem duvida uma superior influencia sobre a condição moral e material do individuo.

Que diremos da instrucção? Se algum meio ha que possa ser considerado não como um simples paliativo á miseria, mas como um mui poderoso agente que muito influe sobre ella, é certamente a instrucção publica fundada sobre as verdadeiras bases d'utilidade real e da sã moral.

Todo o governo que tomar a peito o bem estar da nação cujos destinos derige, um dos

seus principaes cuidados será o concorrer quanto possivel para o derramamento das luzes e conhecimentos por todas as classes sem distincção d'individuos.

O sexo feminino deve necessariamente ser o que mais lhe occupe a attenção, porque é ahí que estão as que mais tarde como mulhe- res, como espósas e como mães vão ter tama- nha influencia na familia e portanto na socie- dade. São ellas que criam as novas gerações, e dão de beber a seus filhos, com o leite, as creanças puras e sanctas, infiltrando-lhes n'al- ma o amor pela virtude.

Não basta porém que a instrucção afastan- do-se de certos principios d'antiga usança, tome como base os fundamentos que indicá- mos; convem mais alguma cousa: é essencial até que a instrucção esteja em harmonia com a classe a que for dada. Pouco aproveitará ao pobre, o ter conhecimento do grego e do he- braico, se ao mesmo tempo se não tiver o cui- dado de o embuir dos principios da verda- deira moral, de lhe inspirar o amor pela eco- nomia, e dar-lhe o conhecimento da vida prá- tica em que tem de entrar e dos meios como satisfazer a ella.

E a religião! É ahí onde o indigente acha resignação na sua miseria, força, esperança, e grandeza d'alma para supportar seus males com resolução e firmeza.

Sem ella não ha felicidade possivel; muitas vezes é unicamente lá que a miseria vae ac- coitar-se, onde acha sempre um prompto re- fugio; e pois que a religião tanto vale e tanto foge d'entre nós, chamemol-a, quando mais não seja senão pela vantagem material que nos resulta, hoje que o interesse é a mola real do menor acto. M. J. Vieira, Junior.

## LE SOURIRE DE FEMME.

L'on est faite pour aimer  
Quand on est faite pour plaire

DEMOUSTIER.

Le soleil d'une caresse,  
En reluisant dans mon coeur,  
Épanouit de la tendresse  
La charmante et jeune fleur:

C'est de l'aube matinale  
L'éclat qui annonce le jour  
Dans le charme d'un front pâle  
L'aurore d'un tendre amour;

Car le regard de la femme  
Semble la nue de l'encens,  
Qui nous brule de sa flamme,  
Qui nous enivre les sens;

Et, dans son tendre sourire,  
Qui vient notre âme émouvoir,  
Fonda dieu tout son empire,  
Montra dieu tout sou pouvoir.

A. M. da Cunha Bellem.

### MAIS UM DIA!

Sans toi où trouverais-je le ciel?..

BYRON, trad.

Mais um dia, mulher, um dia ainda,  
Que surge para mim de aureo prazer,  
Dizendo que a ventura jámais linda  
P'ra o que cré no amor e na mulher!..

Mais um dia feliz!.. que, no deserto  
Do acerbo soffrimento do existir  
Me vem mostrar o céu como entre-aberto  
D'um oasis nas delicias a sorrir!..

Eu creio que a ventura appetecida,  
Qual rocio perfumado da manhã,  
Berrama brandas lagrimas, dá vida  
Ao mortal, que tem fé pura e louçã!..

E a vida, que é tormento do que soffre,  
E que do homem ditoso o prazer é  
Das mais doces delicias abre o cofre  
Sómente ao que tem fé, que espera e cré!..

E um dia de ventura é no deserto,  
Onde a vida se esvae entre o soffrer,  
Um abrigo suave, um céu aberto,  
Onde a fada, o archanjo é a mulher!..

É qual marco da vida sobre o trilho  
Onde a alma vae cansada repousar...  
É pharol, que nos guia ao doce brilho  
Da paz que alem do céu se ha de gozar!..

Mulher!.. é mais um dia, um dia ainda,  
Que ostenta no horizonte o seu fulgor,  
Que me diz, que a ventura jámais linda  
P'ra o que cré na mulher... em Deos... no amor...

B.

### A MINHA FLOR.

Era tão bella  
A minha flôr!  
Livida aragem  
Crestou-lhe a côr.

Na debil aste  
Pendeu a triste,  
Palida a fronte  
Qual ametiste.

Em vão seus prantos  
A linda aurora  
'Nessa corolla  
Derrama agora;

Lagrimas doces  
Já não dão vida  
À florzinha,  
N'alma ferida.

Ingrata brisa,  
Em vez d'um beijo,  
Sacode-a triste,  
Sem dó nem peijo.

Uma por uma  
No vôo ardente  
As murchas folhas  
Leva imprudente.

Por valles, montes,  
Selvas e prados,  
Folhas... aromas  
São espalhados.

E a pobresinha,  
N'aste pendida,  
A pouco e pouco  
Lhe foge a vida.

Era tão bella  
A minha flôr,  
Livida aragem  
Crestou-lhe a côr.

Abril de 1859.

Severino d'Azevedo.

### ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 4.

VIII.

#### Retrato.

Nascemos para amar: a humanidade  
Vai tarde ou cedo aos laços da ternura;  
Tu és doce attractivo, ó formosura,  
Que encanta, que seduz, que persuade

BOGAGE.

Qual a mariposa gentil, que, enamorada  
da chamma fascinadora, a busca por inexora-

vel destino, o nosso coração enamora o facho rutilante dos olhos da mulher, e 'nelle vai crestar por mil vezes as azas tenues das suas mais fagueiras creanças!..

É que o Eterno concedeu por condão á formosura enlear-nos o querer do coração, como a chamma attráe a mariposa, como o iman fascina o aço rijo!.. E se o duro metal, se o tenue insecto, arrastados por inflexível impulso, obedecem á lei, que, dominando-lhes a vontade os enleva e prende ao objecto das suas affeições, como poderá o homem, mais seduzido que a borboleta pela luz, mais dominado que o ferro pela calamite — como poderá fugir aos doces laços com que o prende o olhar da donzella, cujo brilho fascinador é o facho que o enleva, cujo mysterioso poderio é o magnete que o attráe?..

E era formosa a donzella!!.. A sua fronte ornada de taes encantos reluzia, que o sol... o proprio sol, se ás faces lhe podesse subir o rubor do pejo, ao vel-a se esconderia; que a lua... a mesma lua, se a inveja a costumasse impallidecer, não ouzara encaral-a face a face!!.. E era formosa a donzella!.. seu corpo airoso como a palmeira; suas faces como a rosa entrelaçada com jasmíns, seus olhos negros como seus cabellos, luzentes como os diamantes da corôa do Eterno e serenos como a planície do céu em branda noute de outono, formavam meigo composto. E a donzella fascinara-nos o coração, porque é fado nosso o sentir o meigo jugo de um formoso riso, que, por magnetica influencia nos agrilhoa as affeições da alma!! Era o amor!.. amor puro e santo como o sente apenas o coração no seu primeiro vóo, suave e meigo como só na vez primeira se nos aninha no seio d'alma!.. Era o amor de infancia!.. A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

## DOS LAÇOS D'AMISADE.

Continuado do numero 4.

5.º A iguaes e merecidos louvores merece ser associado D. Petronio, pois a igual coragem de nobre amisade, deve caber correspondente tributo de gloria. De condição assás humilde, Petronio, protegendo-o P. Celio, alcançara o fôro de cavalleiro romano, e o soldo d'uma elevada posição no exercito; e se, durante a prosperidade do bemfeitor, lhe fugira a vez de significar sua gratidão, pagou-lhe fielmente a

divida n'uma conjunção desgraçada, em que a sorte o prendeu. Ao exercito de Cinna rendera-se Placensia, cujo governo fôra dado pelo consul Octavio a Celio; este, já depremido pelos annos e sob uma doença grave, receando cahir nas mãos do inimigo, pediu, como auxilio, a morte á dextra de Petronio, que, pretendendo debalde dissuadil-o da resolução, vencido pelos rogos o matou, e na sorte uniu-se-lhe por companheiro, para não sobreviver ao bemfeitor, a quem sómente devia o ter merecido elevados gráus de dignidade. Assim a um a honra, a outro o piedoso reconhecimento conduziram á sepultura. (Ann. U. C. 666.)

6.º Como Petronio, merece ser elogiado Servio Terencio, embora a sorte não lhe permittisse sacrificar a vida, como desejava, pela conservação do seu amigo; assim o facto deve ser avaliado pela generosa intenção, e não pelo acontecimento, que a tornou irrita, pois segundo sua resolução não só morreu, mas ainda D. Bruto se subtrahiu ao golpe da morte; este, tendo escapado de Modena, e sabendo que instavam cavalleiros, mandados por Antonio para lhe arrancarem a vida, favorecido pelas trevas, ententava, em certo logar, subtrahir sua cabeça culpavel a um justo castigo; já tinham invadido o asylo, quando Terencio, valendo-se da escuridão, por uma piedosa mentira se similou Bruto, e se offereceu aos cutellos dos perseguidores: mas reconhecido por Furio, a quem Antonio especialmente encarregara tomar em Bruto a vingança, não pôde remover o supplicio do amigo a trôco da morte própria; assim a fortuna condemnou-o a viver involuntariamente. (Ann. U. C. 710).

7.º Deixando os sombrios e tristes espectros da amisade obstinada passámos a contemplal-a sob aspecto risonho e amavel; e, tendo-a evocado dos logares, onde sómente dominam lagrimas, gemidos e mortes, vamos collocal-a no domicilio da felicidade que antes merece, ornada abundantemente de favores, honras e riquezas: surgi, pois, da mansão, que se crê consagrada ás almas pias, Decimo Lelio e M. Agrippa, que o juizo seguro, e destino feliz ligou pelos laços d'amisade, um ao maior dos homens (1), outro ao maior dos deoses (2); acompanhae-vos de toda a turba bemaventurada, que, coroada de louros e louvores, se alistou, sendo vós os directores, sob o estan-

(1) Scipião Africano

(2) Augusto.

darte da fidelidade sincera: vossa constancia experimentada, vosso zêlo intrepido, vossa discrição impenetravel, vossa vigilia infatigavel pela honra e vida dos vossos amigos, e, ainda, os fructos tão fecundos d'estas virtudes, apresentarão á posteridade um espectáculo, que lhe tornará, sobre caro, sagrado o culto da amizade.

F. P. Santa Clara.

### NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do numero 3.

Havia 'naquelle tempo muita falta de clerigos; por isso officiam os tabeliães a missa de canto-chão, nos domingos e dias sanctos de guarda. Impetraram indulgencias, de que obtiveram bulla, passada em Avinhão no anno de 1348, e d'este modo se augmentou mais a devoção, e cresceram as rendas, a ponto de proverem a hermda de ricos ornamentos, peças de prata, orgão, thuribulo e naveta. E porque esta confraria se tornou assás rendosa, temeram os tabeliães que lh'a impetrassem a título de beneficio, e tiveram um breve de exempção e confirmação de graças, concedido pelo papa Clemente VIII no anno de 1596. Com estes privilegios se conservaram os tabeliães exemptos da jurisdicção do bispo, que não podia tomar-lhes contas; mas com grave damno da confraria; porque, entibiando-se o zelo, vieram a perder-se muitos bens, e no anno de 1709 estava extincta a confraria, conservando-se ainda algumas rendas, que eram da gerencia da camara: a impulsos do fallecido João de Sousa Callado, que foi escrivão da mesma camara, se obteve do governo civil licença para restaurar a dicta confraria, o que effectivamente se fez, formando-se novo compromisso, e elegendo-se meza para administração d'esses poucos bens, que ainda tem: não continuou, porém, a meza em tal gerencia, porque passou para a direcção do asylo d'esta cidade, aonde actualmenté está.

Continúa.

M. J. Pires.

### SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 4.

XXI.

Define-se a situação.

Como depois da vinda da agoa não convi-

nha ficar mudo, porque seria dar occasião a que o inimigo o atacasse de novo no mesmo campo, o nosso Ricardo tentou desviar a attenção de Carlos do assumpto do passado dialogo, começando a fallar em outra coisa.

— Então?.. gostaste de vir para Coimbra? — lhe perguntou elle.

— Já fiz mais furor 'nisso, e agora confesso-te, que, se não fosse por honra da firma, desistia de me formar — replicou o caloiro, concluindo a sua ablução e enxugando as mãos á toalha.

— Porque? — retrocou Ricardo, que via 'naquelle mau humor do seu amigo alguma coisa, que lhe dizia respeito.

— Porque me parece, que aqui vem aprender-se pouco em quanto a sciencia, e muito em quanto a immoralidade; ganha-se pouco dos muitos conhecimentos, que se aqui deviam aprender, e perde-se muito dos poucos sentimentos nobres, que para aqui se trazem.

— Tu estás condemnando Coimbra sem nem ao menos a ter visto.

— Olha, Ricardo! O pouco, que tenho visto e ouvido em meia hora que aqui estou, tem-me feito desgostar muito! parece-me que aqui se aprende a ser ingrato e a esquecer pessoas cuja lembrança não se devia jámais riscar do nosso coração!

— Estás romantico! Isso é algum trecho da tua ultima producção? — disse Ricardo, gracejando; ou antes, fingindo gracejar; porque as expressões, que pretendiam ser chistosas, em vez de sal, tinham pimenta, vinagre e malagueta!..

— !sto não é romanticismo, Ricardo! isto é ainda um resto de sentimentos, que tenho podido conservar puros no meio da corrupção; isto é ainda uma expansão nobre do meu coração de vinte e dois annos, que se revolta contra tudo o que é ignobil e mentiroso!..

— Mas!.. deixemo-nos disto... has de ter vontade de ceiar... queres chá ou preferes ceiar de garfo?

— Nem uma coisa nem outra, obrigado! mas não tenho vontade!.. confesso que estou realmente penalizado, e maldigo a hora em que tentei vir para Coimbra!..

— Porque?.. — perguntou, machinalmente Ricardo. A desgraça do pobre veterano estava decretada!! Se se calava, o seu caloiro perguntava-lhe pela causa das arranhaduras da cara, se abria a bocca todas as palavras pareciam convergir para o mesmo ponto que elle desejava evitar!..

— Porque?.. ainda o perguntas?.. porque?.. Porque pensava vir lançar-me nos braços d'um amigo digno da minha estima, e venho encontrar um homem abjecto, e demais a mais hypocrita!..

— Hypocrita!?..

— Sim!.. hypocrita... repito-o!.. Que tu dissipas a tua mezada com uma mulher abjecta, vá!.. mas que escondas refalseadamente a tua abjecção ao teu amigo de infancia, que o recebas com sorriso hypocrita nos labios, para depois ires repartir doces risos com essa mulher despresivel, isso é infame!..

Carlos fora sublime!.. Ricardo estava confundido!.. mas o espirito humano é composto por fôrma tal, que, quando não tem desculpa a dar a uma arguição d'esta ordem, só para não vir curvar-se constricto e dizer *peccavi*, ergue-se sobranceiro e arrogante despedindo uma metralha insulsa das mais insolentes banalidades.

— Então que tens tu com a minha vida?.. que te importa se gasto bem ou mal o que tenho?.. Vieste para Coimbra para ser meu tutor?.. pois não!.. o caloiro querendo dominar o veterano! amanhã dás-me um grau! não é assim? Ora sempre estás muito pelludo, meu pobre amigo!..

— Aqui não ha caloiros nem veteranos!.. Nós fomos educados junctos, laços fraternaes nos uniram na infancia!.. Não tenho direito a zellar os teus interesses!.. não posso nem o quero fazer! mas tomar conta do teu modo de vida ignobil e degradante, tenho direito a isso!.. tenho direito! porque m'o dá essa amizade, que nos ligou na infancia!.. porque m'o dá a consideração que voto a teu pae, pobre homem, que não quer acreditar as loucuras que de ti lhe têm contado!.. e sobre tudo dão-me direito a tomar-te contas do teu proceder as lagrimas d'esse anjo angustiado, que eu estimo como uma irmã adorada... essas lagrimas que ella derrama sobre a tua ingratidão, e que tu retribues com a delicadeza de nem ao menos perguntar por ella!.. É muito, Ricardo! não esperava isso de ti!.. esqueceres aquella pobre menina! atraíçal-a aleivosamente! trocal-a... e por quem, meu Deus!! por uma prostituta, que te arranha a cara numa bella occasião de mau humor!.. ella, toda carinho, toda meiguice!.. Olha, Ricardo, se metteres a mão na consciencia, has de ver que obras muito mal!.. como amigo que sou t'o digo!..

Ricardo estava mettido pelo chão abaixo!..

Tinha ouvido a tremenda rabecada do seu caloiro sem tugar nem mugir! mas o diabo do orgulhoso, que sempre ha de fazer das suas, fel-o replicar, quando o seu amigo se calou:

— Obrigado, Carlos! eu é que esperava encontrar em ti um amigo para me consolar nas horas de immensa atribulação, e encontro um juiz severo, que me condemna antes de me ouvir! Quem te disse que eu vivo escandalosamente ou que faço loucuras?.. quem te asseverou que eu tenho sido ingrato para com ella? quem ousa assim devassar os foros da minha consciencia?.. A chave do meu coração pertence-me!.. não dou o direito a ninguém de lhe querer penetrar os segredos!.. comprehendes?..

— Comprehendo, sim!.. comprehendo que sou aqui de mais, e que não posso nem devo viver comtigo numa casa onde existe uma mulher que te pertence!..

Adeus, Ricardo! de hoje em diante é como se nunca nos conhecessemos!.. tu cõrarias de vergonha quando a minha presença te viesse recordar os tempos da tua infancia, e eu morreria de pejo se um dia te viesse encontrar nos braços de uma prostituta!

— Homem!.. tu levas logo as cousas ás do cabo! quem te diz que saías, que não vivas comigo?.. Essa mulher, a que tu alludes, não vive de portas a dentro comigo!.. posso-t'o affiançar...

— Então deffinamos a posição!.. Tu amas ou não amas Adelaide?.. és ou não és digno do seu amor?..

— Amo-a!.. sou digno do seu amor! — replicou Ricardo com vehemencia. Eram os sentimentos nobres que acabavam de ganhar uma batalha campal contra a abjecção do espirito!.. Carlota fôra derrotada!..

— Então dá-me um abraço, e que o penhor de paz seja a expulsão d'essa mulher perdida!.. promettes?..

— Juro-o!..

'Neste momento um fracasso diabolico fez rebentar a fechadura da porta do quarto!.. Era Carlota, que, não podendo levar até ao fim a perserverança de vir escutar pelo buraco da chave, e, ouvindo o resto do dialogo tão pouco lisongeiro para ella, vinha em pessoa advogar a sua causa!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 6

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 - MAIO - 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 210 rs.  
Com estampilha 720 "

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Theodolinda A. Christina  
L. da Veiga.

Antes, e muito antes, que a revelação descesse do céu, já a existência de Deus, e o conhecimento dos seus divinos attributos, era um axioma para a razão humana, abandonada aos seus proprios recursos.

D. THEODOLINDA, *Elem. d'Inst. Moral*, cap. 1.

Existe Deus? Perguntal-o é um insulto á razão. A idéa da Divindade deixaria um só momento de acompanhar a humanidade em todos os tempos e em todas as epochas e phases da sua devolução successiva? Perguntal-o é não considerar a historia como a luz da verdade, ou o espelho em que se reflectem os passos do homem na senda não interrompida do seu desenvolvimento inevitavel. O homem, dotado de penetrabilidade, termo inceptivo da faculdade da prophacia; de razão, pela qual dá o verdadeiro logar aos entes, que, com elle, constituem a criação; do sentimento, com o qual aprecia tudo, guardando as convenientes distancias, que a intelligencia prescreve em harmonia com as idéas de ordem e aperfeiçoamento; de consciencia, pela qual avalia todas as evoluções psychologicas e estheticas, adquirindo sufficiente conhecimento do *eu* por um processo mysterioso, graduando o merito ou demerito de suas acções, que, instinctivo, racionalmente affere pelas idéas innatas de harmonia, ordem e unidade resultante da natureza, e do instincto de dignidade propria, que o colloca no apogeu da synthese universal, porçando-o a revellar a sua incontestavel preeminencia e superioridade sobre todos os seres creados; o homem, dizemos, dotado de todos estes elementos de origem externa, in-

terna, sensitiva, moral, racional, superior e primitivamente organica, é o ponto de transição, ainda que incomprehensivel á sua intelligencia limitada, do infinito para o finito, do Creador para as creaturas.

Deus é o rei dos céus; o homem é o soberano da terra. Vivendo sobre o firme pedestal da sua independencia, o homem recebeu das mãos do Creador o pacto da possibilidade continua de existir, pagou-lhe Elle d'uma só vez e voluntariamente o tributo de sua existencia; emancipou-o de uma vida, que não começava em sua propria actividade, e vendendo-o em sua eterna previsão de todo disposto para viver no mundo, ahí o depoz na subjecção á simples condição de existir, segundo o seu organismo e o dos seres que o cercam! Esta liberalidade só se explica pela generosidade e bondade infinitas.

Pelo seu lado o homem deve a Deus reconhecimento e gratidão; mas ainda 'neste insignificante tributo, que Elle lhe impoz, foi tão generoso, que lhe imprimiu no intimo da natureza o instincto á sua adoração. Quem affirmará, depois de assim haver pensado, depois de ter analysado o homem pelo prisma, que a razão modula no pensamento, que deslisa pela linha do infinito até se esvaír de impotencia propria, depois de haver attingido os pontos de contacto, cuja transversalidade a intelligencia segue, em quanto o *eu* se não confunde e abysma nas idéas innumeradas, que concorrem a todos os pontos da esphera da penetrabilidade humana, que elle, esquecendo a si, desconheça o Creador? Ninguem por certo.

Ninguem por certo! Infelizmente inda ha homens, que, admittindo que podemos ver o futuro, por onde não devolveu a actividade do

eu, identificando-se com elle, negam que sintamos o preterito, que por todas as razões é nosso, e tão nosso, que se acha indelevelmente gravado no nosso ser.

Mas esta impugnação será proveniente de convicção, ou não? Ou mesmo nós veremos Deus, como creador do existente finito, em todos os objectos, que nos impressionam?

A demonstração affirmativa d'estas duas proposições, dá um golpe fatal no atheismo.

Atheismo é a negação da existencia de Deus: divide-se em práctico, theorico, e sentimental.

O atheismo práctico consiste 'num procedimento immoral, practicando todos os vicios e crimes a sangue frio, como se não houvera um ser supremo, que ha de julgar e punir o homem ou premial-o, segundo a qualidade das suas acções. Este existe; mas a sua existencia não importa a não existencia da Divindade, nem o sentimento correlativo. Deus não depende da incoherencia e excentricidade dos homens; nem estes dous absurdos podem extinguir ou extirpar da natureza humana o sentimento do ser eterno. Assim o atheo práctico, não podendo desembaraçar-se da luz inextinguível da verdade, que o acompanha mesmo no meio da sua maldade, e lhe aclará o feio aspecto dos seus crimes, fazendo-lhe presentir as consequencias tristes d'um castigo inevitavel, trava com a sua consciencia um duello de morte. Vence ella; e elle exilado na região do remorso faz, para se desconvencer d'um Deus, os ultimos esforços; mas a crença, que não depende da mentira, avigora-se; o remorso torna-se mais pungente; a vida mais pesada e quasi vegetativa; a existencia precaria e enfadonha; o sentir embota-se; a alma degrada-se; a dignidade e tudo perece sob a influencia do triumpho imperial da natureza sobre os productos da imaginação escandecida e desconcertada. É este o funebre desenlace do drama fatal, que o homem extraviado da idea da Divindade, que o eu gerado no ponto da convergencia das faculdades desharmonizadas em sua actividade e desviadas da sua natural direcção, espontaneamente representa no seio da sociedade, que pretende corromper, ou ao contacto da sociedade corrompida, que lhe transfende no intimo d'alma o veneno, que já transsuda de suas arterias.

Menos desgraçado, mas mais perigoso é o atheo theorico. O seu exemplo não assombra o sentimento de piedade das almas bem formadas; mas os seus argumentos subtis e argutos, dictados por um tacto especial de so-

phistica requintada, calam muitas vezes até á séde dos sentimentos religiosos, e d'ahi os eliminam, substituindo-os pelas apparencias do indifferentismo, que não tarda a desilludir-se, porque os instinctos da natureza, que a razão apoia, não podem permanecer muito tempo inertes. A experiencia mostra, que elles, soffrendo pressão, surgem, depois d'accumular o vigor concentrado, com feição de invencíveis, e a observação confirma esta verdade nas victimas do remorso, que a consciencia, o nosso melhor e peor dom, sacrifica nas horas da verdade eterna.

O atheo theorico é o homem vaidoso, formado na combinação absurda das idéas; os seus argumentos são o producto d'uma seducção extranha, colorida das galas d'uma imaginação fertil; os seus discursos são a contextura de principios, que só principiaram na investigação do seu plano d'attaque; os seus ares de convicção são relances de hypocrisia, que partem de fóra do coração, mas que por um processo inexplicavel se afeiçoam agradavelmente no imaginoso intento de proclamar a mentira contra a verdade-tipo; a sua eloquencia é só eloquencia, é o nada, que na negação da existencia propria intimida e neutralisa por momentos a expansibilidade do sentimento, que se acanha, mas que é immorredouro; o fim do seu discurso, a transfusão da convicção do atheismo no fundo d'alma encontra um obice insuperavel no eterno principio da consciencia, cujo estimulo, e consecutiva actividade e energia vem do alto.

O atheo theorico só vê a verdade no inverso das suas demonstrações; a sua faculdade volitiva é a vaidade, e a sua mania é fazer manifesto ao mundo da louca intensão de interpellar o ser supremo. Declara-Lhe guerra pela mais nobre faculdade, que Elle lhe concedeu, porque se não deu ainda ao trabalho de examinar, quanto o pacto da criação lhe é vantajoso, e tem sempre fugido ao seguimento do instincto, que lhe revella haver nos céus um tribunal, que decide omniscientemente da imputação do homem em relação ás clausulas do pacto primitivo. Mas não fica aqui o castigo do atheo theorico; se se excede naquillo que já é excesso, se leva as suas pretensões a privar intellectualmente o céu d'um Deus, como a terra d'um Creador e Conservador, os espinhos d'um arrependimento amargo tecem-lhe a corça do martyr do inferno; e o anel da confissão forçada perante a sua consciencia inexoravel, extingue-lhe, no extremo do soffrer,

a vida da esperança, atropiando-o com a visão horrenda do perdimento eterno, porque o repelle o céu e a terra.

O atheo sentimental, ou de convicção, esse não existe, como já temos visto.

Existiria, se o homem pudesse desfazer-se, e de novo elementar-se, dando-se outra natureza e destino. Absurdo inadmissível em vista da unidade da sua natureza, da consciência, observação e experiencia.

Como o atheismo sentimental é o verdadeiro atheismo, por ser este o systema dos que não crêem na existencia de Deus, muito logicamente pôde dizer-se — não ha atheos — Como o homem é hoje o que foi na primavera da criação, é verdade que, antes, e muito antes que a revellação descesse do céu, já a existencia de Deus, e o conhecimento de seus attributos era um axioma para a razão abandonada aos seus proprios recursos.

O sentimento da religião e de Deus é um elemento essencial da natureza humana. Extinguir-se-ha com o desaparecimento da humanidade do quadro methaphysico do pensamento universal da criação? Nunca.

J. M. Cabral e Castro.

#### Conclusão do 1.º art. do n.º 3.

O trabalho é o exercicio da nossa actividade sobre os objectos, que pela sua natureza devem ser apropriados, como elementos conservadores da nossa existencia. Trabalhar e existir condignamente, ou em harmonia com o nosso destino, são idéas correlativas.

Talvez que o homem não fosse creado para trabalhar; mas é certo, que elle recebera do auctor da sua existencia uma organização propria para isso. Antes da sua decadencia, pouco sabemos da sua sorte; só a tradição diz, que fôra tão feliz, que nada racionalmente podera desejar; mas desejou, e este desejo, posto em execução pelas forças disponiveis, que então gosava, perdeu-o, submettendo-o á dura necessidade de trabalhar para viver. Quer esta necessidade tivesse sido prevista pelo auctor das cousas na organização e destino do homem, quer ella seja uma pura consequencia do facto da queda, ou sua exterminação do paraizo, que lhe faltou, como a lisongeira visão d'um sonho agradável, ella procede, e com tanta universalidade d'acção e de imperio, que os mais abastados e bemquistos da fortuna se acham 'nella comprehendidos, inda que com

bastante pezar. Entretanto o trabalho não enfada, ao contrario o ocio tira o apreço e encanto natural da vida. É para admirar que a felicidade dos tempos innocentes, só experimentada e gozada pelos nossos primeiros paes, se convertesse no infortunio, depois da sua decadencia, e ainda mais que esta se prolongue pelo infinito, dictando as leis á humanidade, como se o genio do mal tivesse sobre ella a influencia d'uma entidade perseguidora. No mesmo mysterio occulta-se a razão de sermos tanto mais felizes, quanto mais trabalhamos. Certamente, porque o trabalho é a expiação d'um crime enorme, para a expurgação do qual são insufficientes as forças humanas, sendo precisa a regeneração por um Deus amigo e compassivo, que vestira a forma humana para se identificar connosco, e ensinar-nos a soffrer e a vencer. Será isto.

Adão trabalhou, porque se regenerou por culpa propria, e nós, seus filhos e herdeiros universaes, menos da prerogativa dos momentos de dita incomprehensivel, que acompanhara o tempo, bem pouco, da sua innocencia, trabalhamos, porque o contrario importa-nos incomportaveis necessidades, cujo abandono conduz indefectivamente a uma morte forçada.

O trabalho é physico e moral, e tanto um como outro devem ser intellectuaes.

É physico, quando versa sobre objectos d'essa ordem, e moral no caso contrario.

Não sendo acompanhado de intelligencia, o trabalho, quando não seja inutil, como frequentemente tem logar, é ao menos despido de consequencias ajustadas, faltando aos productos da nossa actividade o caracter de proveitosos e concernentes ao nosso destino.

O grande principio do trabalho está em aproveitar muito a humanidade pelo emprego de poucas forças, ou em adquirir muito facilmente e em pouco tempo. Mas nós dissemos, que o homem é feliz trabalhando, e por este principio parece contradizer-se aquella proposição; no entanto não ha contradicção, porque a especie humana não jaz estacionaria; desenvolve-se, e aperfeiçoa-se; e estas phases reclamam o augmento successivo do trabalho, ao passo que proporcionando o goso, e tornando mais pronunciada a independencia terrena, preparam um existir mais suave, e occasionam, pelo estimulo natural do bem estar, a elevação do pensamento ao ser supremo, enchendo-nos de esperanças, e de fé, que firma a vida, e com ella escora o progresso das gerações futuras.

O trabalho produz a riqueza, esta a representação social, e a representação social origina a nobreza e colloca o homem no estado de poder manifestar ao mundo e fazer-lhe sentir todas as suas virtudes moraes e sociaes, de o fazer olhar como um homem honesto e cidadão officioso.

O trabalho, compellindo o homem a leadear as leis naturaes e moraes, que não pôde deixar de acompanhar em todas as suas operações verdadeiramente taes, habitua a virtude e ostentação voluntaria, e sem vaidade, da sua dignidade.

Habituar o joven ao trabalho é formal-o physica e moralmente. Physicamente, porque desinvolve as suas forças, robustece a sua organização, e põe-se em estado de se oppôr utilmente á natureza, quando ella lhe for adversa. Moralmente, porque collocado em contacto com o mundo e a sociedade, reconhece as qualidades e direcção d'um e d'outro, e a impossibilidade de se oppôr honestamente ao que é, restringindo-se com esta convicção ao cumprimento dos seus deveres e quando muito criticando ou arguindo os que se excentram.

A educação é o trabalho bem dirigido.

J. M. Cabral e Castro.

### CARTA ANONYMA.

Le mystère n'a été fait pour toi?

Tal como desfeitas correm

Como se esvaem e morrem

Nuvens do fumo no ceu,

Passa a *Noite* e a luz da *Lua*

E a gloria d'ouvir — *sou tua!* —

Que deprime o canto teu.

Um mysterio profanaste

No segredo, que violaste

'Nessa orgulhosa canção:

Profanaste, anjo cahido,

Momentos — que arrependido,

Sente e cala o coração.

'Nessas gótas da existencia,

Bebendo da roza a essencia

E desfolhando-a — gozaste?

Foste um verme venenoso;

Matando-a, fôras piedoso,

Se a virtude lhe roubaste!

### RESPOSTA

À MINHA BELLA INCOGNICA INIMIGA...

ECH. E NARE.

Eu mysterios se os profano,

Não são nunca de mulher:

Vivi sempre 'neste engano...

Morrerei, se Deus quizer.

Essa tal *noite d'amores*,

Esses tão *languidos ais*,

Esse tal *leito de flores*...

Foi um sonho e nada mais.

Foi um sonho, e sonho aereo

Como os sonhos sempre são;

Nem podia ser mysterio

Dos mysterios... da paixão.

Se pensei 'num doce instante,

Que ao luar, candida flor

D'um perfume inebriante

Perfumava o meu amor...

Se pensei que um vão desejo

Com que á luz desabrochei,

Me expirava em fim 'num beijo...

Foi um sonho, que eu sonhei.

Foi um sonho! E se eu morresse

Quando á luz do mundo vim;

Se eu uns olhos só tivesse,

Que me dêssem luz a mim;

Não dormia e já velava

Como em tempo já vellei,

No bom tempo que eu gozava

O que ainda nem sonhei!

Não faz mal que o pensamento

De quem Deus fadou tão mal,

Fuja em sonho um momento

D'esta vida desleal!

Que o que a sorte desditosa

Soprou como sombra vã,

Colha em sombras uma roza

Nos seus sonhos da manhã!

Que te custa que dissesse

— Fui feliz — um infeliz?!

Que fiz eu que te offendesse,

Que mal foi o que eu te fiz?!

Quando a mão d'um innocente  
Quer a estrella que a seduz,  
Ninguem ha tão inclemente,  
Que no céu lhe apague a luz!

Ah! mulher! custa isso pouco!..  
Se não faz mal a ninguem,  
Deixa lá que um pobre louco  
Sonhe... sonhos que não tem!

João de Deus.

### FRAGMENTO.

(IMPROVISO A . . .)

E amava-a!.. e este amor era um mysterio,  
Que nem a propria mente o compr'hendia,  
Submisso, como estava, ao seu imperio!..

Amava-a com delirio!.. e cada dia  
Esse fogo d'amor — sagrado, interno  
Mais e mais dentro d'alma se accendia;

E o alento divinal d'um Deus eterno  
Na vida, que em minha alma inoculava,  
De seu poder mostrava o dom superno.

E da ventura o sol, que se eclipsava,  
De novo refulgiu puro e radiante  
No céu d'esta existencia, que murchava,

Mas foi brilho fugaz!.. d'um só instante  
Que no sombrio occaso d'uma ausencia  
Se esconde do meu sol a luz brilhante!..

E agora, que do peito exhalo a essencia  
D'este saudoso amor 'num som funereo  
Revellou-lhe tambem sua existencia,  
Que em segredo viveu, que foi mysterio.

30 — 3 — 5 . . . A M. da Cunha Bellem.

### SETE E NOVE.

Quem é que não sabe que o inferno da Divina Comedia tem nove circulos, e o purgatorio nove degráus, e o paraizo nove esferas?

O que se não sabe é, que este ponto de contacto entre regiões tão distantes, e tão distinctas, é além de sobremodo inverosimil, um... lapso esthetico no Byron da idade media. (*Paulo majora canemus.*)

Um lapso e um desperdicio. Dante, nasceu mais para nosso ministro da fazenda, do que

para viajar pelo outro mundo. Dois d'esses circulos, dois d'esses degráus, duas d'essas esferas, dispensavam-se como o convento de Mafra.

A questão parece-me que não é de geographia.

Sete são os peccados mortaes, e isto é forte: mas ponhamos de parte — salvo o logar — um argumento que só concluiria alguma cousa no inferno.

Se provarmos que nas quatro partes do mundo, é sete o numero de mais superstições, e que por consequencia, mais fala á imaginação das gentes, concluiremos — *a contrario sensu* — que não deviam nem ser nove os circulos do inferno, nem ser nove os degráus do purgatorio, nem ser nove as esferas do paraizo.

Ora, mas digam-me: houve ainda numero lunatico, embrunado magico, supersticioso, poetico, maravilhoso, como os sete?

Nunca! Provam-no os sete, e sete artigos da nossa fé.

Provam-no os sete milagres do mundo.

Provam-no os sete sellos do Apocalypse.

Provam-no os sete sabios da Grecia.

Prova-o, da torre de S. Julião á praça de Elvas, e do Minho ao Guadiana, essa cantiga:

Sete e sete são quatorze,  
Cada junta tem dois bois;  
Quem me dera uns olhos negros  
Como são d'aquelles dois.

Prova-o essa outra, linda como a cabeça d'uma criança, simples como a vida dos campos, melancolica como as planicies do céu:

Sete-estrello vai em pino,  
E o cajado vai virando;  
As ovelhinhas de Deus,  
A volta que vão levando.

Sete-estrello! Mas, eu não vejo sete-estrello nenhum.

— São seis: responde o telescopio.

— E a outra?

— Foi-se.

— E como?

— Ignora-se.

— Mas se se ignora, como se foi?... Lembra-me o Bergier e os encyclopedistas: os guardas estavam a dormir quando os discipulos foram tirar o Mestre? Como o sabeis então!...

Nada. A coisa não se explica senão pela mania do 7.

*Et permanet in aeternum,*

diz Salomão, e elle que o disse é, porque o sabe. O sete-estrello não foram nunca sete-estrello. Mas a verdade tem os encantos da mulher aos quinze annos: ama-se por si mesma; e não se mente por se mentir. O systema da *triplicação* estava reservado ao *decimono* da era do Senhor. Tres, são tres, e seis são seis, desde o principio do mundo. Porque foi pois que a fraca humanidade accrescentou um por sua conta e risco, em prejuizo das verdades eternas?

A coisa explica-se.

—O que é que restava aos que não tinham a luz da revellação?

—A luz do céu.

—A que os convidavam as necessidades da terra, e as maravilhas do *firmamento*?...

—Ao estudo dos astros.

*Coeli enarrant gloriam Dei.*

A razão e a historia fazem o homem, primeiro, astrónomo do que gastrónomo. A cartilha do nosso mestre Ignacio, e o methodo repentino (*Fiat lux!*) são mais modernos do que as taboas da astronomia indiana. Primeiro se estudou astronomia e mathematica, do que se apprendeu o A, B, C.

—Ora por onde havia de começar esta sciencia?

—Pelo que ficava mais á mão.

—E das peripecias da lua, qual é a mais facil de observar?

—O mez synodico.

—Que fez o homem?

—Notou que em vinte e nove dias a lua dava o seu gyro.

—Que mais?

—E que fazia quatro caras.

—Que mais?

—E vinte e nove carêtas.

—Depois?

—O gyro chamou-se *mez*.

—E a cara?

—*Semana*.

—E a careta?

—*Dia*.

—Bem. E depois?

—Dividiu o mez por quatro.

—E cada parte?

—De oito dias.

—De oito?

—Quatro vezes oito, trinta e dois: era demais.

—E então?

—Seis.

—Mas quatro veze seis, vinte e quatro: era de menos.

—Sete.

—E ficou sete?

—Sete.

Data d'aqui a popularidade dos sete—o methodo analytico—e o *in medio consistit virtus*.

Ora: a semana é antiquissima, e um numero extrahido do céu, naturalmente maravilhoso. O que era d'esperar pois?

O que realmente aconteceu. Não houve magia, não houve culto, não houve physiologia, não houve medicina, não houve psychologia, não houve astrologia, não houve nada, nada, nada absolutamente, aonde os sete não entrassem como por sua casa.

Começou a mudar-se de genio de sete em sete annos; a cuspir-se sete vezes em jejum; a passar-se pela onda sete vezes; a fazer crise a doença aos sete dias, aos quatorze e aos vinte e um, o que ainda hoje faz: e *post tot, tantisque labores*, accrescente-se a isto nada menos do que o diluvio universal!

Expliquemo-nos.

Depois d'uma catastrophe, que revirou regiões, climas e estações—que atirou com o oceano abaixo do seu leito—com a linha equinocial aos pólos—com os continentes ao mar e o mar aos continentes, e milhões e milhões d'almas ao inferno;—peço attenção: todo o perielio, toda a paraselene, toda a aurora boreal, todo o Iris, todo o trovão, todo o corisco, todo o phenomeno meteorologico, todo o episodio astronomico, havia de necessariamente appresentar ao olho desconfiado dos sobrevividos um aspecto, mais do que lugubre, horrifico e sobrenatural.

Imaginemo-nos no mais alto raminho do Himalaja: nós; sobre uma rocha; á direita um leopardo; á esquerda um tigre; um filho aos hombros; a esposa ao collo. E pelo meio da esposa, e do leopardo, e do tigre, e de tudo, enrolada, enroscada, encaracolada, uma serpente enorme—de cascavel. Depois, ao norte, mar; ao sul, mar; ao nascente, mar; ao poente, mar. No horisonte, *rari nantes*, e aos pés, a meia vara, a uma quarta, e um palmo, crescendo sempre (N. B. aqui o systema metrico, e a decima milionesima parte d'um circulo maximo, corresponderia a bayonetas pretorianas), crescendo sempre, e a chegar-se sempre, e a aproximar-se sempre, e a roçar-se já quasi, o abysmo...

Horror!!!

Veja-se como os infelizes, que restaram de essa especie de bachanal dos elementos, transmittiriam á posteridade em mil agoiros, mil prognosticos, mil combinações cyclicas, mais ou menos phantasticas, mas horrorosas todas, o *symbolo* da mimica lunar; os sete; os indiffectíveis sete!

Isto posto, resta-nos voltar ao principio do mundo. Diz o Senhor:

Qui occiderit Cain septulum punietur.

Septulum? E por que é que o Senhor diz—*será punido sete vezes, sete vezes; e não diz—nove vezes, nove vezes?*

De tudo isto, concluo:

Em Dante, haviam duas pessoas distinctas, e uma só verdadeira.

Nove é o quadrado de tres; e tres, raiz quadrada de nove, o dogma fundamental da religião trinitaria.

Dante foi theologo; não foi poeta; e quem quizer conhecer um poeta; é mandal-o ao inferno, e vêr se o elle divide em 9 circulos.

Ha uma receita mais simples, dizem que é: pôr-lhe diante—7 e 9—

João de Deus.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 3.

XXII.

Rompimento.

Relatar o que alli houve, fôra reproduzir scenas, que, para aquelles, que por infelicidade sua têm sido authores d'outras eguaes, nada teriam de interessante nem de agradaveis; e os que não desempenharam ainda os seus papeis em taes lances, esses não os saberiam comprehender (1).

O que é certo é que Ricardo estava nesse momento dominado pelo principio do bem, e foi surdo ás lagrimas de Carlota, que eram como punhos!.. Esta emmalou, soluçando, a sua trouxinha, e saíu d'aquella casa,—onde por tanto tempo tinha gozado d'um dominio absoluto—com um nó na garganta e o cora-

(1) Apezar de termos a felicidade de não ser jámais protagonistas d'essas comedias fataes, tivemos occasião de estudar e copiar estas scenas d'après nature.

ção comprimido pela dôr, que era sincera!.. Só lá 'num cantinho do sobredito coração aninhava um sentimento de infinito odio para Carlos, que sorria ufano da impotente raiva d'aquelle verme, que elle tinha esmagado!..

Depois de arranjar a sua caixa, voltou ao quarto do seu amigo, e com a voz entrecortada de soluços, disse-lhe apenas:

—Adeus, Ricardo! queira Deus que a minha saída d'esta casa possa concorrer, tanto como eu desejo, para a sua felicidade; mas, ao menos, não seja ingrato para comigo, que lh'o não mereço!.....

Ricardo não sabia de si! estava de tal modo fascinado, galvanizado pelo seu amigo, que não soube o que responder á pobre rapariga, a quem elle todavia não podia odiar!.. Em outra qualquer occasião as lagrimas d'ella telohiam feito quebrar os mais inabalaveis protestos e perdoar-lhe... ou antes, pedir-lhe perdão!... mas Carlos... Carlos com as suas palavras de infernal dominação, estava pintado na sua mente! Um silencio, bestificado pela apathia de todas as feições, foi a resposta que deu ao adeus sincero de Carlota. Esta, vendo a immobilidade do seu amante, ainda aventurou mais quatro palavras:

—Eu desejava antes de saír fallar-lhe em particular, mas nem este senhor deixa, nem talvez mesmo o senhor quizesse! paciencia!.. Accredite, que lhe tinha muita amizade para me não custar esta separação assim tão repentina, sem lhe eu ter dado motivo algum!—E depois, pegando na mão de Ricardo, exclamou—Perdôc-me!.. queira perdoar-me alguns dissabores, que lhe dêsse em todo o tempo que estive comsigo!.. que eu, pela minha parte, não lhe desejo senão mil venturas!..

Aqui, a voz comprimiu-se-lhe na garganta, e as lagrimas soffocaram-a!.. Levou aos labios a mão de Ricardo... essa mão escaldava!.. beijou-a... e ella era immovel!.. Este estado de coisas não podia durar! Carlos, até ali mudo espectador d'esta scena, exclamou:

Vamos!.. acabem com isto!.. bem vêem que esta separação é util!.. é mesmo necessaria para ambos; Ricardo não a pôde ter na sua companhia, sem se comprometter muito; e a menina, se o estima, não deve querer o seu mal; por outro lado a menina pôde achar outro amante, que lhe faça mais interesses do que Ricardo, que absolutamente lh'os não pôde fazer!.. Olhem que é tarde, e esta menina tem que saír!..

—Obrigado pelo interesse que toma em mim—replicou Carlota com toda a concentração do seu odio—obrigada!!!—abraçou Ricardo, deu-lhe um bôjo na face... 'naquella face, que pouco antes tinha esmurrado, e safu, ou para melhor dizer, fugiu pela porta fóra, qual nova Agar, expulsa de casa d'um novo Abrahão, levando, em vez de bilha de agua e da medida de trigo, um par de botinhas de elasticos compradas na vespora!..

Se a bestificação se matrializasse, Ricardo seria a sua imagem! Carlos estava sensibilizado, e, se não tivesse presentes os desgostos e as lagrimas de Adelaide, talvez se tivesse condoído de Carlota; mas a sua alma estava muito cheia d'essas ingratas recordações para poder dar commiseração a uma mulher venal!..

Carlota soffria!.. e soffria muito!!!. Que sentimento porém era esse?.. Seria amor ou amisade? Seria esse despeito rancoroso, que segue uma afeição mal recompensada? Não sei!.. O que é certo é que Carlota, ao arranjar a sua trouxa, não tinha feito senão soluçar: quando agarrou nas suas botinhas novas, que ainda nem sequer tinha calçado, partiu-se-lhe o coração ao lembrar-se de quem lh'as dera, e do prazer com que tinham sido compradas... então quasi que chegava a ter odio ás pobres botinhas!!!. Depois, a despedida fóra sentimental! Carlota havia reassumido todas as suas forças no momento solemne de sair, para não dar victoria completa ao seu inimigo, regosijando-o com as suas lagrimas; porém, logo que chegou á loja, onde sua mãe estava preparando a cêa para os dois amigos, arremeçou-se para cima d'uma cadeira, a chorar que punha dó: de balde a boa da velha a tentou consolar!.. nada conseguiu! Carlota chorava a bom chorar!..

Ora, se eu tivesse os conhecimentos necesarios de organographia e organophysia do coração da mulher em geral, e de Carlota em especial, iria tentar descobrir qual era a fibra d'aquelle musculo, que se achava lesada; mas eu, que sou um completo ignorantão a tal respeito, de certo não poderei abí metter o meu bedelho: todavia o que sempre digo é que me revolta os nervos vêr certa gente considerar o moral d'estas pobres mulheres apenas como um barometro de dinheiro, cujo sentimento sobe ou desce em virtude da pressão, que a athmosphera pecunial do seu amante exerce sobre a columna liquida da sua sensibilidade e interesse. Que estas mulheres, em geral, têm o primeiro motor no dinheiro, de

accôrdo!.. mas que este sentimento lhe absorva todo e qualquer outro, sincero e desinteressado, é muito querer rebaixar o coração d'estas desventuradas. A prova temol-a em Carlota! Não era o interesse o que mais a prendia a Ricardo; ella mesma nos seus momentos de humor lh'o tinha lançado em rosto. Rapariga, e bonita, acharia logo muito melhores partidos; não era portanto o interesse que a podia fazer assim chorar a separação do seu amigo!.. Ella porém soffria, e o seu soffrimento não podia ser mentiroso; primeiro: porque, a sê-o, só o interesse a podia mover ao fingimento—e esse está provado que não era; segundo: porque, 'nessa occasião, toda a mulher desejaría poder affectar indifferença,... despreso mesmo para o homem, que cruelmente a abandonára sem motivo, ainda que não fôsse senão para fazer triumphar o seu amor proprio offendido; e por conseguinte não iria fingir um sentimento, que, na realidade, a não animava. D'isto se conclue, que Carlota sentia pena de se separar de Ricardo.

É que, mesmo no meio do materialismo, o mais abjecto, um vislumbre de amor vem co-roar a união do homem com a mulher! é que as relações reciprocas d'um viver, unidos por tres annos, gera uma faisca de amizade, que se não quebra assim impunemente, sem que o coração se resinta!..

Em quanto nós divagamos pela nossa excursão de philosophia hystiologica do sentir feminino, os nossos dois amigos cearam tristes e silenciosos, faziam os seus preparativos de noite, deitavam-se e dormiam... ou, para melhor dizer, dormia Carlos esse somno de viajante fatigado, quando encontra uma boa cama; em quanto que Ricardo velava em preza ás torturas d'um coração que soffre!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

## EXPEDIENTE.

Fecha este numero o 1.º trimestre do 2.º volume da ESTREIA LITTERARIA. Agradecendo summamente aos Senhores Assignantes a protecção, que têm prestado ao nosso jornal, vamos, em razão da proximidade das ferias, interromper a sua publicação até outubro, em que reaparecerá novamente.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 7

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
                  { B. Albuquerque e Amaral



Vol. II

Correspondencia de administração — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 — NOVEMBRO — I

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
          { Com estampilha 270 "

## ESTRÊA LITTERARIA

Foi-se o anno lectivo de 1858—1859, e com elle a segunda redacção, senão brilhante, porque eram noviços os redactores e pouco experimentados em escrever para o público, ao menos esmerada quanto houve em suas forças: a mais não eram elles obrigados, porque quem se estrêa, aprende e habilita-se, e não ensina nem impõe.

Falleceu-nos um redactor, quicá o mais illustre de todos, o mais imponente e acreditado na litteratura; mas o nosso jornal declina muito do recreativo para o instructivo, e os actuaes redactores promettem, que a maior parte de seus artigos serão extrahidos antes para o util, que agradável.

Com o termo da redacção do sr. Bellem vimos quasi feneceer a ESTRÊA LITTERARIA, que elle depois tanto coadjuvou, com o trabalho e o exemplo; vimol-a mesmo de todo morta ao lado do prelo, quando o sr. Sancta Clara, condoído d'um instituto, que o desleixo academico abandonava em sua infancia, nos propoz animal-o, dando-lhe vida e circulação: assim o fizemos, mas minguadas forças não levantaram a prumo o gigante, a despeito de esforços continuados um anno lectivo: esteve ella enferma o anno todo.

Agora um ultimo esforço para a deixarmos em legado, que outro melhor não o excoGITámos em Coimbra; agora de novo nos

erigimos em seus protectores, e confiámos, auxiliados pela nobre e essencial progressiva academia, que a ESTRÊA LITTERARIA será um dia jornal lido nos ensaios da mocidade, cuja nobre tarefa é preparar o porvir da sociedade.

Assim nos esperanças. OS RR.

## O COMMERCIO E SUA LEGISLAÇÃO

O commercio tem sido e ha de ser um fiel companheiro da sociedade em todas as suas epochas de grandeza e decadencia, quer phisica, quer moral, quer politica. Aonde presidir o espirito de justiça na organização social, e a liberdade em todas as suas direcções fór garantida, e a moralidade acatada; ahí encontraremos o commercio no estado florescente. Pelo contrário, aonde o instincto de centralização chamar a si todas as forças individuaes, e se considerar como arbitro supremo, perante o qual os direitos mais sagrados se devem curvar; aonde, finalmente, a liberdade é trocada pela escravidão, o commercio desaparece, como não querendo sobreviver á morte dos elementos, d'onde lhe provinha todo o seu esplendor.

Esta simples observação nos bastava para avaliarmos a excellencia do commercio, attendendo á estreita alliança, que o prende á civilização.

Da sua parte o commercio compensa com usura o valimento, que se lhe presta, reflectindo e augmentando o vigor ao poder que o sustenta.

Na verdade, quem resolverá o grandioso problema de construir em interesses oppostos e particulares o interesse geral, fazendo obrar a sociedade com um único e uniforme destino?

Que principio mais poderoso, umas vezes como causa, outras, como pretexto, tem contribuido para a construcção dos tres pontos d'apoio, sôbre que se estribaram as sociedades de outr'ora, e as de hoje principalmente: a liberdade, egualdade e fraternidade? Ao commercio compete esta gloria.

A sociedade subsiste unida pelos laços de amizade, sympathia, gratidão, e, em geral, pelos vinculos formados por os deveres humanitarios.

Porém, serão sómente estes os generosos sentimentos que têm concorrido, ou podem concorrer para a união dos individuos, das nações e da humanidade? Por certo que não. Se recorreremos á historia, veremos, que um dos meios de que se serviram os povos mais civilizados, para estender o horizonte dos conhecimentos e da religião, aos que jaziam no estado selvagem, foi entabulando com elles relações commerciaes; foi o incentivo da riqueza que os levou a contrahirem relações com os estrangeiros, que appellidavam barbaros.

Mesmo nos tempos de hoje, as sociedades não se mantêm somente com aquellas expansões d'alma; a sua applicação é circumscripta a mui limitada esphera; seria mesmo fazer mau uso, segundo diz Thiers, d'estes nobres motores o exigir d'elles o impulso a todos os actos sociaes.

Em vista d'isto, quem negará a preferencia da industria commercial á industria agricola e fabril?

Entendemos portanto, que o commercio merece peculiar protecção das nossas leis. Mas infelizmente é a industria, que, pela sua propria natureza, se torna mais difficil de dirigir, e a que mais alterações tem soffrido pelas contínuas mudanças, que o estado social tem supportado.

A área do commercio não se circumscreve ao pequeno recinto d'uma nação, é por sua natureza cosmopolita; a diversidade de climas não lhe altera a natureza, antes lhe augmenta a robustez. Mas, para este sublime resultado, é absolutamente indispensavel a concordia e harmonia entre os diversos povos, que apesar de todas as tendencias e esforços, que, desde os primeiros tempos, se tem lançado mão, ainda não veio a estação propria para tão rica co-

lheita: o tempo é o tribunal para que appellamos.

Não é de estranhar, portanto, o atrazo em que a sociedade se acha, em relação ás leis, que têm de governar uma tão productiva industria.

Mas que se não attenda á reforma, que as leis particulares d'um dado paiz reclamam, é na verdade ter em pouca monta tão caros interesses. O nosso paiz não está exempto d'esta consideravel falta. Porventura temos nós Código de Commercio? Merecerá o nome de Código um montão confuso de disposições, ou antes de enigmas indecifráveis? Entendemos que não.

Exanimem-se com circumspecção todos os artigos do nosso appellidado Código do Commercio, e notar-se-hão em quasi todos elles difficuldades insuperaveis.

Um Código requer ordem; se esta em tudo é necessaria, aqui mais, que em parte alguma. Os seus artigos devem ser de tal fórma dispostos e redigidos, que nos possam guiar ao centro, d'onde dimana a sua luz; só assim o espirito do legislador, que é a alma e vida das suas leis, se poderá attingir; só assim se poderão remover os embaraços que quasi sempre acompanham a interpretação das leis. Só assim, finalmente, se suppreem os casos omissos, que hão de acompanhar sempre todos os Codigos, como fructo das mãos dos homens.

Em vez da ordem, que no nosso Código do commercio se devia encontrar, achamol-a convertida em total desordem. As suas disposições em vez de se unirem pelos pontos de similitude ou conformidade, em quanto ao seu objecto, para que assim comprehendessemos a ideia fundamental que a elles assistiu; ao contrário, apparecem dispersos, distribuidos como á sorte em diferentes livros, titulos e secções. E sendo um principio de hermeneutica, que devemos combinar a epigraphe do titulo ou secção com os artigos, que lhe são subordinados, achamo-nos em uma collisão, de que é custoso, senão impossivel em muitos casos, o decidirmo-nos.

Porém, não é só a desharmonia d'uns artigos para com outros, que torna sobremaneira defeituoso o nosso Código, mas é tambem a falta de congruencia no mesmo artigo; sendo por isso impossivel aos mais versados no direito commercial o conhecerem o que o legislador estabeleceu.

A todos estes defeitos excede um outro, isto é, as contínuas contradicções que apparecem,

quanto mais se pretende descortinar o sentido da lei.

Podemos portanto dizer que temos um Código do Commercio?

Esta lacuna tem sido até certo ponto supprida pelo nosso eximio mestre, o sr. Diogo Forjaz; que, nos seus commentarios aos pontos mais intrincados do nosso Código, tractou de colligir por sua ordem todos os artigos, que estavam confusamente dispersas, e de combinar, quanto foi possível, as encontradas ideias, que cada um d'elles parecia exprimir. Contudo, ainda que este trabalho favorece muito o estudo da nossa complicada legislação commercial, falta-lhe a authenticidade, que só pôde provir do legislador.

Parece-nos que em breve nos podemos congratular pela proxima reforma d'este importante ramo de direito. O sr. Ministro da Justiça, que tem dado um tão grande impulso á nossa jurisprudencia, não olvidou o quanto necessario era o levantar do chaos o nosso direito commercial: nomeou uma commissão com o fim de emitir o seu voto em tão espinhoso assumpto.

Creemos, portanto, 'nesta proxima reforma, assim como na dos outros ramos de jurisprudencia, porque todos são filhos do mesmo principio, tendem ao mesmo fim, e prendem com laços tão intimos, que o legislador não pôde dissolver-os.

B. d'Albuquerque e Amaral.

## APOLOGIA DO HOMEM

### INTRODUÇÃO

De todos os seres existentes o mais nobre é o homem: synthese do universo e corôa da criação, o seu destino, senão se identifica, perde-se no infinito.

A racionalidade, intelligencia e liberdade elevam este ser ao nível do elo d'essa cadeia ideal, que prende o infinito ao finito, o Creador ás creaturas, Deus ao mundo.

Graduada como é a criação, o homem é a toda ella superior, porque a domina com a razão, subjuga-a pela intelligencia, e apropria-a, em conformidade com a sua natureza, pela liberdade.

Concentrado sobre si mesmo, o reflexo luminoso da sua intelligencia progride incessantemente; devassa o universo, abrange-o num pro-

ducto immenso comprehensivo; projecta a luz nos reconditos d'um organismo o mais intrincado, e d'um só esforço, com a philosophia na mão, depara no centro da vida social, seguro da sua sorte e do porvir da humanidade.

Livre, percorre os espaços immensos da natureza; supera as difficuldades da vida; neutralisa os effeitos energicos d'algunha lei natural, que actue na esphera de seu estado li-songeiro; converte em utilidade propria o destino cego da natureza, como se lhe fôra concedido brincar com a necessidade basica do organismo primordial.

Ente racional, unico assim conhecido depois de Deus, não se satisfaz com nuas impressões dos variados objectos, que o cercam; mas evolue-as; ordena-as por um machinismo especial; conclue-as por um processo metaphysico, e, fixando bem elaborado o producto de todas estas operações, estabelece pontos determinados e certos, que esparge aqui e alli no caminho da vida, como para serem outras tantas balizas de direcção physica, moral e social.

Ponto de transição do Creador para as creaturas, resumo de todos os elementos creados, reflexo da potencia sem fim e imagem do increado, rei da natureza e soberano absoluto, mas harmonico de toda ella, o homem é amavel ao homem; sensivel á sociedade; decoroso ao mundo; digno aos olhos de Deus, e magestoso, grande e soberano no tribunal infallivel da sua consciencia, quando illustrado.

A consciencia!... é a voz da verdade; Deus, falando de dentro do coração do homem, é a luz da vida, o panal das nossas acções e o principio da dignidade moral: é a consciencia o vinculo social, que praza Deus á mais perfeita de suas creaturas, communicando-lhe, em certo modo e livre de pantheismo, a sombra benéfica de sua essencia absoluta. E o homem é o mesmo em toda a parte; grego ou romano, civilisado ou selvagem é ente racional, intelligente e livre.

A primeira propriedade, que o homem manifestou depois de creado, foi a sociabilidade.

As faculdades intellectuaes vão sómente até ao infinito, sem n'elle entrarem, porque ahitudo se confunde, e a intelligencia, sumindo-se e perdendo-se em imagens vagas, vê-se circumscripta á esphera da admiração, e reconhece, ao primeiro golpe de seu insulso emprehendedor, a limitação última de seu nobre

destino. Não affirmo que seja absolutamente impenetravel a Divindade; que ella seja um simples mysterio ante a razão e a alma humana, não; mas convengo-me sem grande difficuldade, que o homem, além de relações fugitivas e mal determinadas em seu termo inceptivo, poucas verdadeiras entidades de razão forma; poucas pôde colher 'nesse immenso espaço, apenas transposto pelos raios da fé, e consolidado na consciencia pelo aspecto geral do universo, que o maravilha. Limitada e fraca é a vista da creatura para ferir, descortinar e graduar o esplendor do Eterno: vê-o ella em tudo que a cêrca; mas esta impressão insinua-se-lhe successiva e placidamente na alma.

Se o homem podesse ser ligado á luz da intelligencia e do raciocinio aos attributos da eternidade; se, em logar da *imagem* da sagrada escriptura, o proprio objecto cahisse no dominio da syllogistica, a anthropologia conteria um só principio, e este uma só regra — *imitae — porque sois a imagem.*

Mas tudo que a observação e experiencia suggere, indica que a intelligencia humana preenche principalmente o seu destino na contemplação d'objectos da vida antes do tumulo, ficando a outra para ser apreciada por outras faculdades. Às portas da eternidade perde o homem o seu nome, e com elle a sua fragilidade; ahí decide-se o seu *porque* d'existir; e para continuar a existir, se é que a eternidade é existencia, a intelligencia e todas as suas outras faculdades de valor relativo, transformam-se em ....., em uma entidade constituida por certos elementos de felicidade, que a intelligencia do homem social não pôde comprehender, nem affirmar o seu quilate com justeza e evidencia.

Assim a intelligencia é uma faculdade plena e energica; mas só 'neste valle de lagrimas, como se explicam as lettras sagradas: lá em cima manda outro soberano; é outra a lei; executa-se d'outro modo o poder. Depois do tumulo reina o infallivel; e, se ha estímulo, move-o o fado.

A sociabilidade não é faculdade intellectual, não é tambem affectiva: ella não tem poder comprehensivo, nem encerra elemento livre; é ao contrário um estímulo de força inevitavel; opéra constantemente, e produz a sociedade geral, universal e a particular. Tem este poder o effeito das faculdades, mas não encerra o elemento *liberdade*. Todo o homem é social por necessidade absoluta.

Producto da sociabilidade é a sociedade; é aquella o fundamento sem o qual esta não poderia existir, e, muito menos, conservar-se.

A vida social é o vasto quadro, onde se divisa e manifesta a natureza humana tal qual existe; é a origem de dados experimentaes, que confirmam certos principios, innatos ao homem, e de que por isso mesmo não pôde duvidar. Da amplidão do espaço, que as relações de homem para homem enchem completamente na natureza d'essas mesmas relações, no fim a que se visam, no caracter harmonico com que se apresentam, e nos sempre mesmos effeitos que surtem, surge a cada momento a ideia do bem, inseparavel de todos as operações prudentes e de todos os esforços naturaes e razoaveis. Faz mais: domina ella a ideia do bem, o mundo moral, e é o padrão, pelo qual os homens sudos e respeitaveis pela sciencia e costumes afferem as acções, que julgam convenientes ou anormaes, segundo se conformam ou não com a bondade, ou com o destino racional da humanidade.

Porque fóra da sociedade não ha vida, e sem esta o bem é inatingivel, é evidente que a ideia do bem é necessariamente successiva da ideia de sociedade, e por consequencia que bem extra-social não existe.

Bem, é o complemento do destino humano, *último: proximo*, é o complemento dos fins parciaes, que constituem o destino humano.

Sendo a ideia do bem necessariamente successiva da de sociedade, segue-se que sendo o homem naturalmente social, é elle necessariamente inclinado ao bem.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

## O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.<sup>mo</sup> SR.

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

(Continuado do n.º 6)

O systema philosophico, que o illustre auctor do Projecto adoptou para base das multiplicas disposições, que 'neste se encerram, prelevam a quantos systemas até hoje têm apparecido.

Que alicerce mais solido e duravel que o constituído pela philosophia do direito?

Que melhor garantia pôde offerecer o legislador?

Que meio de filiar d'um unico principio as variadas ramificações do direito, senão d'esta sorte?

Os legisladores, que nos têm governado, esqueceram, ou não souberam fazer uso d'esta verdade; curavam sómente de ordenar o que os seus caprichos, os seus fins proprios, e as differentes circumstancias lhes dictaram; não se elevaram áquella altura, d'onde desassombradamente podessem interrogar a sã razão juridica. Consideraram os povos, a cujos destinos presidiam, como meros objectos, de que arbitrariamente podiam dispôr. Olvidaram que acima do legislador está a lei natural, que lhes não é permittido alterar.

Hoje, porém, que a liberdade (um dos preciosos fructos da nossa epocha) vae raiando nas ultimas camadas sociaes; o legislador para se conservar e ser obedecido precisa sellar os seus actos com o cunho da justiça.

O illustre auctor do Projecto, seguindo, quanto é compativel com o progresso actual, os principios enunciados e demonstrados pela philosophia, mostrou practicamente que a lei é expressão social do direito. Alguem considera este modo de proceder como defeito; mas nós consideramol-o como virtude.

Nas collecções de leis, que a este Projecto têm precedido, adopta-se o systema de distribuição em pessoas, cousas e actos juridicos — em harmonia com os tres elementos constitutivos do direito. Um systema de legislação não se pôde basear 'nestes tres elementos; o que se pretende obter não é conhecimento do resultado final do direito, mas sim uma logica distribuição dos principios originaes do direito. Porventura podemos conhecer os direitos em relação ás pessoas ou cousas, sem que tenhamos ideia dos actos que deram origem a esse direito?

Estes inconvenientes são de sufficiente ponderação para merecerem o cuidado do legislador.

O nosso Projecto suppre este defeito, que é de grandes consequencias para o conhecimento das leis.

Os quatro pontos de triangulação, do que se serviu para o levantamento de carta juridica, foram:

- 1.º A natureza do ente juridico — *capacidade*;
- 2.º Seus meios de vida — *acquisição*;
- 3.º Fruição d'esses meios — *propriedade*;
- 4.º Conservação — *violação, defeza dos direitos*.

A lacuna está remediada.

Antes de legislar sobre o direito que ás pessoas pertence, deve-se determinar em que condições o homem pôde ter a faculdade geral de ter direitos; isto é, a sua *capacidade*. Depois, antes de se tractar dos direitos realisaveis, pede a ordem geneologica das ideias, que se examinem a origem de seus direitos, isto é, os meios pelos queres se podem alcançar direitos, o que constitue a *acquisição*. Em seguida é que tem devido cabimento a realisação do direito, o que faz objecto da *propriedade*. E por ultimo, as leis que dizem respeito á conservação d'estes direitos realisados, o que pertence á *violação e defeza dos direitos*.

A bondade d'este systema, consiste (como diz o illustre Auctor), em que para ser entendido basta pronuncial-o, e para enuncial-o bastam quatro palavras.

(Continuado) B. d'Albuquerque e Amaral.

## ADEUS A CASSURRÃES!!

As gentis filhas do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Lucas d'Almeida  
Beltrão Seabra

Qual nasce entre espinhos altiva uma rosa,  
Qual brota a violeta entre a grama vilã,  
Qual vae entre seixos a lymphá ruidosa,  
Qual surge das trevas risonha a manhã;

Assim eu te hei visto, formosa encantada,  
Sorrindo feitiços—ó terra gentil,  
Oasis ameno da vida alquebrada,  
Que encerras venturãs, encantos aos mil:

Assim eu te hei visto, dizendo prazeres  
Nas ricas estancias da tua soidão,  
Aquem te procura mil gósos trazeres,  
Ó patria d'archanjos de mago condão.

E eu parto!... e eu deixo, gentis innocentes,  
As vossas caricias d'infindo prazer,  
Que vinham, em risos dos labios pendentes,  
Singela ventura a minh'alma off'recer!...

Adeus! vou deixar-vos! Ordena o fado!  
Mimosas florinhas, adeus! vou partir!  
Não mais hei de ver 'neste asylo encantado  
As fadas, os anjos—brincando—sorrir!...

Adeus para sempre!... Cumpriu-se o destino!  
Eu parto e a saudade no peito me vae!  
Minh'alma se expande nas notas de um hymno,  
No hymno saudoso que d'alma me sae.

Adeus, meigos anjos, que amei c'o delirio  
Que póde em minh'alma a innocencia inspirar,  
Gentis como as rosas, mais puras que o lyrio,  
Mais bellas que os astros nos ceus a brilhar!...

Mimosas florinhas no viço da infancia,  
Rizonhas singelas ainda em botão,  
Jasmins pudibundos de suave fragancia,  
Adeus!... vou deixar-vos na vossa soidão!...

Que praza ao futuro, que a dicta presente,  
Qual hoje é serena, não turve o soffrer,  
Que em doce balouço de vaga indolente  
A sorte vos leve na vida a viver!

Adeus!... E premittam rigores do fado  
Que eu torne a rever-vos, florinhas gentis!  
E então, se o meu nome por vós fór lembrado,  
Se um riso me deres, serei bem feliz!...

Mas hoje a partida se cêrca de agruras  
Ao ter este asylo d'encantos deixar,  
Que aqui escondidas só moram venturas  
Que a mente não póde jámais olvidar.

Adeus! lindas selvas d'eterna verdura  
Altivas montanhas, que roçam nos ceus,  
Campinas e bosques de verde espessura,  
Vos deixo a saudade que encerra este adeus!

Adeus! ó recinto de eterna magia,  
Que fadas e anjos guardado aquí tens!  
Minh'alma te deixa leal sympathia,  
E eu parto p'ra sempre! oh! adeus! Cassurrães.  
19 de Outubro A. M. da Cunha Bellem.

## AMOR E DÚVIDA

### A Julia

Serena passa a noite, minha Julia:  
Mansa a brisa susurra pelos ramos,  
Quasi despidos já da verde coma,  
De que os ornou viçosa primavera.  
Da cupula dos ceus no azul profundo  
Milhões d'estrellas radiantes fulgem  
Com luz, que mais augmenta a falta d'essa  
Do sol pallida irmã, saudosa lua.

Nem uma nuvem só á vista encobre  
Os celestes diamantes — magas letras,  
Com que Deus escreveu no espaço infundo  
A sua incontestavel devindade.  
Repousa o mar; tranquilla a sua face  
Quer imitar a abobada sublime,  
Reflectindo as estrellas, que a cravejam.  
Levemente arqueadas vêm as vagas,  
Com indolente arfar nas orlas humidas  
Da praia espreguiçar-se; e em seus folguedos  
Os brancos seixos murmurando beijam  
Seu brando marulhar queixas sentidas  
E requebros d'amor semelha, imita.  
Dir-se-hia ser a voz receiosa, meiga,  
De dois amantes a fallar baixinho  
De seus affectos, da ventura sua.  
Respira paz a natureza inteira,  
Tudo falla d'amor ás almas ternas,  
Tudo os sensiveis corações commove.

Julia, ninguém nos vê... — esses, que passam,  
Occupados estão, mulheres, homens,  
Com suas ambições, com seus amores;  
Deixa-os, meu anjo, revolver projectos,  
Dependentes do acaso, que o bafejo  
Da desgraça amanhã porá por terra...  
Deixa-os! De nosso amor gosemos, Julia!  
Une os teus a meus labios sequiosos,  
Mata a sêde de beijos, que os devora...  
Une-os bem... une-os mais... assim, querida!  
Em osculos sentidos confundâmos  
Nossas almas, meu anjo, a vida nossa.  
Põe tua linda mão sôbre o meu peito...  
Não sentes, diz, meu coração bater-me  
Desegual, apressado, ardente e fortê?  
É que este immenso amor, que te consagro,  
Lhe activa as pulsações, lh'as precipita...  
Um beijo mais! um outro beijo, oh bella!  
Deixa-me respirar teu puro alento,  
Que nas veias me cõa intenso fogo!  
Olha p'ra mim, oh Julia — nos meus olhos  
Crava teus lindos olhos d'esmeralda...  
Deixa-me ler em seu cambiante verde,  
Deixa-me ler no veu, que agora os cobre,  
Mysterios d'esse amor, que me juraste.  
Os olhos nunca mentem; jámais guardam  
Segredos da paixão, que o peito encerra,  
Que muitas vezes não revella a boca.  
Olha mais, Julia... assim! Cinge-me o collo  
Com teus formosos braços... Tua fronte  
Recosta-a em meu peito... bem! — parecês  
Meiga virgem contando arcanos d'alma  
À mãe, co'a face occulta em seu regaço.

Julia, meu anjo, com que ardor eu te amo!

Que inefavel poder, que teus olhares  
 Possuem sôbre mim! Minha alma inteira  
 Pensamentos, vontade, intelligencia,  
 Tudo, tudo te dei! Ficou-me em troca  
 Este infinito amor, que por ti sinto!  
 E tu amas-me, Julia? Oh, diz-m'o! diz-m'o!  
 Repete-me essas magicas palavras,  
 Que ás vezes pronuncias— que me fazem  
 Enloquecer d'amor, morrer de gosto.  
 Diz que me tens amor... diz-m'o, meu anjo!  
 Em breve vou partir... Sacia esta alma  
 D'esperança e ventura! Quero ouvir-te  
 Murmurar muito baixo, entre dois beijos,  
 =Amo-te! = e quero que gravada fique  
 Essa phrase tão doce no meu peito.  
 Vou deixar-te, querida! 'Nesta ausencia,  
 Que vae principiar em poucos dias,  
 Muitas vezes a negra, a cruel dúvida  
 Virá pungir-me o seio... e então, oh Julia,  
 Tuas promessas recordar preciso,  
 Para que á dor minh'alma não succumba...

Al... 27 de Setembro de 1859

Eugenio de Barros.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

### DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 6)

XXIII

#### Explicações

As pessoas estranhas aos usos academicos  
 accellarão sem réplica os acontecimentos rela-  
 tados no capitulo antecedente; porém aquelles  
 que tiverem vivido a vida de estudante ou que  
 de perto a conhecerem... esses já eu prevejo  
 que me saltam á mão a bradar-me que sou  
 um chapado impostor, que lhes dou gato por  
 lebre, tendo-lhes promettido scenas contem-  
 poraneas da vida academica, e saindo-me com  
 um romance ou quasi-romance, creado nos  
 aloques da minha imaginação!...

«Pois onde é que se viu um caloiro chegar  
 a Coimbra e dar logo ordem ao seu vetera-  
 no?...» me bradarão todos!

«Nos nossos tempos o caloiro chegava, ser-  
 via á mesa, limpava as botas, e ia com um  
 freio e um selim beber agua á fonte!...» ex-  
 clamarão os bachareis formados antes da di-  
 llosa Thomarada, epocha em que se proclamou

a liberdade do caloiro, que ao depois a mala  
 posta desinvolveu!...

«Mentis pela gorja, senhor chronista d'agua  
 morna!» vociferarão os que tiverem cursado  
 a universidade 'nestes ultimos annos. «Nós fi-  
 zemos pacto de união com os caloiros, mas,  
 dando-lhes carta de alforria, não nos procla-  
 mamos seus escravos!... se os fizemos eguaes  
 a nós, não os considerámos nossos superio-  
 res!...»

É preciso dar explicações a esta gente, que  
 não deixa o pobre escriptor pôr pé em ramo  
 verde, e que, se acaso esse discrepa uma linha  
 da monotonia sensaboria da naturalidade e cos-  
 tumada rotina, saltam-lhe logo á perna, como  
 os malsins em lhe cheirando a contraban-  
 do!...

'Neste mister de chronista não ha privile-  
 gios de invenção, cá 'nestes nossos felizes tem-  
 pos!... Ah! bom Fernão Mendes Pinto, que  
 embatucou contemporaneos e vindouros, com  
 as mais peregrinas carambolas, que alindaram  
 nas suas peregrinações!... É que 'nesse tempo  
 tudo se engoliu!... mas agora não é assim!...  
 Cada espirito profundamente pensador tem uma  
 mesa de um café, um charuto, e o folhetim  
 de um jornal, para fazer, com o auxilio do  
 bem afiado scalpelo da sua intelligencia, uma  
 dissecação crítica, dando exercicio á sua bolsa  
 de necropsias judiciosas dos escriptos alheios!..  
 E assim em lhe caindo nas unhas um pobre  
 escripto como este meu, cil-o logo, que de  
 ferro em punho, disposto a fazer a anatomia  
 a mais minuciosa, accende immediatamente o  
 charuto, especie de tubo de vapor da sua va-  
 porosa intellectualidade; lançando depois pela  
 boeca, de envolta com os tenebrosos rolos de  
 fumo da *nicotiana tabacum* os mais tenebrosos  
 juizos sôbre o escriptor, o escripto, o papel,  
 o typo, a tinta!..... em fim nada fica por  
 julgar 'naquelle sancto-officio da cachimonia,  
 onde, em carceres privados e incommunicavel,  
 geme de ha muito entre torturas o infeliz senso  
 commum!...

Mas a que viria aqui esta digressão? Parece  
 que, como as sereias, pretendo illudir com o  
 meu canto aos meus amaveis leitores, e ir as-  
 sim sacudindo das costas a tremenda accusa-  
 ção que me pésa!

Não, senhores! Eu lá vou!... É que todo o  
 discurso tem exordio, e eu queria-os predispor  
 para escutarem attentos até ao fim esta parte  
 oratoria, onde prometto demonstrar-vos até á  
 evidencia a veracidade inalteravel dos factos,  
 que acabei de vos narrar, e que por sairem

um pouco fóra dos eixos do commum vos iam desafiando a atrabilis...

Pósto estes principios, convidar-vos-hei a supordes, que o vosso conhecido Carlos tinha mais dois annos que o seu amigo Ricardo; e até aqui não ha nada de inverosimil, porque era para isso bastante que este houvesse nascido dois annos depois! Convidar-vos-hei ainda a admittirdes, que o tal Carlos tinha a intelligencia mais desinvolvida do que o seu companheiro de infancia, de modo que já em seus brinquedos era elle sempre quem dava os planos, reservando para si o principal papel: assim, se Ricardo com a sua barretina de cartão era soldado, Carlos de chapéu de dois bicos era o general!... se este era bispo e dizia missa, aquelle servia de reverente acolyto; se parodiava um collegio era Carlos sempre o mestre-escola; e finalmente, se ambos a cavallo nas bengalas dos papás fingiam ir a passeio, Ricardo era sempre o criado de libré.

Esta distincão... este dominio da intelligencia sóbre a materia (porque Ricardo tinha mais força physica) presistiu ainda no collegio, onde Ricardo alcançou em breve ser decurião, e por consequencia tinha o direito de dar palmatoadas no seu visinho, direito de que, em abono de verdade seja dito, elle nunca abusou!...

Mas dir-me-hão agora os leitores, hybridos caturras em materia de explicação, sanguessugas implacaveis na seringaço ao pobre escriptor: «Todas essas superioridades do tempo de infancia caíam por terra em face de um grau de bacharel, que ousaria afrontar o dominio intellectual de trinta caloiros, embora cada um tivesse um talento de Alexandre Herculano e o bacharel fôsse tapado como muitos que nós conhecemos!...»

E do numero dos quaes talvez sejas tu, amavel lei...! porquanto eu não sei até que mãos irá parar esta minha pobre chronica, e hoje em dia ha bachareis em todas as classes, em todas as condições, de todas as capacidades, e volumes, de infinitas côres, de immensas e variadas fórmãs e feitios... finalmente o mundo é quasi hoje todo um bacharel!

Mas vamos ao que importa!... Continuarei ainda com a serie indefinida dos meus postulados!... Tendo ficado no segundo passarei ao terceiro, se não receiam massar a paciencia dos meus leitores.

Assim pois ficarei hoje por aqui prometendo que no numero seguinte

(Continuar-se-ha) A. M. da Cunha Bellem.

### CHARADAS

Por mim começa a sciencia,  
Tenho este nome na Grecia; }  
Existo nos mais paizes; } 2  
Mas soffrendo peripecia.

Eu da antiga Lusitania }  
Tive o grande poderio: }  
Dei nome a uma provincia, } 2  
De meu pae o tem um rio.

Não sou vivente;  
Mas sei fallar,  
Se mão perita  
Me endereçar.

Eu sou herva, que appareço }  
Lá sóbre as bordas do mar. }  
Em logar de minha mana } 2  
Meu pae me foi entregar.

Sou cirurgico instrumento  
Para allivio d'um tormento.

M. J. P.

### AGRADECIMENTO

Recebemos AS OBSERVAÇÕES AO PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ pelos illustres professores d'esta Universidade, os sr.º Ferrer e Paes.

Aqui agradecemos a nossos illustres professores tão preciosa offerta.

Reuniram-se os dois elementos indispensaveis para a confecção d'um Codigo: o resultado ha de ser honroso para seus auctores, de gloria para a Universidade, e sobremaneira vantajoso para a nação portugueza.

OS RR.

### EXPEDIENTE

Rogámos áquelles Senhores, que suppomos assignarão o nosso jornal, no caso de o não quererem acceitar, tenham a bondade de o recambiar á redacção.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 8



Vol. II

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro  
                  } B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotoello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 — NOVEMBRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
          } Com estampilha 270 .

## A CONSCIENCIA

A consciencia sou eu mesmo, em quanto exercito um acto de consciencia; e sem mim, sem esse acto de consciencia, ella não está em ninguem, não é nada.

Eu estou na minha consciencia, e a consciencia no seu acto, como o acto está na consciencia, e a consciencia no sujeito d'ella; e esta trindade fundamental constitue o eu.

D. J. DE MAGALHÃES.

(Factos do espirito humano.)

O homem, tendo de subjugar pela intelligencia a materia, desde que existe é impressionado, impressões estas, que por um trabalho psychologico e physiologico, converte em percepções, que, sendo successivamente transformadas, reduz a ideias absolutas, unico *desideratum* que póde cabalmente saciar a intelligencia humana. É, d'est'arte, que o espirito procede, para se prender ao infinito, ligando-o com o finitô; proceder este tão philosophico, mas, que por mal comprehendido, tanto mal tem produzido á sociedade, fazendo cáhir esta, umas vezes no pantheismo material, outras no pantheismo sobrenatural.

Assim se prende o espirito humano; assim se ligam suas ideias, e se marcha do conhecido para o desconhecido. Neste processo investigador da verdade a consciencia representa o principal papel.

Que importa conhecer as verdades contingentes e absolutas, se o homem não se conhecendo, e distinguindo d'estes objectos de suas cogitações, era ao mesmo tempo, se assim podemos exprimir-nos, a verdade contingente e absoluta, isto é, não era cousa alguma por si, apenas um fiel espelho de seres externos?

A verdade é para o homem a adquirir, e não vice-versa. E como saber a verdade, se se desconhecia a primeira e principal das verdades, que é saber que existe, e que é um sêr distincto do que se conhece?

É a consciencia que dá ao homem um testemunho irrefragavel da sua existencia, e da sua dignidade; é ella, que o separa e eleva acima de todos os outros sêres da criação, em que o homem exerce pleno dominio; é ella, finalmente, um baluarte inquistavel, pelos sophismas do scepticismo e do pantheismo.

A dignidade do homem não provêm da sua intelligencia e liberdade, mas antes da consciencia d'estas duas faculdades constitutivas de toda a natureza humana. A unica differença do animal ou d'uma máchina consistiria sómente, não tendo o homem consciencia, em o animal ou máchina obrarem em virtude d'um poder e luz, que de si mesmo provinham, segundo as leis necessarias, impostas pela natureza.

Aos olhos do homem, esta não seria cousa alguma, porque se não conhecia, não saberia o logar que occupava.

A consciencia é o marco de divisão entre o racional e o irracional.

Não pára aqui a esphera da consciencia; o seu dominio estende-se tambem aos actos moraes do homem. Não podia deixar de ser, consistindo a consciencia nas nossas faculdades, em quanto se examinam e os seus productos.

A razão apresenta o bem; e a vontade, livre por si mesma, e mais livre pela luz da razão, póde seguir ou rejeitar os dictames d'esta. A razão, porém, não póde ser indifferente a um proceder iniquo da parte da vontade, nem ao justo cumprimento das suas determinações; d'aqui provém os remorsos, que constituem o modelo das penalidades, e o socego d'espírito, que excede a todas as recompensas e premios; a sociedade póde conceber—que ideia e sentimento sublime não desperta um tribunal em que o auctor, o réu, as testemunhas, o juiz e o jury, é o mesmo individuo; aonde a coacção, o suborno e o erro cessou para dar lugar á verdade, e só á verdade; onde finalmente, pondo-se de parte as distincções humanas, a justiça é a unica divindade, a quem se presta um solenne culto!! Cessa a justiça humana para dar lugar á justiça divina.

B. d'Albuquerque e Amaral.

## APOLOGIA DO HOMEM

### II

D'aqui provém, que a theoria da sociabilidade é um argumento importante para os que descreem, aliás infundadamente, da originalidade natural, e organica da sociedade.

Vários systemas foram inventados para explicarem a origem da sociedade; porém, elles pela sua absurdidade ou illegitima deducção, mal podem contentar os espiritos, que se não satisfazem com theorias infundadas.

Alguns philosophos recorreram a certo estado primitivo, em que supposeram o homem antes de entrar no conhecimento e applicação das relações sociaes, para indicar o modo como passou a este estado, que têm concebido, segundo os dados da sua imaginação exalterada, talvez pela difficuldade de devassar as trevas da mais remota antiguidade. Mas em resultado

de arduos e penosos trabalhos, não encontraram mais que hypotheses infundadas e absurdas em parte.

Em verdade, os fructos d'uma tal investigação não podiam ser outros, porque sendo totalmente privados de leis historicas os tempos da mais affastada antiguidade, era mister adivinhar o preterito para obter bom exito aos designios.

Os mais celebres philosophos que tentaram fazer um homem a seu bel-prazer, foram—Thomas Hobbes, Rousseau, e Bentham, que o olharam um sêr isolado, o que equival a despill-o do elemento *sociabilidade*, que o attribua essencialmente.

As theorias d'estes escriptores, aliás ennobrecidos pelo talento e fama, limitam-se a considerar a sociedade um accidente natural-voluntario, que por isso mesmo devia deixar de existir; e se existe, é porque a utilidade, que os homens em todos os tempos rastejaram com avidéz, a engendrou.

Thomaz Hobbes em seu livro «o CIDADÃO» fundou sôbre os effeitos d'uma convenção primeira o poder d'um só. O fim da sua theoria era o despotismo.

Se as doutrinas de Thomaz Hobbes são bem deduzidas, e é illegitimo o governo despotico; a sua theoria é absurda.

O governo despotico, que desconhece a egualdade, fraternidade e liberdade, trilogia essencial á existencia humana no gôso de si mesmo, é um mero producto de imaginação, e quando sustentado pela razão um aborto da intelligencia. Falle bem alto a experiencia dos seculos, a historia das nações e o unanime sentir da humanidade.

Rousseau fundou sôbre o contracto social a soberania absoluta de todos. O fim da sua theoria era a liberdade.

Se é verdadeira a sua theoria, cada homem é um soberano sem subditos, um sêr orgulhoso sem vida.

Os homens são eguaes, egualmente portanto soberanos, se a soberania existe; mas o exercicio d'ella só a alguém ou alguns poderá ser confiado pelo consentimento de todos.

Bentham via o estado de guerra individual no estado natural, e admittia o dominio da força como o verdadeiro e legitimo resultado da associação humana. A seus olhos a força de todos, resumida e regularizada na potencia d'um só, valia mais que o combate perpetuo dos individuos, a anarchia do estado privativo. A sociedade, mesmo sob o jugo do despotismo,

era pois, 'neste sentido, uma conquista util sôbre o estado da natureza.

Como os demais, errou Bentham, quando admittiu o bem a seu modo, como o destino do homem, e lhe deu uma natureza ferina e bellicosa, que se oppunha constantemente á sua consecução.

A sociedade não dependeu de convenções.

O homem é como os demais productos da criação, um sêr harmonico, que nem as doutrinas de Bentham, nem o pensar dos philosophos poderá jámais alterar.

Os inconvenientes das theorias excentricas mostram quanto andaria melhor a philosophia, se, em vez de divagar por sendas inverosimeis, seguisse o homem nas suas diferentes phases, indicando pela analyse da sua natureza a sua condicção social, e erguendo em principio incontestavel o axioma — o estado natural do homem é o estado social.

É portanto necessario seguir um methodo melhor, que os estudos modernos tem consagrado e firmado em dados experimentaes, examinando o homem em si mesmo, e demonstrando que em sua natureza geral entra o elemento-sociabilidade.

Feito isto, como a todo o poder corresponde necessariamente seu producto correlativo, deparar-se-ha emfim na sociedade.

Depois só restará conhecer o tempo, que mediou entre esse poder, no estado inactivo, e o seu exercicio, no qual se vê a vida social, na vastidão de todas as suas relações.

A demonstração de que é o homem um sêr necessariamente social, não exige collocar-o na sociedade civil, mas basta descobrir 'nelle alguma tendencia inexistivel á sua convivencia, ainda a mais simples.

Esta convivencia ha de emanar forçosamente d'um principio, cuja producção externa, não é mais nem menos que uma lei natural, inherente á essencia humana.

Denomina-se sociabilidade o principio activo que excita o homem, successiva e constantemente, á união de si com os outros homens, isto é, á convivencia.

Denomina-se sociedade o resultado da operação d'aquelle poder.

É pois sociedade a união natural de duas ou mais pessoas.

O homem tem uma natureza geral, e outra especial; aquella constituida por elementos communs e dominantes, esta por elementos singulares.

Como a natureza geral segue a força dos

seus elementos, o que não póde deixar de ser, é ella dominante.

Sendo communs os elementos dominantes, os homens são eguaes.

Assim a humanidade e todos os individuos que a compoem, têm um fim identico

D'este modo, sociedade é a união de duas ou mais pessoas, que tendem a conseguir, pelo emprego dos meios conducentes, o mesmo fim; o complemento do seu destino, o bem.

Se o homem está organizado de fórma que as suas accões tendam ao bem, é elle social desde creado. Sendo social, o bem é forçosamente o seu destino.

A humanidade é social, em consequencia da agencia da criação.

Deus é o auctor do bem, e, deixando esses mysterios de sua superior essencia, nada da sua criação o homem apercebe que hom não seja. O homem, a quem Elle mais prerogativas concedeu, dando-lhe até para as comprehender e fruir a luz da intelligencia e as determinações da vontade, ficaria exceptuado da regra-geral da bondade infinita? É uma contradicção palpavel tal pensar. Um sêr infinitamente bom não saberia limitar a sua bondade para a constituição d'um ente, a quem honrou e elevou, chamando-lhe sua *imagem*.

Prendeu a ideia do bem ao pensamento creador.

Mas a ideia do bem alem de ser necessariamente successiva da de sociedade, ou vice-versa, o que pouco importa, não podia entrar no quadro moral do homem, sem Deus ter em vista ao mesmo tempo dar-lhe natureza social, porque é nas relações de convivencia que a bondade representa seu principal papel.

Nas relações de homem para homem está em grande parte o meio consecutivo do destino humano.

Nas relações do homem para as cousas existem os auxilios materiaes da natureza, esses sós, e improficuos sem a applicação da actividade.

As cousas materiaes, propriedade do homem, são inapplicaveis sem o auxilio social, e todavia o estudo da natureza d'ellas indica-as destinadas ao dominio razoavel da intelligencia e actividade.

Sob este ponto de vista, ou o homem é social por natureza, ou Deus errou, dispondo os elementos da criação, sem ordem alguma; mas a inerrancia é um attributo innegavel do supremo sêr. Que a humanidade pelos esforços proprios, se desinvolvesse e melhorasse; Deus

o quiz; que ella, pela reflexão de si mesma, progrida, é indubitavel; que ella aspira a um estado de perfeição sufficiente, é manifesto; que esse estado não pôde exceder em bondade o anterior á decadencia primeira é evidente.

Entretanto nada d'isto teria logar, se, adulteradas a bondade, sabedoria e providencia infinitas, a inclinação da natureza do homem o arrastasse ao bordo dos abysmos, onde nem daria passo seguro, nem adiantaria caminho.

Deus é infinitamente justo:

Não pôde ser naturalmente mal intencionado o homem.

Deus é infinitamente bom:

A natureza humana propende, sem ser forçada, para o bem.

A especie humana, entrelaçada a philosophia com as relações do creador, com Deus, simultaneamente, appellida-se — boa e social.

O homem é um sér social, porque creou-o Deus, e todas as suas obras são boas na phrase da escriptura sancta.

O homem é social, porque é homem.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

Pedimos venia ao *Instituto*, para transcrever das suas columnas a seguinte poesia lyrica do nosso amigo e condiscipulo Francisco de Paula Santa Clara:

### ODE

#### FIRMA MEDIOCRIA

Fatum si liceat mihi

Et res arbitrio fingere, providus

Leni carbasa temporem

Aurá, ne Boreae flamine adhuc tremant

Antemnae, et scopulis rates

Pendens vix pelagi numina opem roget.

Minois fugiens cito

Regnum, cum genito Cecropius senex

Artis miro opere advolant.

Certat dum volucres vincere, trans polum

Pennae et remigio vehi,

Delapsusque fretoque eripuit puer

Nomen: soli et aquis iter

Librando medium constitit arce dux,\*

Discrimen monitus viae.

Ipsis sic pluvio vapulat Africo

Turris nubibus altior;

In vulnusque magistro placet, humidos

Cum grex mane in agros ruit,

Cervix maxima. Sunt cuique ideo modi:

Neglectis, celer it dies,

Poenas quo populos poeniteat pati.

Anno 1859

F. P. Santa-Clara.

À \*\*\*

Meu doce lyrio!

Doce delirio,

Doce martyrio

Do meu amor!

Quem te ama como

A haste o gomo,

E o labio o pomo

E o olho a flór?

Se o chão se atreve

Roçar de leve

Na pura neve

Do teu setim,

Que som me vibra

Não sei que fibra

Que me equilibra

No ar a mim?

E que voz santa

É que me incanta

E enche de tanta

Consolação,

Quando uma falla

Terna se exhala

D'onde se embala

Teu coração?

Quando te vejo

D'um simples beijo

Córar de pejo

Mudar de cor

Que susto é esse

Que me parece

Te impallidece

Lyrio d'amor?

\* Praebat enim, teste Ovidio, de arte amandi, (lib. 2.º, v. 31-32).

Me pennis sectare datis, ego previus ibo:  
Sit tua cura sequi; me duce tutus eris.

E se imagino  
Que me reclino,  
Sonho divino,  
Juncto de ti  
E o ceu aberto,  
Vejo de perto  
Porque desperto  
Logo que o vi?

Não fujas... rosa!  
Não fujas, gosa  
Manhã mimosa,  
Manhã d'amor!  
De folha em folha  
A flor se esfolha,  
Bem cedo! — e olha:  
És como a flor...

João de Deus.

### RETRACTAÇÃO

A \*\*\*

Mulher, perdôa, se indignado um dia  
Soltei palavras, que desminto agora!  
Se irado e louco te vibrei sem pejo  
O acerbo ultraje...

Perdôa! — Estava desvirado e cego!  
Sem que o rubor me colorisse as faces,  
Pude zombar em miseraveis versos  
De teus encantos.

Os nomes pude mais infames dar-te,  
Sem que a palavra me abrazasse os labios;  
Pude — nem sei como o contar, de nojo! —  
Chamar-te feia.

Perdôa! — As notas ultrajantes, loucas,  
Que, 'nessas horas de delirio insano,  
Tirei da lyra, que afinára o odio,  
Renego-as hoje.

O amor, a raiva, a adoração, o insulto,  
Em peito amante sempre junctos moram;  
A flôr mais linda dos jardins da terra  
O áspe occulta.

O amargo fel, que o teu desprêso, ó anjo,  
Veio no triste coração lançar-me,  
Causou a injúria virulenta e feia,  
O vil sarcasmo.

Louco de zelos, por te vêr sorrindo  
Aos homens todos, porque todos te amam,  
Cuspi-te insultos — a desculpa minha  
É amar-te muito.

Amei-te muito, e ainda te amo, ainda?  
Do amor são filhas essas vis palavras...  
Com taes blasphemias suffocar buscava  
O affecto ardente.

Quiz humilhar-te para amar-te menos!  
Disse-te feia para crer que o eras!  
Quiz odiar-te — mas, baldando esforços,  
O amor crescia.

Crescia! — Embalde procurava sempre  
Fugir do encanto, que me abate e accurva!  
Embalde! — o fogo de teus bellos olhos  
Me, entrava n'alma.

E hoje, cobarde, de joelhos, anjo,  
Venho pedir-te que tudo isso esqueças!  
Venho pedir-te um só olhar, que seja,  
Penhor do insulto.

Um só! Embora de furor lampeje!  
Embora a raiva te illumine os olhos!  
Que eu antes quero furiosa vêr-te  
Do que indifferente.

Coimbra — 1859

Eugenio de Barros.

### DOS LAÇOS DE AMISADE\*

(Continuado do numero 5)

1. O pensamento prende-se com admiração ás páginas da historia patria, todavia a sinceridade, character dos historiadores Romanos, induz-me a referir a heroicidade d'outros povos. Damon e Phintias, iniciados nos mysterios da philosophia Pythagorica, estreitaram-se tão fielmente pelos laços de amisade, que, tendo Dyonisio Syracusano condemnado um á morte e lhe concedesse a solicitada espera de tempo, em que, voltando ao lar domestico, fizesse suas ultimas disposições, o outro não duvidou entregar-se ao tyranno, como responsavel pelo regresso. Sôbre cuja cerviz pendêra pouco antes o alfange, subtrahira-se ao golpe da morte; por substituição corria todo o risco, quem podêra viver em segurança: assim os cidadãos e, sôbre todos, Dyonisio esperavam com

\* Traducção litteral das obras de Valerio Maximo.

interesse o despecho incerto d'este drama novo. Instava o dia definitivo, e pela ausencia do condemnado todos qualificavam estulto um fiador tão temerario: pelo contrario, este affirmava nenhuma inquietação dominal-o sobre a fidelidade do seu amigo. Com effeito, ao expirar o momento e hora, que o tyranno fixára, ouvindo-a, apresentou-se. Admirando os sentimentos d'ambos, Dyonisio em homenagem perdoa-lhe a pena, e logo lhes roga o associassem á sua amizade, para honrar por dedicação inviolavel o terceiro logar, que tomava entre elles. Eis o poder da amizade: infundir o desprezo da morte; esquecer o encanto da vida; suavisar a crueldade; transformar o odio em amor; á pena substituir o beneficio. Por estes motivos tributámos-lhe tanta veneração, quanta nos merece o culto dos deoses immortaes, pois na religião o bem público, na amizade o particular se fundamentam; e, se uma reside nos templos augustos, a outra tem nos corações fieis o sanctuario, onde arde santa flamma.

2. Os sentimentos de Alexandre comprovam minhas asserções: senhor do campo de Dario, onde se achavam todos os parentes d'este principe, dando o braço ao seu amigo Hephéstião, dirigiu-se á tenda real para cumprimental-os. Reanimada por esta visita, a mãe do rei vencido tristemente lançada por terra levantou a cabeça; e, segundo o rito Persico adulando a Hephéstião, cuja estatura e presença inculcavam superior magestade, saudou-o, como se fóra o vencedor. Advertida da illusão buscava depois, tremula e perturbada, palavras de desculpa, quando o rei da Macedonia lhe diz: «Não importa que confundisses os nomes, pois Hephéstião tambem é Alexandre». Qual congratularemos primeiro: o que voluntariamente fez a confissão, ou a quem coube ouvir-a? Rei de grande animo, cuja esperança ou victórias envolviam o mundo inteiro, deu, em tão breves palavras, meio quinhão ao seu amigo. O presente de sublime dicto, honroso ao doador e egualmente ao que o accitava! Com algum direito venero ainda, como particular, a recordação d'este facto, pois eu merecera a subida benevolencia da mais illustre e eloquente personagem do nosso tempo; nem receio seja inconveniencia dizer que o meu caro Pompeio valera para mim um segundo Alexandre, visto que o seu Hephéstião se confundia com Pompeio. E seria, sem dúvida, réo de scelerado crime, se, relatando os exemplos d'uma amizade constante e generosa, calasse totalmente

esse varão, em cuja afeição, qual a do mais extremoso pae, achou vigor o estado de minha vida, quando próspero, e consolação, quando adverso; que me offereceu meios espontaneos, d'onde engrandeci minha fortuna sob cujo escudo persisti firme contra os infortunios; que, finalmente, por sua direcção e auspicio alentou e afamou meus estudos. Perdendo o melhor dos amigos, restou-me temer os invejosos, porque, certamente, minha felicidade atormentava-os; mas, sem razão, visto que minha influencia, quanta foi, aproveitou-lhes, quando quizeram experimental-a. É certo, a prosperidade, ainda á sombra da modestia, jámais pôde evitar os perversos golpes da inveja; e aonde encontraremos um refugio contra a malignidade de certos individuos, ou que invocações de misericordia valerão para movel-os, impedindo-lhes que se alegrem e batam as palmas na contemplação dos males alheios, como felicidade propria? Nossa perda torna-os ricos; nossa desgraça opulentos; nossa morte immortaes. Não sabendo o que sejam infortunios, quando deixarão de insultar a calamidade do proximo? Dil-o-ha a inconstancia da sorte humana, vingança inflexivel da insolencia. F. P. Santa-Clara.

(Conclúe)

## TOPSY

A Escrava

Corria o anno de 1850, quando Topsy, a mulher livre no foro da sua consciencia, mas escrava pelas disposições d'uma lei, que a avareza americana promulgára por conta propria nos tribunaes do despotismo mais odioso, que inda flagella a humanidade, vinha por sua vez, no exterior resignada, a esse mercado da especie humana, theatro vasto, onde a ambição desmedida e brutal desconsideração pelos homens de côr arrasta os traficantes negreiros a cevarem-se nas riquezas, que uma geração malvista lhes depara para eterno opprobrio da civilisação e da charidade.

Installaram as revoluções o sentimento da propria dignidade e a observação de que eram inuteis, politicos e economicos todos os institutos, que apertassem a natureza do homem, alem do que era indispensavel para constituir sua esphera da individualidade social; mas estes dados do tempo só na Europa foram apreciados, como se só para esta parte do antigo continente corresse o desengano da experien-

cia, que nos traz o devolver dos seculos. Lá nos paizes, de que nos alongaram os mares, não chegou nem a luz directa nem a reflectida da philosophia, garante da independencia humana.

Nem admira; que o fogo das paixões, por energico e coruscante, confunde a acção branda, mas constantemente proficua d'esses raios, que emanam tranquilllos e suavemente luminosos d'uma immensidade de centros civilisadores, que a Europa se arrogara como privilegio.

Mas aquellas paixões são criminosas, quando do intimo da alma brada 'ao homem agente, mesmo 'neste estado do seu existir, a voz implacável da consciencia, intimando-lhe a egualdade e a charidade, seu resultado necessario.

Parece que oriunda do mundo antigo, a philosophia moderna, restauradora do homem e advogada constitucional das individualidades e das nações, se indigna de alar-se sobre os mares, transpôr a linha equatorial e visitar o continente de Colombo, levando-lhe os beneficios que na Asia e Europa já prodigalisava ao homem nos tempos anti-diluvianos! Receiar-se ha ella de mau acolhimento? Ou de não encontrar alli, no paiz das impressões sublimes, senão o frio materialismo dos encantos d'uma vegetação constante, ou o requintado espiritualismo dos que, desprendidos, depois de cançados, da monotonia do clima, se elevam ás regiões sidereas, manusiando com alavancas de chumbo os seus principios, inamoviveis a elementos materiaes, ou consumindo o vigor intelligente de suas faculdades nos productos estereis da imaginação escandecida? Quem sabe? Os espiritos americanos não são benemeritos da natureza, porque creara-os a civilização do occidente, dando-lhes uma sociedade gloriosa; e elles, ingratos e irreconhecidos, aproveitaram os seus beneficios para matar as gerações do clima torrido, condemnando-as a um desprezo ignobil, quando só deviam alistar-se escravos na missão restauradora, que, nos tempos que já foram, lhes deu o porvir, independente da actualidade.

Quem, d'ora avante, incitará as nações do occidente, constituídas pelas suas relações, de contacto e amizade em poder invencivel, convertidas em colosso gigante, a arrastar trabalhos insanos; em fundir pela magia da civilização uma horda 'numa nação, uma tribu 'num municipio regular, uma floresta 'numa cidade, um lago inacessivel e marginado de espessas brenhas em um braço de mar, vehi-

culo de commercio e felicidade? Mas o poder constituído sobre bases racionais, e amparado nos braços vigorosos da verdadeira sciencia é essencialmente progressivo; não cruza os braços; nem se desanima, degradando-se, a ponto de não ousar calar pelo ferro, a convicção e práctica da verdade, que a diplomacia vê ultrajada a despeito de tudo.

Se o velho e novo mundo assim continuam, se a paternidade politica d'aquelle se reconhece neutralizada e absorvida na arrogancia d'este, um rompimento é inevitavel.

Só é problematica a epocha d'esse acontecimento, que a historia e a politica hão de apontar nas páginas da humanidade.

Venha elle, que a verdade basta de sacrificios, e o seu character absoluto fal-a não corar de péjo, inda que sua aurora raie pela primeira vez d'entre a funerea confusão d'uma cruenta batalha, e a sua essencia suave e affavel no recinto da paz, veja agora pungente e dolorosa como o punhal do remorso. E é este o destino da verdade: ama-nos se a seguimos; inconmoda-nos se a pretendemos evitar. Que ella não é o consectario das leis, dil-o Topsy, que, victima dos actos de Carolina, experimentava sempre as tendencias do seu coração 'num duello de morte, contra as instituições sociaes d'aquelle paiz.

Cercada de seus filhinhos, cuja sorte, inda d'elles mal sentida, lançava a consternação no espirito de sua mãe, que nas algemas tinha aprendido a occultar a dor da escravidão, ou a dissimular-a, para não difficultar o nobre plano de suas constantes aspirações, Topsy representa a numerosa prole, que nasce e se desenvolve debaixo da influencia das leis da escravatura.

Como todos os meninos d'esta malfadada classe, que vegeta coarctada pela auctoridade senhoreal da Carolina do Norte, os filhos de Topsy, vivos, activos e intelligentes eram apparentemente despidos de principios de reflexo moral, e da consciencia da sua dignidade natural; que outra não tinham elles, em quanto a não conquistassem com um crime, atroz na Carolina, que mercesse por acto da republica, alem da conspiração das leis, a revolta mesmo dos animaes irracionais, e dos elementos, que a malicia humana pozera á disposição das paixões sociaes.

Harris, George, Rigdon, Ben-Fox e Elisa não eram typos elegantes, que se possam moldar no parallelo da baixa Europa, mas compunham uma familia, tão jucunda e chara a

Topsy, que esta sentiria frio o amor filial da mais extremosa sevilhana.

Era ella dotada de sentimentos nobres, tão nobres que dar-se-hia milagre em espiritos preocupados, se os conhecessem e soubessem graduar, mas o valor e dignidade d'estas qualidades, que a adornavam, era-lhe completamente desconhecida.

Alli via-se o amor filial da familia livre; e integra fraternidade do hebreu na synagoga; todos os bons costumes domesticos no que comporta a lei de escravatura, e a auctoridade paternal, sentida e respeitada em todo o seu vigor, quando ao imperio e voz da natureza não obstava a vontade estranha e cruel do impio senhor, ou quando não soffriam os interesses da mais vil propriedade, que tem visto o mundo.

Quando o senhor por uma defêrencia, que não tem exemplar no orbe da philosophia, mas que em falta de melhor é um bem, alargava a cadeia do captiveiro, dando ao escravo alguns momentos de reconhecimento e devoção filial, que nem mesmo a natureza, que alguém diz avara, lhe negára, era interessante aos olhos d'um europeu o quadro d'esta familia, que esgotava o escasso alimento da sua conservação na tangente d'um lord estúpido, que a ambição, por concessão suprema, creára no rigor de suas leis cosmogonicas sob o meridiano mais ardente. Mas esta criação é repugnante.

A natureza protege distinctamente os sexos e as condições, porque aquelles e estas são distinctos em construção, forças e sentimentos, e a natureza professa os principios da egualdade; mas o poder senhorial tudo confunde na illusoria perspectiva dos seus injustos interesses, sacrificando á personalidade propria a dos infelizes, e rejeitando o pudor e fraquesa, que o proprio Deus respeitava!

Sem maldade propria existe o escravo; vive e morre ao serviço forçado, em que gasta gradativamente as suas forças, e embute até á brutalidade a sua intelligencia, mas sem perversidade e essa requintada até á astucia e infernaes ardís, não dá o senhor, algoz impassivo de si e dos outros, e ente asqueroso e indigno de vida humana, ordem alguma de absoluta soberania, sem commetter a falta de Adão, que, para elle bastante a infernal-o e arrastar-lhe dolorosa existencia quando o degrau da paixão lhe permittir o resentimento de seu maleficio, é em relação ao Eterno uma blasfemia imperdoavel, porque é irreparavel.

Aliás, perdoará Deus o crime de subordinar automaticamente uma creatura, a quem elle mesmo déra a existencia? Ou será o senhor algum demonio expulso do céu, e vencedor 'nessas innumeradas batalhas, que a estrategia infinita fez travar nas regiões do firmamento, para dos espaços infindos despedir á terra um d'esses irrefragaveis e luminosos argumentos, que, testemunhando com acerto infallivel, legitimasse aos olhos da posteridade uma victoria decisiva das potestades do céu contra seus filhos rebeldes, um triumpho do céu contra o inferno? É. E outra cousa não pôde ser, mas venceu a razão propria na terra.

(Continúa) J. Machado Cabral e Castro.

### LOGOGRIPO

A primeira co'a segunda  
 Todo o homem em si traz;  
 A terceira co'a primeira  
 Um jogo é de rapaz.

A segunda co'a terceira  
 Tem uso no estio só;  
 A quarta co'a segunda  
 É neto de minha avó.

A terceira co'a quarta  
 Toda a arvore em si tem;  
 A primeira co'a terceira  
 «Cessa já» a dizer vem:  
 A quarta co'a primeira  
 Mais que o globo em si contém.

O todo por agradável,  
 Que a todo o homem extasia,  
 Constitue perenne fonte  
 De pintura e poesia. Sá.

### EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N.º 7

1.ª — *Alphabeta*. 2.ª — *Algalia*.

### EXPEDIENTE

Rogámos áquelles Senhores, que suppomos assignarão o nosso jornal, que no caso de o não quererem acceitar, tenham a bondade de o recambiar á redacção.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 9



Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1859 — DEZEMBRO — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 »

## A LIBERDADE

Deus é Deus sôbre o homem, e este é Deus sobre a terra.

O homem é o eló, que prende o finito ao infinito, os seres contingentes ao ser immutavel, a terra a Deus. Eis aqui o typo da ordem e da unidade, para que tendem todos os nossos esforços.

Não são, porém, todos os elementos da natureza humana o ponto d'esta união; é sómente o elemento racional, em quanto toma conhecimento das verdades absolutas do justo, do bello e de todos os principios, que constituem a natureza divino-humana. É esta a sua verdadeira natureza, que lhe imprime o caracter de *homem essencialmente livre*.

O homem é livre, porque é racional.

O homem é livre, porque é a causa motora e unica de seus actos.

A liberdade não consiste *essencialmente* em praticar o bem ou mal, e em obrar de uma ou outra fôrma.

A liberdade não tem senão um unico caminho a seguir; Deus o attesta, e a philosophia o demonstra.

O Creador é por sua natureza livre; e tudo não pôde, (porque assim o pede a sua omniscencia e justiça) obrar d'esta ou d'aquella maneira; o justo é a sua divisa.

Como se poderá chamar livre, o que se deixa arrebatado pelas paixões desordenadas,

pelos sentimentos e motivos, que a razão ou desconhece ou reprova!! Neste caso a materia não será mais livre do que o mesmo homem? Não é ella a causa determinante dos actos humanos?

A escravidão pertence á materia, e o seu dominio ao espirito. Quando aquella domina, a liberdade cessa, o espirito abaixa-se, e os seus direitos de senhorio convertem-se em deveres de escravo! Os excessos de liberdade, ou a licença juridica ou moral, vem a ser a sua negação, a sua fraqueza, a sua morte.

Talvez alguém pense, que, querendo demonstrar a liberdade, nós a reduzimos a uma lei necessaria, e portanto a um *puro automatico*. A liberdade, tirando o seu poder de si mesma, hade ser *necessaria*; porque a *mesma força livre não pôde ser livre senão em virtude de sua propria essencia, e esta não se contradiz*.

O automatico move-se em virtude d'uma força, que mão extranha lhe imprimiu, e que não constitue a sua natureza. Pelo contrario, o homem obra por um poder, que a natureza lhe concedeu, que constitue a sua *essencia*, e que lhe imprime o caracter de homem. Neste se encontra a origem do poder, ou melhor, no homem esta o homem.

Já se vê que não negamos a liberdade, antes a elevamos á sua verdadeira posição.

O homem, encontrando na liberdade o germen de seus direitos, é natural que tenda

ao seu desenvolvimento á custa dos maiores esforços; mas infelizmente nunca attingirá o seu *desideratum*, em virtude da sua natureza humana.

Só Deus é *naturalmente* livre; porque só Deus é Deus. B. d'Albuquerque e Amaral.

## O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.<sup>mo</sup> SR.

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

(Continuado do n.º 7)

Depois de termos escripto o ultimo artigo ácerca do systema do Projecto do Codigo, podémos obter a Nova Apostilla pelo sr. Augusto Teixeira de Freitas, que está incumbido pelo governo brasileiro, d'uma missão analogá á do sr. Antonio Luiz de Seabra.

S. s.<sup>a</sup> occupa-se, na primeira parte das suas observações, em analysar o systema do Projecto; mas que analyse!!

Duvidámos da boa fé do illustre Auctor. As suas Observações, formuladas em impropérios, inconvenientes em toda a discussão scientifica, principalmente em uma questão de tamanho vulto, qual a d'um Projecto de Codigo, provam evidentemente, que o seu Auctor se não pôde elevar áquella posição, d'onde com serenidade e á luz dos verdadeiros principios da sciencia moderna, se procede ao exame das altas questões.

Não podémos resistir ao desejo ardente, ou antes á imperiosa obrigação de expendermos a verdade tal qual a razão a concebe.

Bem sabemos que a nossa condição não permite em nos arvorarmos em arbitros de uma tão alta questão, e de tão elevados defensores; porém, não somos nós quem fallamos, é a verdade.

O illustre Apostillador pretende combater o systema do Projecto, por se haver 'nelle seguido, como base, o principio subjectivo do direito.

Quem não vê, 'neste simples enunciado, quão injusta ha de ser uma tal arguição? Porém, examinemos as razões em que se funda:

Primeiramente censura o sr. Seabra por haver inserido 'num Projecto de Codigo Civil, disposições relativas aos direitos absolutos; direitos estes que se acham regulados pela Carta Constitucional e pelo Codigo Penal; e portanto deslocados do seu legitimo logar.

Bem mostra o illustre Apostillador o rapido exame, que fez á Apostilla do sr. Seabra, a paginas 32.

Em tudo, quanto é contingente, é indispensavel o procurar-lhe um apoio, aonde se possa firmar sem receio. Só d'esta forma se satisfaz e obedece o espirito humano.

O mesmo succede em um codigo. O legislador sómente mostrará que não é arbitrario em seus poderes, ligando, e deduzindo as suas leis d'um principio, ou verdade, que lhe esteja superior, e como tal reconhecido pela razão humana. Só assim merecerá o legislador confiança de seus subditos.

Diz o illustre contendor, que estes direitos absolutos estão reconhecidos pela Carta Constitucional; e portanto desnecessario é o occupar-se d'elles o Codigo Civil. Mais um motivo para d'elles se fazer menção na legislação civil. A Carta Constitucional é a lei fundamental; é a lei, com que as demais leis se tem de conformar; logo toda a legislação, que não fór fundamental, deve-se apoiar, e como que entroncar com as suas disposições. Eis o que fez o sábio Auctor do Projecto. Que tem de reprehensivel este proceder? Não está elle garantido pela Carta Constitucional?

É assim que argúe, quem não tem que arguir.

O illustre Apostillador, continuando com as suas recriminações, não admite, porque não quer, o principio subjectivo dos direitos, como base para sua classificação. Quaes são, porém, os argumentos em que se funda? Parece-me que ninguem os poderá deduzir da sua Apostilla. Apenas diz, que a verdadeira classificação se deve fundar nas relações apreciaveis das cousas, a que corresponde o methodo natural. Diz mais, a paginas 54, que o methodo natural, baseado em caracteres fundamentaes, como o que se observa na Historia Natural, se deve applicar aos *entes* da sciencia do direito.

Aqui nos parece estar o escolho, de que se não pôde livrar o illustre Apostillador. O methodo das sciencias naturaes, como o sábio Contendor expõe, não se pôde nem deve applicar á sciencia da legislação. Talvez levado por o que mais nos impressiona, pretendeu classificar as doutrinas do Projecto, segundo a classificação das sciencias naturaes. Nem d'outra sorte se pôde explicar a preferéncia que dá aos direitos reaes e pessoas por a base da classificação, assim como a proposição que estabelece a paginas 79: «Aquillo que *exteriormente* se conhece, aquillo que se sente, que

está no bom senso de todos os homens, é o que 'nesta apreciação de similhanças e divergencias, deve apoiar nossos juizos». D'aqui provém a confusão de posse derivada do contracto com a posse proveniente do facto sómente do possuidor; assim como a admiração, que lhe produziu o art. 2339, aonde se diz, que o direito de propriedade é a faculdade de gozar e dispôr livremente de qualquer coisa ou *direito*.

A argumentação do illustre Apostillador basea-se no principio que preside ás classificações das sciencias naturaes, isto é, nós devemos estudar e classificar o que existe, pelos seus caracteres mais sensiveis, e não remontarmos ao principio que lhe deu origem.

Nós entendemos, com o sr. Seabra, que o fim do legislador é regular a maneira como o homem ha de adquirir direitos; em que circumstancias os pôde adquirir; o uso d'esses direitos adquiridos, e as reparações exigiveis pelas lesões commettidas. O tractar do direito em si, sem primeiramente examinar os meios por que se adquire esse direito, é absurdo.

Os direitos reaes e pessoas em que o illustre Apostillador parece fundamentar o seu systema, ou são um elemento secundario, que o Projecto comprehende na segunda parte, como resultado dos meios por que os direitos se obtém; ou um resultado de aquisição do direito, que o Projecto comprehende na terceira parte.

Os direitos pessoas são uma consequencia dos meios por que elles se conseguem; consequencia esta, que se acha inherente á natureza dos mesmos actos, e sôbre que o legislador nada tem a dispôr.

O que a razão demonstra, a prática o confirma. Por ventura, não versam quasi todas as questões de jurisprudencia sôbre a existencia, validade, interpretação do titulo, ou facto, que serve de prova dos direitos? Sôbre a capacidade ou incapacidade para adquirir esses direitos? A questão do *jus in re* ou *jus ad rem* é apenas um accessorio, que anda unido pela sua natureza ao acto, que lhe deu origem; determinado o qual, decidido está o direito respectivo. Em que se basea pois a argumentação do illustre Apostillador? Apresenta, a paginas 31, a excellencia do seu systema, aonde diz: «Está classificação perfeita (de direitos reaes e pessoas) em que se tem feito entrar todas as obrigações dos contractos, applica-se exactamente a todas as obrigações, *quaesquer que sejam suas causas productoras*».

É por essa razão, por comprehender direitos analogos nos seus efeitos, mas differentes nas suas causas, que o systema não tem fundamento, como deixámos demonstrado.

Muito pôde a voz da consciencia.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

## TOPSY

### A Escrava

(Continuado do numero 8)

#### II

Tudo que é humano se contradiz. A razão propria, que se ala nas azas da imaginação, baqueia mais facil, que quando rasteja os misteres ordinarios e materiaes da vida: lá, envolvida em si mesma, perde o norte do seu destino; aqui, pairando sôbre o finito sensivel, encontra uma ou outra vez o luzeiro, que lhe aclarêa a distancia em que se acha da verdade, que, superior inda assim, diffunde seus raios na só exterioridade de sua esphera.

Por isso não admira, que o homem, cren-do-se vencedor contra a natureza, veja depois com remorso, como se ostenta ovante a lei da natureza. Assim deve ser. Os homens são eguaes. Ainda que o milagre seja incompre-hensivel emquanto á sua essencia, a comprehensibilidade da sua origem e fim eleva á classe dos impossiveis a theoria da desigualdade, symbolisada na arrogada superioridade d'uns sôbre os outros; na deificação d'uma creatura humana, quiçã a mais pequena, mais vil, para crudelisar a mais forte, a moral e sentimentalmente superior.

Egal em si mesmo, Deus tudo em sua especie creou equal; e, sobordinação, caracter geral de seu systema cosmogonico, só a estabeleceu d'uma, a mais graduada, para a outra especie differente, em cuja harmonia, não obstante, ella se movesse na roda dos tempos, e se conservasse pela seguida absorpção do que, obedecendo a si mesmo, se vac creando, durando, morrendo e reproduzindo.

Mas nada mais de extemporaneidades. O que deve ser, melhor se verá, quando, narrados os factos e analysados ao escarpello da razão, nos tivermos disposto para aceitar sem repugnancia as nunca immoderadas verrinas contra os mercadores d'homens, mais cruéis que os anthropophagos; porque devorando demorada e tormentosamente a carne das suas victimas nos

trabalhos forçados e desproporcionaes, com que as sobrecarregam, extinguem-lhes o fogo do entendimento e luz da razão, difficultando-lhes o conhecimento de si mesmas, como meio de obterem a submissão mechanica. A astucia vem ainda em prol do proprietarlô do homem, e chega a installar-lhe os meios de o fazer subservir physicamente, tirando com a escravatura a consciencia ao escravo. E o que mais é, esfomeam-o, embrutecem-o e até o privam de adorar, pelo desenvolvimento espontaneo da sensibilidade, o Deus que o creára!

Que poder divino ou humano haverá no universo, ou mesmo se pôde imaginar, que desenlace dos braços, uns dos outros, os membros de uma familia, que, unidos, tractados e conhecidos por seus mutuos trabalhos e distrações, vivem 'numa especie de identidade, que quasi constitue uma só vida?! Que poder haverá para o homem separar legitimamente o que a natureza amplectára 'num nexo real, substancial e necessario? Todavia o despotismo, desentranhado da gravidade d'uma ambição criminosa, tudo tem legitimado, legalizado e praticado. E todos os titulos acham justas as theorias do interesse economico, e defendem-as escriptores auctorisados, como se os dominasse a convicção da myopia intellectual dos outros, que por hypothese assentam na fragilidade e escacez do genio alheio. Digam quanto sentirem, se é que assim sentem, os theoristas e defensores das economias e balanças politicas; que os demais, despreoccupados da ideia de utilidade de taes fontes de bens humanos, trilham outro caminho, librando seus principios em outras balanças, que podem ser offercidas á humanidade como modello, porque de tudo é modello a natureza, mesmo do que não é natural.

Desfia-se a nossa historia no facto mais importante da familia — *George* — chefe, se fôsse em outro paiz que não a Carolina, d'uma pequena sociedade livre e independente, feliz e patriótica, ao que parece. Habitava a cabana da noite proximo da plantação de *W.*, onde aprendia a sorte; *Topsy* fôra para alli gastar os ultimos dias da sua existencia, já inutil a *W.*, porque tinha ella consumido 'num trabalho excessivo as forças e a saude, unicas qualidades que apreciava a sr.<sup>a</sup> *W.* em suas escravas, e *W.* em todos os seus domesticos. Não era edosa a escrava, nem o vigor da sua construcção assás vantajosa lhe permittia a decrepitude nos cincoenta annos, mas envelhecera-a as inquietações constantes, em que vi-

vera, ora temendo pelo castigo de seus filhos, ora receiando da segurança de *George*, ora tremendo de não cumprir á risca as ordens da sr.<sup>a</sup> *W.*, caprichosa e dengue, tanto que o bom senso a encararia com seus olhos implacaveis um sêr tacanho nos sentimentos, pequenino, diminuitivissimo, vermesinho, mas incommodo em sua convivencia soberana. Era uma furiosinha sem balão, que o não havia então na Carolina, mas que no pouco roçagar da saía catita, fazia arripiar e tremer de susto uma legião de escravas fieis, que tacaava (maldita!) á pata ingleza.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

### ROUBO DAS SABINAS

Surgiu Romano colossal imperio,  
Cujá grandeza foi maior, que a fama;  
Scipiões surgiram, Cincinatos, Manlios,  
Régulos, Tullios, mil heroes, que á sombra  
De seus sepulcros repousados dormem.  
Roma attingira culminante gloria;  
Sepultou-se essa gloria, e existe Roma:  
Porém nos fastos, que inda são Romanos,  
Narram antigas tradições, que fôra  
Romulo o fundador d'essa cidade,  
Que a seus decretos submettêra o mundo;  
Aos limites da terra, ultimas plagas,  
Conhecidas então, seu forte vóo  
Projectaram sem medo aguias Romanas.  
E d'onde a origem de heroismo tanto?  
Inspiração de amor, de amor o impulso  
Géra portentos; sem amor seria  
Do nada solidão a natureza.  
Aos Romanos amor jógos inspira,  
E Romanos nos jógos arrebatam  
As mulheres Sabinas; doce empreza,  
As que roubadas são, e aos roubadores.  
É este o facto, que ordenaram Numes;  
E raça de homens, que nasceu Romana,  
Deu á Romanas gerações principio.  
Amor, que sôbre o mundo organizado  
Poder incalculavel patenteias,  
Que germinas, que nasce generoso  
Nas almas dignas da influencia tua;  
Amor, de cujo seio inexaurível  
São de chammás torrente abrazadora,  
Tu, que aos seres organicos repartes  
Porções de seiva ardente, e vida, e fogo,  
Se és inda o Nume, povoador das terras,  
Do mundo sub-lunar, eia, responde,  
Onde existe esse altivo Capitolio,  
Onde a rocha Tarpêa, onde os Romanos,

Que nasceram com Roma, e a Roma deram  
 Gloria, que os homens contestar não ouzam?  
 Respondam frias pedras dos sepulcros,  
 Que nas vias Latinas se mostravam;  
 Responda o pó sublime, venerando  
 De augustos craneos, de ossos calcinados,  
 Que alvejaram na terra dos triumphos;  
 Responda a espada, que oxidára o tempo,  
 Que vidas devorou, que nos infernos  
 Arrojava de Roma os inimigos:  
 Dizei-o vós, inanimados restos  
 Adherentes dos Cesares no solo;  
 Fallai, oh ruínas, cidadãos do nada,  
 Manifestando aos seculos futuros,  
 Que fóra alli de Romulo a cidade,  
 Que alli o roubo perpetrado fóra  
 Das mulheres Sabinas..., e esta ideia,  
 Esta lembrança tanta dôr excite,  
 Que lagrimas arranque em sacrificio  
 Aos manes dos heroes, ao simulacro  
 Da terra, que hoje os seculos escondem.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

## O EMIGRADO

Ao meu amigo J. C. Pereira d'Eça

Adieu, chère terre natal,  
 Je vais dans un monde lointain;  
 Quand viendra mon heure fatal,  
 Je regretterai, mais en vain,  
 De ne pas mourir sur ton sein.

\*\*\*

Adeus, valles e prados virentes,  
 Adeus, lindo e mimoso torrão;  
 Adeus, cara familia e parentes,  
 Doces laços do meu coração.

Vou p'ra longe da patria querida,  
 Vou ás fúrias do mar resistir;  
 Vou d'um lenho fiar minha vida,  
 Que uma vaga bem póde engulir.

Vou de prantos amargos regar  
 Negro pão que terei de comer;  
 Vou a terra d'estranhos arar,  
 Vou do tropico os fogos soffrer.

Vou... quem sabe?! nas quentes areias  
 D'um deserto, bem novo expirar!  
 Vou... quem sabe?! co' o sangue das veias  
 D'um selvagem ás mãos saciar!...

Esta ideia medonha me atterra,  
 Sinto-a acerba no peito a gemer;  
 D'essa morte, distante da terra,  
 D'esta patria que eu ví ao nascer.

Mas tu deusa dos sonhos ridentes,  
 Meiga esperança dos anjos querida,  
 Só tu guias meus passos trementes,  
 Nas incertas veredas da vida!

Eia avante! sigamos a sorte,  
 Essa sina talhada nos ceus;  
 Eia avante! p'ra a vida, ou p'ra a morte!...  
 Os destinos pertencem a Deus!...

Adeus, valles e prados virentes,  
 Adeus, lindo e mimoso torrão;  
 Adeus, cara familia e parentes,  
 Doces laços do meu coração.

Coimbra — 1859

Severino d'Azevedo.

## DÊ!

Beijo na face  
 Pede-se e da-se:  
 Dá?  
 Que custa um beijo?  
 Não tenha pejo,  
 Vá!...

Um beijo é culpa  
 Que se desculpa;  
 Dá?  
 A borboleta  
 Beija a violeta,  
 Vá!...

Um beijo é graça  
 Que a mais não passa;  
 Dá?  
 Teme que a tente?  
 É innocente!  
 Vá!...

Não tenha medo!  
 Guardo segredo,  
 Vê?

Dê-me um beijinho:  
 Dê de mansinho!  
 Dê!

João de Deus.

## EM O ALBUM D'UMA SENHORA DESCONHECIDA

Out'ora na Grecia, donzella, elevavam  
Os homens altares a incognito Deus;  
Prestavam-lhe culto e—quem era—ignoravam  
Que nunca ao mysterio rasgaram os veus.

Tambem eu que nunca te hei visto, donzella,  
Que nunca em meus dias talvez te verei,  
Em teu branco livro uma offerta singella  
—Meu nome sem gloria escrevendo— deixei.

Coimbra, 29 de Outubro de 1859

Eugenio de Barros.

## DAS MORTES EXTRAORDINARIAS \*

Define-se o destino do homem pelo primeiro e ultimo dias da vida, pois influem os auspicios, sob que qualquer vem ao mundo e d'elle se aparta; assim só reputámos feliz o homem, a quem coube nascimento afortunado e morte pacifica. O curso do tempo intermedio, segundo a mão da fortuna reger o leme, segue navegação, que, ora a bonança, ora o perigo dirige; e, ou sua duração se prolongue na medida de avidos desejos, ou termine sem merecimento, é sempre menor, que a esperança; todavia se quizeres fazer da existencia sabio emprego, ainda, quando curta, poderás eternal-a, dilatando os annos pela multiplicidade das acções. Que importa alegrar-te uma existencia ingloria, se estudas antes em viver do que viver com honra? Mas, para não me afastar mais do assumpto, mencionarei aquelles, que foram ceifados por morte extraordinaria.

## Romanos

1.º Tullo Hostilio, tocado pelo raio, ardeu e todo o seu palacio: lei da sorte, singular nos seus effectos! Este principe, sustentaculo de Roma, é consumido no seio da cidade, sem que seus concidadãos podessem tributar-lhe as ultimas honras: o fogo celeste obrigou-o a ter seus penates e palacio por pyra e sepulchro.

2.º O animo inclina-se com difficuldade a crer que a alegria, como o raio, tenha occasionado a morte; é certo, porém, teve equal poder. Ao espalhar-se a noticia da derrota, que o exercito Romano padecera nas visinhan-

ças do lago Trasimeno, uma mãe, que se tinha dirigido ás portas de Roma, encontrando ahí seu filho incolume, expirou-lhe nos braços: outra, que, pelo falso aviso da morte de seu filho, submersa na afflicção, se encerrára em casa, vendo-o de repente entrar salvo, perdeu a vida. Eis os insolitos golpes da fortuna: resistindo á dor, estas matronas succumbem á alegria.

3.º Eram mulheres, e assim minha surpresa é menor. Collega de T. Graccho, M. Juvencio Thalna, consul pela segunda vez, celebrando sacrificio em Corsega, que acabava de render ao poder de Roma, recebeu uma mensagem, que lhe noticiava terem sido decretadas pelo senado as acções de graças aos Deoses, para honral-o: lia o decreto com attenção avida, quando, turvando-se-lhe a vista, cahiu sem vida ao pé do altar. Que causa, a não ser o excesso d'alegria, diremos ter-lhe provocado a morte? Eis a quem seria depois commettida a destruição de Numancia e Carthago!

4.º Maior animo, mas um fim mais tragico recommenda o general Q. Catulo, que o senado associára a Mario, triumphante dos Cimbro; pois, intermediando algum tempo, condemnado pelo proprio Mario á morte, effeito das discordias civis, encerrou-se num quarto caiado de fresco e que evaporava pela acção de fogo intenso, e ahí morreu asphyxiado: necessidade tão horrorosa eclipsou a gloria Marianna.

5.º Nestes dias de lucto o consular C. Cornelio Merula, flame de Jupiter, para que o vencedor insolente não escarnecesse do sacerdocio, evitou a sentença de morte ignominiosa, abrindo suas veias no sanctuario da Divindade; e o sangue do proprio ministro humedeceu o altar mais venerando.

6.º Com resolução e coragem igualmente terminou seus dias Herenio Siciliano, que, já amigo, já aruspice entretêra relações com C. Graccho; pois, como fôsse conduzido ao carcere pelo motivo referido, quebrando a cabeça nas umbreiras da porta, cahiu no limiar da ignominia e exbalou o ultimo suspiro. A distancia d'um passo entregara-o ao supplicio público e cutêlo do algóz.

7.º Precipitada foi ainda a morte de C. Licinio Macero, antigo pretor e pae de Calvo. Accusado de concussão, subiu ao Meniano, para esperar a sentença: então, como visse a Cicero, que, depondo a pretexta, convidava os juizes a reunir, mandou dizer-lhe que morrerá réo, mas não condemnado, e d'est'arte seus bens não poderiam ser vendidos em haste

\* Traducção litteral das obras de Valerio Maximo.

pública; logo, apertando a garganta com um lenço, que casualmente tinha na mão, a respiração comprimida provocou-lhe a morte em troca do castigo legal: avisado do successo, Cicero não pronunciou a sentença. Assim um orador afamado\*, a custo da insolita morte de seu pae, subtrahiu-se á indigencia e opprobrio, que desmereceria seu nome.

8.º Esta morte foi corajosa, eis outras que provocam o riso: Cornelio Galba, antigo preitor, e T. Haterio, cavalleiro romano, fruindo os prazeres de Venus, perderam a vida. Mas que proposito nos induzirá a rediculisar individuos, que foram provavelmente victimas da fragilidade da natureza e não de suas paixões? O fim da vida provém de causas diversas e occultas; e, ás vezes, attribuímos sem fundamento a sua causa a circumstancias, que antes coincidiram, do que determinaram o instante da morte.

#### Estrangeiros

1.º Merecem ainda ser referidas algumas mortes de estrangeiros, e, sobre outras, com especialidade a de Coma, que dizem fôra irmão de Cleão, famoso capitão de ladrões. Depois da recuperação de Enna, de que os escravos fugitivos se tinham assenhoreado, Coma foi conduzido por gente armada á presença do consul Rupilio; e, como fosse interrogado acerca das forças e designios dos rebeldes, pedindo espera de tempo para reassumir animo, cobriu a cabeça, e, apoiando-a nos joelhos, comprimio de tal sorte a respiração, que, entre os proprios guardas e ante a auctoridade superior, achou no descanso eterno a segurança, por que anhelava. Atormentem-se os desgraçados, cuja morte antes lhes utilisa, que a vida; oppressos e inquietos, excogitando o meio de terminar a existencia, afiem o ferro; preparem venenos: enlacem a corda fatal; escolham com vista horrorisada as alturas, se é que, para romper o fraco laço, que une a alma ao corpo, são demandados singular apparato e artificio exquisito: Coma não recorre a estes meios: encerrando a respiração no peito, deixa de existir. Assim não se requer afan para a conservação d'um bem, cuja posse fragil pôde escapar-nos, completamente perturbada por leve sópro.

2.º A morte do poeta Eschytes, é verdade, não fôra voluntaria; mas a singularidade do successo convida a referil-a. Sabido além das

fortificações da cidade, onde residia na Sicilia, sentou-se ao sol 'num logar abrigado; uma aguia voava por cima, levando uma tartaruga; e, illudida pelo luzimento da cabeça (pois faltava-lhe o cabello), crendo-a marmore, deixou cahir perpendicularmente a presa para quebral-a e alimentar-se da carne; sob este golpe morreu o primeiro auctor da má tragedia.

3.º A morte de Homero attribue-se igualmente a uma causa singular: a fama faz crer que morrera de pezar 'numa ilha, por não ter podido resolver um enigma que os pescadores lhe proposeram.

4.º Mas Euripides pereceu por um modo mais cruel: voltando para a hospedaria, depois de ter ceado no palacio do rei Archelau na Macedonia, foi accommettido e dilacerado pelos cães: crueldade da fortuna, não merecida por um engenho tão sublime.

(Continúa)

F. P. Santa-Clara.

### SCENAS CONTEMPORANEAS

#### DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 7)

#### XXIII

#### Continuam as Explicações.

Pede-se ainda, como cousa possível, que os leitores admittam que o pae de Carlos era intimo amigo do de Ricardo, mas não d'estas intimas amizades dos rapazes de vinte annos, que se quebram por qualquer cousa! Não senhores! era uma amizade sincera e cordeal, provada por muitos obsequios e por muitos reconhecimentos reciprocos.

Ainda se pede que o leitor admitta que o pae de Carlos, tendo vivido pobre e apouquado, nunca fôra pedir dinheiro emprestado ao seu amigo, mesmo porque este não tinha para lh'o emprestar; mas que depois, dando-lhe a fortuna o movimento dos alcatruzes, isto é, subindo o sr. Cunha e Mello muitissimo e descendo bastante o sr. Manuel Pereira de Aboim, aquelle lhe abrija o seu coração e a sua bolsa, e lhe dissera que, visto ter seu filho em Coimbra e já no terceiro anno, era uma pena não levar a carreira ao fim, como estava para lhe acontecer por falta de meios; e que por isso elle se encarregava de lhe dar uma mezadita pequena, mas que assim mesmo servia; porque não tinha seu pae mais do que

\* C. L. Calvo.

junctar-lhe alguns productos das suas economias, para sustentar o rapaz decentemente em Coimbra. Assim o negociante Cunha e Mello dava nove mil e seiscentos réis ao filho do decaído procurador, que a esta quantia juntava apenas meia moeda por mez.

Manuel Pereira de Aboim, que estivera para fazer regressar seu filho aos lares patrios por não poder abonar a despeza das meçadas, recebeu tal offerta com os olhos humedecidos de lagrimas de reconhecimento; e Cunha e Mello, que era delicado nos seus offercimentos, respondeu-lhe, que não tinha nada que lhe agradecer, visto que elle ia tambem interessado na proposta que lhe fizera, porquanto, tencionando mandar seu filho para Coimbra no anno seguinte, desejava lá ter um bom veterano para o guiar nos seus primeiros passos universitarios.

Juncte-se a isto que o filho do negociante namorava a filha do procurador, e que, com licença de seu pae, a tinha já pedido. Este projectado casamento, a que Cunha e Mello annua só por ser amigo do seu amigo, e querer fazer a vontade a seu filho, em attenção ás bellas qualidades que na mana de Ricardo suppiam o logar de dote, dava direito ao rehabilitado negociante a olhar pelo andamento da fortuna da familia do procurador.

Ora Carlos sabia tudo isto perfeitamente, e por conseguinte muito delicado fóra, quando, ao censurar o seu amigo, pelo modo escandaloso por que dissipava o dinheiro de seu pae, lhe não lançou em rosto, que delapidava tambem e principalmente a fortuna d'elle.

O rapaz preferiria calar-se se podesse suspeitar que com aquella reprehensão humilhava o seu amigo, e deixaria ir as cousas como iam; mas Adelaide era amiga intima de sua futura, elle obedecia cegamente a esta, e esta fazia o que sua amiga lhe pedia; demais a irmã de Ricardo estava tambem escandalisada com seu irmão, não só por este não escrever a Adelaide, mas tambem por lhe não escrever a ella, e por isso o pobre Carlos fóra aguilhoado pela sua namorada e por Adelaide para reprehender... para corrigir o mal comportado estudante de Coimbra, que esquecia assim irmã e amante, de modo que elle por obediencia vinha resolvido a desempenhar a sua missão de mentor o mais acaloradamente que podesse!

Chegado que foi a Coimbra, e conhecendo a causa da ingratição de Ricardo para a sua amante, que elle estimava como irmã, e para

sua irmã que elle adorava como amante, tentou destruir logo o mal pela raiz, e fez o destemperado que se viu!...

Accresceu ainda ás terriveis instrucções recebidas das duas virgens respeitadas outras não menos terminantes de Manuel de Aboim, que, tendo-lhe já chegado aos ouvidos uns certos zuns-zuns, relativos ao mau modo de vida que seu filho estava levando em Coimbra, chamou Carlos á parte e disse-lhe que vigiasse pelo comportamento de seu filho, pois que a elle, como filho de seu protector, mais do que a ninguem cumpria tal mister.

Ora aqui tem agora os criticadores de agua doce!... não estão ainda satisfeitos?... Digam-me se pondo todas estas circumstancias do lado d'uma balança e o grau de bacharel do outro, para que lado penderá o fiel?...

À vista de tão grande superioridade não havia bachareis possiveis, e só se podia lançar em rosto ao terrivel plenipotenciario não ter apresentado as suas credenciaes, e não ter usado de mais diplomacia no desempenho da sua missão.....

Assim pois em santa paz e doce união, ao menos aparente, se fóram passando os dias dos dois amigos sem se fallar mais de Carlota. Esta vinha todos os dias ao anoitecer passar por de baixo das janellas de sua antiga casa, e todos os dias tinha o desgosto de não ver Ricardo, que, saindo com o seu caloíro, recolhia sempre alta noite. Depois entrou algumas vezes nesta casa com o pretexto de lhe trazer alguma cousa, que por engano levára na sua tróxa, num dia era uma toalha d'elle, no outro dia era uma escova... mas Ricardo, tanto era o medo do seu amigo e tão pouca a consciencia de propria força, que nunca se atreveu a falar-lhe!!!

Oito dias se tinham passado!—

Carlota estava sensivelmente mais magra.

(Continúa)

A. M. da Cunha Bellem.

Explicação do logogrifho do numero antecedente — *Panorama*.

#### ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE

Pag. 60, col. 1.ª, lin. 34, onde se lê — temporem, deve lêr-se — temperem.

Pag. 61, col. 2.ª, lin. 20, onde se lê — insulto, deve lêr-se — indulto.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 10

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 — DEZEMBRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.  
Com estampilha 270 .

## QUAL O FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR?

### INTRODUCCÃO

#### I

A ordem e harmonia do mundo moral e physico é a esphera da acção dos seres creados. Tendem estes por sua propria natureza ao exercicio de suas forças, e poderes, que, sendo convenientemente regularizados, produzem o espectáculo deslumbrante do justo e do bello.

Porém acima d'estes poderes existe a lei, d'onde dimanam, lei esta, que a razão conhece ser superior a si mesma e a todos os seres da criação.

Da exacta observancia d'estas regras, pela natureza dictadas, resulta a ordem universal.

A cada sêr é dado o cumprir certo fim, debaixo de certos e determinados preceitos, mantendo-se na justa esphera da acção, que lhes foi préviamente marcada.

Estes principios são evidentes, e, por sua propria natureza, os unicos que merecem a attenção do philosopho.

Nós, no estudo da natureza, não temos de occupar-nos senão de forças, poderes, facultades e leis. São estes a unica razão do ser d'aquellas, assim como o infinito o é do finito e contingente.

Que póderá, portanto, satisfazer o coração

e razão humana, se não fôr a lei, origem de todos os poderes?

Aonde se encontrará um principio determinante para os actos humanos, sem offender a sua dignidade, soberania e independencia, senão nas leis moraes, que participam da natureza do ser dos seres? Só assim a razão humana obedece com convicção e consciencia.

Só assim o homem se eleva do mundo sensivel ás elevadas regiões do infinito, em que, desprendido da rasteira condição de sêr material, contempla, attento e desassombrado, a origem e fim unico do seu sêr.

É difficil ao homem o attingir este fim, em virtude da sua duplicada natureza; porém não se póde em boa logica concluir, que todos os actos humanos não devem tender, quanto ser possa, a este resultado sublime. Em summa, a materia deve obedecer ao espirito, e esta ás leis, que pela natureza lhe foram impostas: leis que fazem objecto das sciencias moraes.

São, portanto, sciencias moraes as que versam sôbre as leis, que a natureza impoz ao homem, como origem e fim de todos os seus actos.

11

A razão distingue e classifica estes principios obrigatorios para as acções humanas, em preceitos moraes e juridicos. O homem, sêr harmonico por natureza, deve-o ser tam-

bem em seus actos, regulando-os e coordenando-os, de fórma que provenha a harmonia, em suas faculdades e productos. Para se conseguir este resultado, importa usar de cada uma das faculdades na esphera, que por sua natureza lhe é marcada, não exorbitando d'estas raias; d'outra sorte a confusão e desarmonia seriam consequencias inevitaveis.

A unidade do ser humano pede e exige a necessidade na variedade dos seus actos, para o que é necessario que estes vão ter em linha recta ao ser, d'onde provieram.

Toda a interferencia directa de qualquer das faculdades no dominio das outras é uma usurpação, uma verdadeira lesão, uma revolta do ser contra si mesmo.

Porém, no estado infantil da intelligencia humana, pede a razão, que não se conceda uma completa independencia e liberdade áquella ou áquellas faculdades, que não adquiriram ainda o poder de se dirigirem por si.

Esta tutella é reconhecida e garantida pela mesma razão; é a lei da natureza que assim o determina.

Depois, porém, de cada uma das faculdades tomar o desinvolvimento desejado, então devem-lhes ser concedidos os direitos de maioridade; d'outra sorte a tutella se convertia em escravidão. Em as faculdades attingindo este estado de emancipação, não ha razão alguma, por que possa exigir o auxilio, que anteriormente lhe era prestado; têm em si os meios para subsistir, e basta só applical-os. Seria mesmo uma offensa dos direitos de soberania o querer servir-se das outras faculdades, quando chegou a circumstancias de poder obrar por sua propria força. A faculdade protectora no primeiro caso deixa de estar obrigada no segundo; o motivo cessou, e portanto os seus efeitos; sómente o pôde fazer quando as suas circumstancias particulares o permittam.

A sociedade é o homem no maior desinvolvimento de suas faculdades, instinctos e sentimentos. A sua natureza, portanto, não pôde ser differente do individual.

O que deixamos dito em quanto ao exercicio das faculdades humanas, observa-se da mesma fórma no corpo social; tem este po-

deres juridicos e moraes, como cada uma das faculdades para com as outras.

É sempre um unico principio que dirige a sociedade em sua marcha, e que por sua propria natureza se applica de diversas maneiras, segundo as circumstancias sociaes.

Ora este principio moral determinando os deveres do homem para consigo mesmo, e os deveres para com os seus semelhantes, estabelece quaes d'estes deveres fazem objecto do direito, e os que pertencem á moral. Porém, qual o principio que os distingue? No seu resultado final, no seu ponto de união a distincção cessa; porém nos poderes que d'essas leis dimanam, a razão distingue não só a differença d'estas, mas d'aquelles.

Com effeito os homens sendo eguaes em natureza e poderes, têm o direito ao seu desinvolvimento e os proveitos, que d'aqui lhes resultam; não podem portanto haver direitos superiores aos de certa classe de individuos; todos tendo em si forças sufficientes para o proseguimento do seu fim, não ha razão porque se não respeite a propriedade individual.

Porém acontecem circumstancias, em que nem todo o cidadão possui os elementos sufficientes para o cumprimento do seu destino; neste caso os direitos de propriedade devem ser um pouco afrouxados em attenção aos direitos individuaes, e a que a propriedade é um meio para o cumprimento dos deveres; e o socorrer em certas circumstancias a humanidade é tão imperioso, tão manifesto, que não ha poder juridico, que lhe possa obstar.

A distincção do direito e da moral é muito complicada em virtude da diversidade e força das leis moraes, segundo as circumstancias que acompanham os factos.

Comtudo podemos dizer que a lei juridica determina o poder que o homem tem de dispôr da sua pessoa e bens, em relação a terceiros, e os serviços, que lhes é obrigado a prestar, quando visivelmente apparecem d'um lado meios superabundantes, e do outro imperiosas necessidades.

A ordem social pede que estes deveres não fiquem ao arbitrio de cada cidadão, mas que sejam em ultima instancia executados por in-

tervenção da força, e pela applicação d'uma pena.

III

Factos e leis são o objecto das sciencias moraes; e sua analyse profunda o problema que têm a resolver.

Aonde, portanto, procurar a origem, a fonte d'onde provém o direito de punir? Será nos factos ou nas leis? No ser contingente e finito, ou no ser immutavel e infinito? O homem dever-se-ha sujeitar ao mesmo homem, ás suas vantagens, interesses, ou a um principio superior a si mesmo, a um principio divino? A resposta é facil a nosso ver. Não ha poder algum que obrigue o homem a dirigir-se de certa forma, senão o poder divino, ou as suas leis que o representam.

O homem não pôde curvar-se a seus semelhantes, e muito menos aos seres de inferior condição, mas sómente a Deus; só este manda e permite, e os demais obedecem.

Perguntar, portanto, a origem d'onde dimana o direito de punir, é perguntar se ha alguma lei que mude tal poder.

O direito de punir não está, ou não deve estar sujeito aos caprichos dos governantes; pelo contrário, desde os primeiros tempos se tem reconhecido este direito; e portanto não foi invenção filha de mera vontade d'este ou d'aquelle governo, d'este ou d'aquelle povo; mas sim um facto de todos os tempos e lugares. Deve haver, portanto, algum principio immutavel que presida a esta variedade de circumstancias sociaes, que as domine com sua força, e dirija com seu poder: este principio é a justiça absoluta de Kant.

## FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

### Theoria de Kant

L'idée seule d'un constitution civile parmi les hommes implique déjà le concept d'une justice pénale, appartenant à la puissance suprême.

KANT. *Remarques explicatives*, pag. 218.

A theoria de Kant, apesar do avultado numero de adversarios de suas doutrinas, pare-

ce-nos ser a unica que satisfactoriamente resolve o problema do fundamento do direito de punir. Kant rejeita, e com razão, as conveniencias, interesses, vantagens, e outras tantas palavras vãs, para fundamentar a penalidade; admite sómente a lei moral, ou antes a lei juridica, por base do seu systema. Com effeito poder-se-ha dizer ao criminoso: sujeito-te a esta pena, porque assim convém á sociedade, os seus interesses a reclamam? Não haveria 'nesta sentença uma degradação á natureza humana?

Porém, se em lugar de se recorrer a este vil paralogismo, a sociedade disser: condemn-te porque a justiça assim o manda, a lei que a todos é superior, a lei divina, pede e exige que soffram esta pena; entendemos que se se lançar mão d'este raciocinio, o réo, submisso e contrito, sujeitar-se-ha á pena infligida. É da natureza das cousas, é a lei da humanidade, é a lei de todos os seres, ainda dos mais inferiores, o ser orgulhoso; sómente se abaixa, quando a superioridade impéra.

O homem de sentimentos e dignidade, o verdadeiro homem só ajoelha perante Deus; se assim não obra, é porque a hipocrisia, a ignorancia e a pusillanimidade, substitue os sentimentos de honra e independencia. O homem é independente e livre; só ao ser supremo obedece. Kant assim o entende, e a sua theoria 'nestes principios se baseia.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

O Discurso, que a baixo publicámos foi-nos remettido pelo nosso amigo Santa-Clara para lhe dar-mos cabida nas columnas d'este jornal, o que fazemos com satisfação. Foi recitado pelo sr. França Bettencourt perante o Instituto de Coimbra, reunido em sessão pública, no dia 24 do corrente, cumprindo assim o que dispõe o artigo 51, § 1.º do Reg. — Eis:

Agradeço ao Instituto a honra da minha admissão para socio; e protesto empenhar minhas fracas forças para satisfazer o compromisso que esta sociedade impõe.

Sr. Presidente, a honra de ser membro do Instituto exige de mim grandes sacrificios, e um d'elles é ter de levantar a voz diante de pessoas tão illustradas, como as que aqui se acham; porém sendo a missão do Instituto

promover o incremento das artes e das sciencias, seu sacerdocio é tão nobre e importante, que vale bem a pena de todo o sacrificio que por elle se faça.

As artes e as sciencias (aquellas, porque principalmente utilisam e deleitam; estas, por que engrandecem o dominio da alma) ambas são as unicas condições que mais concorrem para a nossa felicidade.

Na verdade as artes, quer investiguem no mundo exterior o que se pôde converter em utilidade, quer imprimam na materia força intelligente com o fim de representar ou realisar o ideal, são de natureza taes, que seus productos não só attestam a victoria do homem, alcançada contra a fatalidade com que o mundo exterior nos ameaça destruir; mas preparam toda a sorte de commodidades e gozos razoaveis, que podemos alcançar 'neste estado de miserias.

E se as artes procuram o nosso bem estar nas suas relações para com o mundo da materia, as sciencias nol-o asseguram em relação para com uma ordem de cousas superior, onde têm seu complemento todas as grandes aspirações.

Por quanto, desejando o homem o socêgo de sua consciencia e as doçuras e vantagens, que lhe fornece a sociedade, é então que a sciencia lhe offerece os principios ethicos e psychicos, com que é dada a paz á consciencia; são destruidos os antagonismos sociaes e é restabelecida a ordem e harmonia entre o individuo e a familia, a familia e a nação, a nação e a humanidade.

Rodeados de innumeraveis e mysteriosos phenomenos, com que a natureza continuamente nos provoca a curiosidade cognosctiva temos o insaciavel desejo de perscrutar todas as cousas; e a sciencia pelo methodo physico nos descobre maravilhosos segredos.

A alma, tendo de sua natureza uma força de dilatação intellectual, acha-se encerrada e opprimida em limites demasiado estreitos, como é o corpo humano; e a sciencia pelas fórmulas mathematicas lhe satisfaz esta tendencia, porque resumindo o tempo, e abrindo aos olhos da intelligencia um espaço indefinido lhe dá a representação do universo.

O homem sente emfim no *eu* e no *não eu* uma força viva, sempre intelligente, sempre poderosissima, a qual derrama luz na consciencia a belleza no mundo physico e moral, opéra em toda a parte, convidando-nos por sua gloria exterior a gozos sem fim; e a sciencia

theologica, pelos principios, de que dispõe, lhe indica os meios de satisfazer o fim celestial.

Taes são algumas das nobres aspirações, cuja satisfação está na sciencia, que, abrindo para nós o mundo das realidades, e dando-nos a intuição pura da verdade, produz em nós esse entusiasmo scientifico, que obrigou Kepler a curvar-se respeitoso em face do infinito.

Senhores, eis ahí a missão das artes e das sciencias, cujo incremento o Instituto promove; se essa missão é grande e nobre; se é honrosa e merece vossos cuidados, ainda á custa de sacrificios, dizei-o vós, porque eu, julgando-me feliz com a realidade d'esta honra, só me resta acabar por onde comecei, repetindo o meu reconhecimento pelas memorandas palavras do Epico Romano:

Dum memor ipse mei, dum spiritus hos reget artus,  
Sempre honos nomenque tuum laudesque manebunt.

Antonio João de França Bettencourt.

## LYRIO DO VALLE

'Num valle assim flor mimosa

Quem já mais no mundo achou?

Lindo lyrio côr de rosa,

Que abre só quando en lá vou!

Que sympathica florinha!

Se visseis como sósinha

A pobre vive e feliz!

Vive sósinha e contente

Passando vida innocente,

Ou máguas nehumas sente,

Ou, se as sente, não m'as diz.

Segunda-feira, ao sol posto,

Que me ha de á ideia vir?

Il-a vêr; e tive o gosto

De a encontrar a dormir.

Tinha as petalas unidas

E 'numa fenda escondidas,

Que alli mesmo a rocha tem:

—Dormes? digo: das-me um beijo?

Dormes? dormes?—Quando a vejo

Abrindo... abrindo... e com pejo

Suspirar «tu... mais, ninguem!»

João de Deus.

Tendo sido mimoseados com a poesia, que abaixo publicámos, cumpre-nos consignar aqui nosso sincero agradecimento ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. A. P. Zagallo. As columnas da *Estrea* devem parte de seu brilho á preciosa penna de Sua Ex.<sup>a</sup>, que cuidadoso, a despeito de sua idade avançada e trabalhos clinicos, jámais esqueceu auxiliar-nos e alentar nosso proposito.

## A DÚVIDA

Para do homem	De Tito assumes
Fazer-se ideia,	O nome ás vezes,
Qualquer estudo	Quando a virtude
Futil se creia.	Acólhas, prézes.
Seu organismo	Ora Epicuro,
Tão complicado,	Ora Platão,
Mysterio envolve	Prendem, seduzem
Não decifrado.	Tua razão.
Do ser moral	Ora nas graças
Cogitaremos,	De Cytheréa
Quando seu órgão	Lanças tua alma
Mal conhecemos?	De fogo cheia.
Por modos mil	Ora te elevam
Extravagantes,	Iras de Marte,
Decentes, graves,	Que vão de louros
Ou petulantes;	Engrinaldar-te.
Por longa serie	Do vicio infame
De anomalias,	Nos lodações,
De contrasensos,	Oh! quantas vezes
De phantasias;	De rójo caes!
Se manifesta	Se me afadigo
O sêr moral,	Por conhecer-te,
Propenso sempre	Por fim desisto
A julgar mal.	De comprehender-te.
Não te comprehendo,	És um abysmo
Homem variavel,	Vasto e profundo;
Ora piedoso,	Oh! quem te sonde,
Ora implacavel.	Não ha no mundo!
Livre te chamas,	Nada consegue
Bruto, ou Catão,	Minha fraqueza;
Ou és sectario	Nisto é culpada.
Da escravidão.	A natureza.
Quando a vingança	Tu, que és materia,
Teus passos guia,	E intelligencia,
De Nero arrogas	Enche os destinos
A tyrannia.	Da Providencia.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

## A INFANCIA

Da vida aurora, da pureza idade,  
Quadra de graças, de candura acervo,  
Risonha infancia, estação sympathica,  
Eu te saúdo!

Teus lindos sonhos, teu scismar insonte,  
São sempre puros, como é pura a mente  
Que d'este mundo não conhece os males,  
Nem os practica.

Cuidado todo, que te prende essa alma,  
É do teu corpo redobrar as forças,  
Sugando a vida nos maternos peitos  
Fontes de nectar.

Tu mil caricias, com singelo riso,  
Ternas meiguices, com teu rosto alegre,  
Fazes á mãe, que, com seu leite e beijos,  
Te vae nutrindo.

Qual mariposa, tu, se a luz divisas,  
Logo a pupilla de teus lindos olhos  
Volvendô a ella, mui attenta admiras  
Os seus fulgores.

Depois, c'os braços acenando, anheias  
À luz chegar, e, com as mãos mimosas,  
Esse attractivo, que te enleva tanto,  
Cerrar presumes.

Mysterio occulto 'nesse olhar se encerra!  
Talvez que seja porque ao céu as luzes  
A chamma elevam e tua alma candida  
Ao céu aspira?

Talvez que seja...! porque tu, infancia,  
Na terra habitas, mas ao céu pertences:  
Ditosos anjos os que em ti a vida  
Terrestre acabam!

Oh! quem me déra, encantadora idade,  
A ti voltar, e de innocencia a posse  
Gozar, sómente por ligeiro espaço,  
E morrer logo!...

Elvas

M. J. Pires.

## FRAGMENTO

..... E a meiga virgem  
Com mimo angelical a mão lhe estende.  
O mancebo tomou-a, e duas lagrimas,  
Que, do peito arrancadas, breve instante  
Nos olhos lhe bailaram, lentamente  
Foram 'nella cahir amargas, tristes.  
Depois... como se os labios se abrassem  
Ao passar das palavras, que dizia,  
Responde em voz sumida á moça absorta:

«Não posso amar-te! Regelado, inerte,  
Meu seio, outr'ora tão ardente está.  
Não posso amar-te! O coração não pulsa,  
Não tem d'amor um sentimento já.

Não posso amar-te!—Ao despontar da vida,  
Sentindo o mundo para mim sorrir,  
Traição maldita me cravou no peito  
O agudo espinho d'um atroz pungir.

Amei, donzella!—e a mulher, que amava,  
Jurou-me—falsa—que era minha só...  
Jurou... mentiu-me! que d'amor as creanças  
A uma e uma me desfez sem dó.

E eu fui nos braços das mais vís mulheres  
Pesado somno para a dôr buscar;  
Tentei ás trevas do profundo olvido  
A imagem sua para sempre dar.

Deu-me a impudencia enganadora taça,  
Onde eu corri com avidez beber...  
Bebi... bebi... e trasbordou-me o seio  
Co'o phyltro amargo de venal prazer...

Mas vejo-a sempre! Que a memoria nossa  
É dom, que Deus em seu furor mandou;  
Talvez creada nas celestes varzeas,  
No mais impuro tremedal rolou...

Passou-se o tempo—e da paixão calcada  
O intenso fogo se extinguiu por fim;  
Porém, morrendo, calcinou-me o seio,  
Que o amor não pôde germinar em mim.

Inda por outras encontrei dispersos  
Vagos reflexos do primeiro amor;  
Mas ténues, frouxos, similhando restos  
Mal apagados de um antigo ardor.

Porém, amar como n'outr'ora amára,  
De certo, virgem, nunca mais verás...  
Primeiro á vida voltaria o morto,  
Florira a planta, que sem viço jaz!

E é agora, oh anjo, que offertar-me vinhas  
Teu casto amor; a tua ardente fé!  
É tarde! É tarde! — As illusões murcharam,  
Nem uma esp'rança conservei de pé!

É tarde! É tarde! — Já não posso amar-te!  
Não posso as tuas affeições pagar!  
Não posso á tua entrelaçar minh'alma,  
Não tenho em troca um coração p'ra dar!

Oh! vai-te! vai-te! que teu peito amante  
Merece um peito com equal paixão...  
O meu é morto! — As decepções gelaram-n'o!  
Não posso amar-te, linda virgem, não!...

Eugenio de Barros.

## DA FELICIDADE\*

Adduzimos superabundantes exemplos da instabilidade da fortuna; de seu favor constante escasseiam as provas: d'aqui depreheende-se que pródiga, por inclinação, na distribuição dos males, sua mão, raras vezes, sabe doar venturas. Encarregando-se, porém, de esquecer sua malignidade em prol d'um válido, accumulou bens, sôbre bens magníficos, duradouros.

1.º Assim vejâmos por que serie de beneficios, não interrompida desde o primeiro até ao ultimo dias da vida, se elevára Q. Metello ao apogeu da prosperidade. Quiz a fortuna dar-lhe nascimento na primeira cidade do mundo; sortear-lhe paes de origem nobilissima; ás eximias qualidades de seu espirito associar forças corporaes, que o fortalecessem nos trabalhos e fadigas; unir-lhe uma esposa, cujo nome nobilitaram a virtude e fecundidade; liberalisou-lhe a honra do consulado, o poder de general, e a pretexto de triumpho mais luzido; permittiu-lhe ver, na mesma conjunctura, tres filhos consulares, e ajuda elevados um á gloria de censor e do triumpho, o quarto á pretoria; dar em casamento suas tres filhas e cerrar sôbre seu seio uma feliz descendencia. Tantos nascimentos, berços e togas viris; tantos fachos nupciaes; tantas dignidades e commandos, e finalmente o verdadeiro motivo e talisman de congratulação! Entretanto nenhuma morte, nenhum gemido e causa de tristeza. Elevae o pensamento á morada dos deuzes, e não vos será facil achar ahí equal felicidade, pois os melhores poetas

\* Tradução litteral das obras de Valerio Maximo.

assignam-lhes no peito o amargo das penas e da afflicção. A esta feliz vida correspondeu o fim, porque Metello, já de extrema velhice, docemente morre sob os osculos e entre os braços de seus dilectos parentes; seus filhos e genros, levando pelo interior de Roma o feretro sobre seus proprios hombros, deram-lhe descanso eterno na pyra.

2.º Eis uma felicidade illustre; referirei outra, mais obscura, mas preferida pelo voto d'um Deus. Quando Gyges, que occupava altivo o throno da Lydia, imperio rico e poderoso, foi consultar Apollo Pythio para saber se existia sobre a terra algum mortal mais feliz; o Deus, respondendo-lhe do escuro fundo do santuario, designou-lhe Aglao de Psóphis. Nenhum Arcade o excedia em pobreza; e, não obstante sua avançada idade, já mais ultrapassára as raias do seu pequeno campo, vivendo contente entre as produções e prazeres d'este estreito dominio! Apollo, neste sabio e sagaz oraculo, fez a pintura fiel d'uma vida bem-aventurada; e porisso accrescentou a Gyges, que ostentava insolente o brilho de sua fortuna «Estimo antes um tugurio, pois aqui a segurança traduz seu riso, do que o palacio, onde tumultuam os cuidados e os remorsos; prefiro escassas glebas, cultivadas sem perigo, ás fertéis campinas da Lydia, cuja posse concentra as inquietações; uma ou duas juntas de bois, e de facil guarda, aos exercitós, armas e cavallaria, cujas despezas e sustento devastam os paizes do seu theatro; a simples provisão de cousas necessárias á vida, e exemptas da inveja, aos thesouros, incessantemente expostos ao insidioso ardid da cubice.» Assim Gyges, quando esperava que o Deus partilhasse sua vã opinião, soube em que logar residia a felicidade solida e pura.

(Conclúe) F. P. Santa-Clara.

## NOTICIA SÓBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do numero 5)

### VII

#### Principios dos successos de Gil Fernandes, o Bom, ou Gil Navalha

Depois da morte de D. Pedro I subiu ao throno seu filho D. Fernando, o Remisso; e no seu reinado entraram as guerras em Portugal. Era então Elvas governada por Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, e neto de Gil

Laurenço. Este Gil Fernandes, saindo a seu avô nas condições e ardileza, fez muitos e bons feitos. Sendo ainda moço e sem tactica alguma militar, reuniu, entre parentes e amigos, settenta homens de armas, e quarenta de pé; e, penetrando em Castella, apprehendeu grande porção de Castelhanos e gados, que, valorosa e ardeiramente introduziu em Portugal. A tradição affirma que a razão por que Gil Fernandes fizera esta tão arriscada entrada em Castella, foi porque os Castelhanos tinham levado do termo d'Elvas quantidade de gados, de que succedeu não poderem, porisso, os lavradores cultivar as terras.

Logo que Gil Fernandes chegou com a sua tão grande presa, mandou chamar os layradores a quem os Castelhanos haviam roubado o gado; e lh'o deu em duplo.

Condemnando alguns a sua liberalidade, defendeu-se, dizendo: «Eu não sou capitão para me aproveitar das presas que faço; mas sim para indemnisar e defender o meu povo; se a presa não é bastante, em Castella ha ainda gados, e em mim brio para os ir buscar.» Por esta e outras famosas acções adquiriu o epitheto de *Bom*.

Sobre estes primeiros successos vejam-se as chronicas d'el-rei D. João I, aonde tractam d'este valoroso capitão, que, por estar já escripto, por brevidade omitimos, deixando de referir n'este capitulo outras façanhas, por querer seguir a ordem chronologica.

(Continúa) M. J. Pires

## PORTUGAL E A CASA DE BRAGANÇA

Sob este titulo acaba de publicar-se em Paris um livro da maior utilidade para todos os portuguezes, devido ao zelo e intelligencia do nosso patricio o Sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

É o 1.º volume das — *Contemporaneos Portuguezes, Hespanhoes e Brasileiros*.

Esta valiosa obra escripta, com a mestria d'um classico, no idioma francez, que tende cada vez mais e que virá talvez um dia a realisar o bello sonho de muitos philosophos, a *linguagem universal*, va percorrer os dois mundas, e collocar-nos na altura, d'onde infundadas noticias e informações superfluas e erroneas nos tinham deposto; e do que infelizmente resultou a desconsideração de Portugal perante a Europa.

Tal é o serviço que o Sr. Teixeira de Vasconcellos presta ao seu paiz com a publicação do — *Portugal e a Casa de Bragança*.

Neste livro, á maior veracidade historica, que revella boa cópia de conhecimentos archiologicos da parte do seu auctor, allia-se naturalmente um estylo facil, meliúo e aprazivel que nos attráe irresistivelmente e faz com que aquelle que começa a lér a sua primeira página, vá por diante e a custo o deixe. A este respeito a *Opinion Nationale*, jornal de Paris, assim se expressa: «A sociedade Iberica acaba de publicar o *Portugal e a Casa de Bragança*... escripto em francez pelo Sr. Teixeira de Vasconcellos, membro do Congresso estatístico de Paris, em 1855. É uma obra importante a todos os respeito, e de tanta utilidade para o estadista, como indispensavel aos capitalistas, aos banqueiros, aos industriaes e aos negociantes. Os litteratos encontrarão alli um bom numero de páginas, que directamente lhes interessam. O auctor já em 1844 era notado, pela *Revue des Deux Mondes*, como um dos mais notaveis publicistas de Portugal.»

Ao que acrescenta o *Sicde*: «Com o titulo de *Portugal e a Casa de Bragança*, um escriptor estrangeiro, que maneja a lingua franceza como os discipulos de Mr. Cousin, acaba de publicar um volume muito interessante. O sr. Teixeira de Vasconcellos pede modestamente no seu prefacio a indulgencia dos leitores, mas não tem precisão d'ella: o lisongeiro acolhimento feito pelos jornaes europeus já lh'o tem demonstrado.»

Ha poucos dias escrevia o *Jornal do Commercio*: «Das melhores auctoridades e das melhores fontes colligiu o auctor tudo o que respeitava á historia nas suas diferentes expressões, mostrando-se superiormente entendido e instruido da indole e caracter das nossas antigas instituições, e não menos versado em muitas particularidades verdadeiramente locais.»

Quando a imprensa nacional e estrangeira engrinalda o — *Portugal e a Casa de Bragança*, com seus justos e bem merecidos encomios, não nos pareceu fóra de proposito recommendal-o aos leitores da *Estreia*, a esta geração nova em edade, talentos e rica de aspirações grandiosas, que cresce e avulta cada vez mais á sombra da veneranda universidade de D. Diniz, onde vem colher, com o cuidado proprio de homens livres destinados ao serviço da patria, os thesouros que irá depois com mão larga, generosa e salutar, espargir na sociedade, lançando todos e cada um, como o ho-

mem do Evangelho, a sua pedra no monumental edificio da civilisação.

Para ella é este livro do mais palpitante interesse. Desgraçadamente, custa a dizel-o, mas é verdade — sabemos muito mais dos paizes estrangeiros do que do nosso. Esta falta é consideravel: o *Portugal e a Casa de Bragança* vem em boa parte suppril-a. É lel-o e medital-o.

Por ultimo transcrevemos as bellas expressões do illustre escriptor sobre o futuro de Portugal. — «L'avenir du Portugal ne dépendra que de lui-même. En dehors de la voie que lui est assignée par sa position géographique et par ses ressources, il ne trouvera que le malheur, la décadence, et l'impossibilité de se mettre à la hauteur des premières nations par le développement de la civilisation, et au niveau des puissances de son rang par sa force réelle et spéciale. Une fois parvenu à ce degré de renouvellement, d'autres horizons plus vastes lui seront ouverts, et Dieu sait jusqu'à quel point pourront s'élever sa prospérité et son influence raisonnable dans les conseils de l'Europe.»

São estas tambem as nossas ideias.

Novembro — 1859

M.

### CHARADAS

Sou arbusto prestadio	} 2
E até medicinal;	
O limpar é meu effeito	
Sem produzir algum mal.	} 2
Seja boa ou seja má,	
Sé 'nam perigo s'estiver	
'Nella busca salvação	
Quem ás costas muito quer.	

Região da zona torrida

Por seus rios conhecida;

A côr negra é a dos indigenas,

Lei de Mafoma a seguida.

É de páu, — 2

Agua é; — 2

Tambem canta

O *libera me*.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 11

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
B. Albuquerque e Amaral

Vol. II

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Covello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — JANEIRO — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 .

## FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

Theoria de Kant

(Continuado do numero 10)

Primeiramente a justiça de Kant é appellada pelos seus adversarios de justiça absoluta. Vejâmos o que significam estas palavras.

São de opinião os escriptores adversos á sua theoria, que Kant entende pela palavra justiça, os principios ou leis moraes em si, no ideal da razão, sem attender ás conveniencias, vantagens e fins sociaes; e porisso appellidam estes principios de absolutos, isto é, principios que não se ligam ás circumstancias particulares da sociedade, principios abstractos.

Com sinceridade e sem animo offensivo aos grandes escriptores, que assim pensam, dizemos que é falsa tal interpretação.

Kant escreveu um livro de philosophia de direito, e porisso não tinha logar o occupar-se das suppostas *modificações* aos principios em si verdadeiros. Apesar d'isto admitte<sup>1</sup> o direito estricto e o direito largo, ou de equidade, e o direito de necessidade; porque, diz elle: — *La necessité n'a pas de loi. Ha outros logares*<sup>2</sup> em que desmente os seus adversarios.

O que Kant quiz foi fundamentar o direito de punir, na lei juridica, e não nas circumstancias em que ella se applica, que se podem considerar como causa occasional para a applicação das mesmas leis, mas nunca como ori-

gem de direitos. As leis juridicas são diversas, ainda que na sua origem se unam e confundam na mesma natureza, e porisso applicam-se segundo o estado da sociedade o pedir. Mas não se queira d'aqui deduzir, que o estado particular é a origem do direito; a fonte é a lei, em todos os casos que se appresentem. Eis o que Kant entende e expõe.

Portanto, se pela palavra justiça *absoluta* se quer entender a justiça desligada das circumstancias, applicavel a todas e quaesquer; dizemos, tal interpretação é destituida de fundamento.

Kant, vivendo n'uma epocha, em que o sensualismo inglez tinha tantos proselytos, fez um serviço irremuneravel, elevando a philosophia até á Divindade; para d'aqui descer com segurança até ao homem. Não se contentou com as simples impressões dos sentidos, deu um vôo mais alto, aonde se pode firmar, para d'ahi combater os desvarios da sua epocha.

Que ponto de apoio mais solido, que o mesmo Deus, ou as suas leis, que o representam?

Porém, é um mal, sem ser *pena*, que acompanha quasi sempre os grandes genios, que dão um passo mais largo, que a sociedade em que vivem, o serem despresados, e de resuscitarem sómente, depois que a sociedade, reflectindo mais de pensamento, conhecer o mal, que fizeram, e o bem, que despresaram. Esta ultima sorte esperam as doutrinas de Kant emquanto ao fundamento do direito de punir.

Quasi todos os escriptores refutam sua theoria; e nós, apesar de faltos de recursos, não deixaremos de pugnar pela verdade, de que intimamente estamos convencidos.

<sup>1</sup> Appendice á introduccão da doutrina do direito: pag. 49 e 51.

<sup>2</sup> Idem, pag. 203. Si pourtant, etc.

Diz-se que a theoria de Kant vai restaurar o tremendo tribunal da inquisição, e confundir a justiça divina com a humana.

Uns censuram a Kant por dar ao direito uma esphera muito larga, entre os quaes podemos citar Belime e o sr. Ferrer; outros, porém, dizem o contrário, que a esphera juridica vem resumir-se na esphera da moral!

O que d'esta contradicção se conclúe, é que a theoria de Kant, sendo o meio termo 'nestas duas opiniões exclusivas, é a unica verdadeira.

Diz Kant que os projectos e vicios mais criminosos não estão na esphera do direito, emquanto elles se não manifestam por actos nocivos á sociedade; e que os homens só podem limitar sua liberdade, emquanto se attenta contra a sua. Como poderemos acceitar a opinião dos que affirmam, que pela theoria de Kant se podem condemnar os actos internos, que ainda não se revestiram da exterioridade, quando expressamente diz o contrário?

A nosso vêr, a confusão provém da interpretação, que se pretende dar ás seguintes palavras que este escriptor escreve a paginas 188.

«Sa peine ne peut jamais être durété simplement comme un moyen d'arriver à un bien, soit au profit du criminel lui-même, soit au profit de la société civile, on ne doit jamais la lui appliquer que parce qu'il si est rendu coupable.» Concluem d'este bello pensamento, que, se é permittido punir-se porque o individuo se tornou culpado, ou commetteu um mal: da mesma sorte é culpado e commette um mal o que não cumpre os deveres puramente moraes, e portanto merecedor d'uma pena. Em primeiro lugar confunde-se a origem ou fundamento do direito de punir com a razão da pena; Kant falla do motivo do direito de punir sómente. De mais o motivo, por que a sociedade pune, não deve ser a offensa feita á lei moral, ou antes lei juridica?

O argumento adduzido péca por confundir-se o mal juridico, o que Kant distingue perfeitamente, como já notámos.

Entendemos que se deve punir porque se commetteu o mal, offendendo-se a lei juridica; não se pune (como Kant admitte), todo o acto malevolo, mas sómente os actos externos violadores da ordem juridica. Quem applicar uma pena, porque assim convém, ou interessa á sociedade, converte o homem em meio para os fins dos outros, e viola a soberania humana. Em summa, o homem só póde obrar, e ser obrigado por um principio ou lei a si superior, tudo o mais não é sufficiente

para determinar os actos humanos; portanto, o motivo por que se castiga o criminoso não póde ser outro, além da offensa a esse principio ou lei.

Admira-nos que, sendo a theoria de Kant tão explicita a este respeito, tenha tantos adversarios.

Kant não diz que o delicto seja toda a violação de ordem moral, mas sim da ordem juridica.

Se alguma censura merece Kant é em ser exterior em excesso. Diz-se mais, que por esta theoria se mostra, que a violação da justiça é um mal, mas não que haja porisso direito de punir.

Se o mal, como acabámos de mostrar, é um mal juridico, as penas, para irem em harmonia com o delicto, devem ser tambem juridicas; isto é, devem ser taes que desfaçam completamente, ou o mais que fór possivel, o mal causado.

'Neste argumento equipara-se o mal moral interno ao mal juridico externo; o que, como dissemos, Kant distingue, e os interpretes confundem.

Finalmente, argumenta-se que a theoria d'este escriptor é falsa, porque chegou a consequencias absurdas.

Respondemos, que por as consequencias serem falsas, não se deve concluir que o sejam os principios; quanto mais que é questão se se devem ou não admittir algumas das consequencias que elle deduz.

Se nos tivéssemos de decidir pela auctoridade, estamos em dúvida, qual opinião seguiriamos; como, porém, a questão é de direito e não de facto, porisso damos mais peso aos argumentos, que ás auctoridades, não deixando de reconhecer que a par dos defeitos das theorias contrárias, ha algumas verdades que devemos aproveitar.

(Conclúe) B. d'Albuquerque e Amaral.

## DIFFERENTES THEORIAS SOBRE O FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

«Toutes les théories du droit de punir, tel qu'il est exercé par la société, peuvent se ranger sous deux chefs; celles qui remontent à une principe moral, celles qui ont pour base unique un fait, un intérêt matériel; ou d'autres termes, les unes remontent au juste, les autres s'arrêtent á l'utile; les unes sont filles

du spiritualisme, les autres du matérialisme. Rossi, *Traité du Droit pénal.*»

Attenta esta classificação, qual das duas theorias, qual dos dois principios deveremos adoptar? O materialismo ou espiritalismo?

Ao espirito compete mandar, e á materia obedecer. Só assim teremos a harmonia humana e universal.

Na classe das theorias do primeiro genero, costumam os escriptores collocar a da defesa directa e indirecta. Nós, porém, não somos d'este parecer, porisso que uma cousa é a indagação da origem do direito de punir, e outra é a pessoa ou pessoas d'onde dimana o mesmo direito.

Estabelecido o principio de que o direito de punir existe, a questão de saber a quem elle pertence é puramente do direito publico, e não do direito penal. Demais as theorias da defesa directa e indirecta são ociosas, sem applicação alguma, apenas apropriadas para entreter os espiritos d'outras épochas, mas que hoje devem ceder o campo ás altas questões de philosophia, cujo objecto é real e verdadeiro.

Hoje ninguem contesta que o direito de punir é legitimo, e que a ninguem mais pôde pertencer senão ao Estado, e que sómente em casos excepcionaes se pôde recorrer ao direito de defesa individual. Para que, portanto, indagar se este direito de punir é o mesmo que o de defesa; se aquelle em virtude do estado social, unico estado humano, é differente d'este?

A sociedade distingue estes dois direitos; e como não temos de recuar para esse estado de barbarismo d'outras épochas, antes a união social tende a tornar-se mais vigorosa, é inutil e prejudicial o gastar tempo com theorias vãs.

O sensualismo, ou a utilidade como principio e fim de nossos actos, foi vivamente defendida por Aristoteles e Epicuro, na antiguidade; e por Thomaz Hobbes e Bentham na idade moderna; está hoje, porém, completamente derrotada pelo espiritalismo. Apesar d'isto ainda apparecem vestigios da antiga escravidão, que só a acção do tempo poderá extinguir. Muito podem os costumes inveterados!

Pretendem ainda alguns que a utilidade bem entendida pôde considerar-se não só como o fundamento do direito de punir, mas até de todos os nossos actos!!!

Este modo de pensar é mais terrivel para a humanidade, do que a theoria de Bentham e Hobbes. Para estes sim, para estes os raios do vaticano. Só assim poderão mudar de sua marcha impolitica e irreligiosa.

Hobbes e seus correligionarios sujeitavam todas as nossas acções ao cumprimento de nossos desejos, e de nossa vontade, ainda a mais desregrada; porém aquelles com a ajustada capa da religião e da lei fazem converter, não o homem, como estes, mas sim as leis moraes e a religião para sua utilidade!

A differença que existe, é que estes são desprovidos da habilidade sufficiente para poderem calcular até que ponto devem satisfazer seus appetites e necessidades; e aquelles mais experimentados em artimanhas pensam, antes de emprehender.

O homem é um sêr finito, que desaparece perante Deus, ou as suas leis, que o representam. Como, portanto, fazer servir o infinito, a Deus, para o cumprimento de nossos fins finitos?!

Se os philosophos apregoam em voz alta, que o homem não se pôde servir dos seus semelhantes, como condições para seus fins; porque assim se destroe a dignidade humana: por que motivo, com que fundamento servirem-se de Deus para alcançarem vantagens e utilidades?! Fallecem-nos expressões para desenharmos bem ao vivo esta theoria de hypocritas e fementidos; porisso deixemos fallar o philosopho dos philosophos.

«Le concept du devoir, dans toute sa pureté, n'est pas seulement, sans comparaison aucune, plus simple, plus claire, plus saisissable et plus naturel pour chacun dans l'usage pratique que tout le motif tiré du bonheur; mais au jugement même de la raison la plus vulgaire, s'il se présente à elle dégagé de tout mobile intéressé, si même il lutte devant la volonté de l'homme contre quelque mobile de ce genre, il est beaucoup plus puissant, plus insinuant, et promet plus de succès». — KANT — Des rapports de la théorie et de la pratique.

B. d'Albuquerque e Amaral.

#### QUAL A DIFFERENÇA ENTRE O DIREITO CIVIL E PENAL?

A unidade das leis moraes é o fundamento e o criterio da moralidade ou immoralidade, e da justiça ou injustiça das differentes leis humanas; a unidade do Creator o prova e evidencia.

As differentes applicações do mesmo principio juridico, segundo as relações e circumstancias sociaes, e a limitação da nossa intelligencia, que não pôde proseguir em racion-

nios mui complicados; exigem a separação e distincções do mesmo principio segundo a diversidade de sua applicação.

Attendendo a isto, divide-se o direito em público, administrativo, civil e commercial, Pertencerá o direito penal a alguma d'estas classificações? O direito penal tem uma natureza propria e distincta de todos estes direitos; é a egide sob que todos se soccorrem; mas que porisso não deixa de ser differente de cada um d'elles, como o tutor, apesar de sua união com o tutelado, formando uma só pessoa, conserva um character proprio e privativo.

Não o fazemos, por consequencia, pertencer nem ao direito público, nem particular; porém, em caso extremo, não seguiríamos o sr. A. Teixeira de Freitas, que faz pertencer o direito penal ao direito civil!

A harmonia das leis juridicas é o fim de todo o direito; porém, sendo o homem um ser livre e tambem um ser voluntario, nem sempre obedece ás leis, a que como ser racional tem de se sujeitar; e sendo justa a reparação d'esta harmonia e o seu restabelecimento, é tambem justa a lei que obriga os seus subditos ao cumprimento exacto de suas disposições e em último recurso, impondo castigos, sem os quaes a ordem moral se não podia restabelecer; dizemos ordem moral, porque, se a ordem social não fór um extracto fiel e exacto d'aquelle principio regulador, a ordem cessa e a desharmonia apparece, se não aos olhos do vulgo ignorante, ao menos ao philosopho.

Portanto, o direito civil e criminal tendem ambos a coagir os individuos á observancia de seus decretos; differindo comtudo nos processos e em resultado proximo que têm a conseguir.

Aquelle emprega a sua coacção a fim de restituir o que faz objecto dos direitos d'outrem, e que injustamente possuía; emquanto que este corrobora, vivifica estes preceitos, e os das mais leis pela applicação d'um mal; aquelle attende antes á satisfação material, e este á satisfação moral; aquelle, finalmente, diz respeito sómente ao individuo lesado, e este abrange tambem a sociedade, que indirectamente foi offendida pelo crime commettido.

São estes os pontos de separação entre o direito penal e o direito civil, assim como com os outros ramos do direito.

Apezar d'estes pontos de separação, não é possível, o distinguir completamente estas duas especies de direito; em virtude da sua natureza complexa.

Estamos convencidos de que será impossi-

vel, apezar do aperfeiçoamento da sciencia do direito, o distinguir totalmente os seus differentes ramos; porisso que o homem não pôde separar o que a natureza uniu; o mais que se pôde obter, é ampliar o horizonte visual, até se confundir com o racional, ultimo desideratum das investigações humanas.

B. d'Albuquerque e Amaral.

## APOLOGIA DO HOMEM

### II

(Continuado do n.º 8)

Porque é social o homem só porque é homem, e sendo por outro lado moralmente bom o ente, que é social, o homem é inclinado ao bem pelo simples condão da sua natureza. Os attributos divinos alliados em relação á criação; o aspecto do universo, que se inclina respeitosa e com toda a sua magestade, deante do homem; as páginas da historia, em que se acham indelevelmente gravadas as acções generosas da virtude, da honra e da abnegação, quando esta é um empecilho ao trilho da elevada senda indigitada á humanidade, são documentos vivos e testemunhos irrefragaveis da tendencia moral do homem para o bem.

A verdade, porém, não se divisa immediatamente do modo sobredito, é mistér que analysemos o homem em si mesmo, e principalmente nas faculdades, que compõem o seu espirito; pois que é pelo conhecimento distincto de seus elementos immateriaes, que mais facilmente nos compenetrámos de sua natural propensão para a bondade em geral, e especialmente para a bondade moral ou a virtude.

Em conformidade com este plano, que nós propomos, dividiremos as faculdades da alma em tres cathogorias, comprehendendo a primeira a sensibilidade, com todas as suas modificações; a segunda a intellectualidade, procedendo no conhecimento da natureza physica e moral, por todos os modos possiveis; e a terceira a actividade em todas as suas fórmulas de produção e effectos. Com este methodo tentaremos a tendencia de cada uma das faculdades, em si ou absolutamente, e alfim demonstraremos como é que ellas constituem entre si um certo principio, resultado harmonico das tendencias, o qual exprime evidentemente, que o homem é um ser dotado d'uma natureza flexivel, docil, essencialmente progressiva e boa.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

## A ROSA

(TRADUÇÃO DO FRANCEZ DE CASIMIR DELAVIGNE)

Da aurora aos primeiros raios

Uma rosa o seio abria;  
 Nas tenras folhas fulgia  
 Pranto que a manhã chorou;  
 Quando a vi do orvalho ao péso  
 Tristemente estar pendida,  
 Um momento a alma illudida  
 Que ella sentia julgou.

— «Porque choras, rosa tímida,  
 Que desgosto vem curvar-te?  
 És amada em toda a parte,  
 Nos jardins não tens rivaes...  
 Que desgraça então te afflige?  
 Aos prazeres consagrada,  
 Se da hastea és separada  
 Das bellas p'ra o seio vaes.

És buscada com delicia  
 Como entre as flores mais bella...» —  
 E agitando o calix d'ella  
 Os seus prantos saccudi...  
 Ai! minha mão temeraria  
 Ao tocar-lhe a rosa esfolha,  
 E na terra, folha a folha,  
 A pobre desfeita vi!

—Comnosco o mesmo succede—  
 O que deseja, indiscreto,  
 Consolar pezar secreto,  
 Vae o mal tornar maior;  
 Em vez de dar o conforto,  
 Que um pungido peito exige,  
 A sua piedade afflige,  
 Mais augmenta a occulta dor.

Coimbra, 2 de Dezembro de 1839

Eugenio de Barros.

A pedido do nosso amigo e condiscipulo M.  
 J. Vieira transcrevemos do *Funchalense* a se-  
 guinte poesia:

## O CONVENTO DE S. FRANCISCO

Deserta Igreja, onde outr'ora os cantos  
 A Deus se ergueram e orações singelas;  
 Deserta Igreja, que é dos teus encantos,  
 Ricos altares e douradas telas?

D'homens piedosos que do chão te ergueram,  
 E 'nessas campas olvidados jazem,  
 Recinto augusto profanar quizeram  
 Os que de Christo sancto nome trazem.

E trazem nomes dos que ahí repousam,  
 Nomes queridos d'esta pobre terra;  
 E assim profanam, insultar té ousam  
 O templo e os manes que este solo encerra!

Mas ah! de Deus a maldição cahiu,  
 Da ira o calix trasbordava já;  
 D'indignos monges o viver impio  
 Por mão de fogo fulminado está!

Porque ambiciosos, na fraterna lucta,  
 Aos lusos trazem de Cain a herança;  
 De Christo as crenças já o sangue enlucta,  
 Que á voz do monge despertou vingança!

Vingança!... e em Lysia encarniçada fila  
 D'atros combates o fanal soltou;  
 Nas mãos do despota o poder vacilla,  
 E um povo livre os ferros seus quebrou!

É finda a lucta; mas valentes quantos,  
 Romper não viram da victoria o véu?!  
 É finda a lucta; mas envolta em prantos  
 A liberdade sôbre nós desceu!...

Quantos de monge a missão  
 Trocaram pela impiedade,  
 Ateando com maldade  
 O facho d'atroz paixão!  
 Jerusalem caducára,  
 O seu rei apedrejára,  
 Porisso Deus a lançára,  
 Das guerras no turbilhão.

E o fogo desmoronou  
 D'Israel, fastigioso,  
 O aureo templo famoso,  
 Que dos seculos zombou.  
 E no piedoso destino,  
 No oriente, o peregrino  
 Do excelso templo divino  
 Nem sequer um marco achou!

Em paga d'impio clamor  
 Que ergueram monges outr'ora,  
 Eil-os dispersos agora,  
 Quantos da fome no horror...  
 Linda ha pouco, — mutilada  
 Hoje a Igreja profanada,  
 Vêde-a, sem galas, tornada  
 Ludibrio do vencedor!

Como o judaico sacrario,  
Melhor fóra te arrazassem,  
Que nem vestigio deixassem  
De teu misero fadario; —  
Que é dôr vêr escarnecidas,  
Estas cinzas esquecidas,  
Estas paredes despidas  
Pela mão de vil sycario!  
Vandalos, a liberdade  
S'ennobrece co'a piedade,  
E respeita a magestade  
Que respira o sanctuario!!

Não mais do sino da deserta Igreja  
Os dobres espalhára amena brisa,  
Que na palmeira elevada rumoreja,  
Mal a lua nas aguas se deslisa.

Não mais do incenso os rolos perfumados  
Se ergueram á voz d'austero ermita;  
Nem a fé com mysterios venerados  
Aqui á oração crentes excita.

Mas embora não brilhem rubros lumes,  
Nem do orgão s'escutem harmonias,  
Nem da myrrha s'aspirem os perfumes,  
Nem reboem sagradas melodias; —

Mesquinho trovador sóbr' estas lousas,  
Na profunda mudez da solidão,  
D'inculta Lyra vem trazer-te as rosas,  
E quanto pôde um crente, — uma oração!

J. F. de Oliveira.

## NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 10)

### VIII

**Como el-rei D. Fernando esteve em Elvas, e se fizeram pazes e celebraram as vodas entre el-rei D. João de Castella e infanta D. Brites.**

El-rei D. Fernando I veio a Elvas com grande exercito contra D. João I de Castella; a rainha D. Leonor, acompanhando-o, em breves dias deu á luz um filho, que logo morreu.

Acampado el-rei juncto ao rio Caya para offerecer batalha, succederam as cousas de modo, que não se hostilizando, e avistando-se os dous reis, vieram a concertos, assignando-se a paz com a condição de D. João I espousar a infanta D. Brites ou Beatriz.

Em 14 de Maio de 1383 se celebraram estas nupcias. Foram armadas no valle das hortas muitas tendas para alojamento das pessoas reaes e mais individuos, que haviam de assistir.

Sairam no dia, acima mencionado a rainha D. Leonor com a infanta sua filha (el-rei D. Fernando retirou-se doente para Estremoz). A infanta ia adiante, e el-rei D. João, que vinha buscar a rainha, encontrando-se primeiro com a infanta, a saudou com grande cortezia; e, chegando á porta da cêrca velha, que vae para o convento de S. Domingos, depois de uma profunda reverencia, tomou as rédeas da mulla, em que vinha a rainha, e caminharam para o valle das hortas. Acompanhavam a el-rei os grandes de Castella, que ficaram admirados da formosura, ornato e galhardia da rainha D. Leonor, que era, segundo se diz, a mais formosa senhora d'aquelle tempo. Estando na tenda real, publicou o cardeal d'Aragão a dispensação de Roma, e recebeu depois a el-rei D. João I de Castella, e a infanta D. Brites, ou Beatriz, em matrimonio, segundo as ceremonias do Ritual Romano.

Acabada esta acção, seguiu-se o esplendido e real banquete, em que D. Nuno Alvares Pereira mostrou aos Castelhanos, que não era homem de quem se zombasse; pois que, não lhe cedendo o logar que lhe era devido, metteu um pé por baixo da meza, em que os grandes de Castella comiam, e deu com a mesa em terra quasi na presença dos reis, deixando a todos admirados uma tão resoluta acção, sendo preciso para o conter dar-lhe muito repetidas satisfações.

Acabado o banquete, se recolheram os dous esposos para Badajoz, e a rainha D. Leonor para Elvas.

No fim de tres dias se reuniram nas mesmas tendas; houve outro banquete, findo o qual, se despediram, e foram para os seus respectivos reinos.

(Continúa)

M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 9)

### XXIV

Feliz acaso.

Diziamos nós, ao concluir o capitulo antecedente, que oito dias se tinham passado de